



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

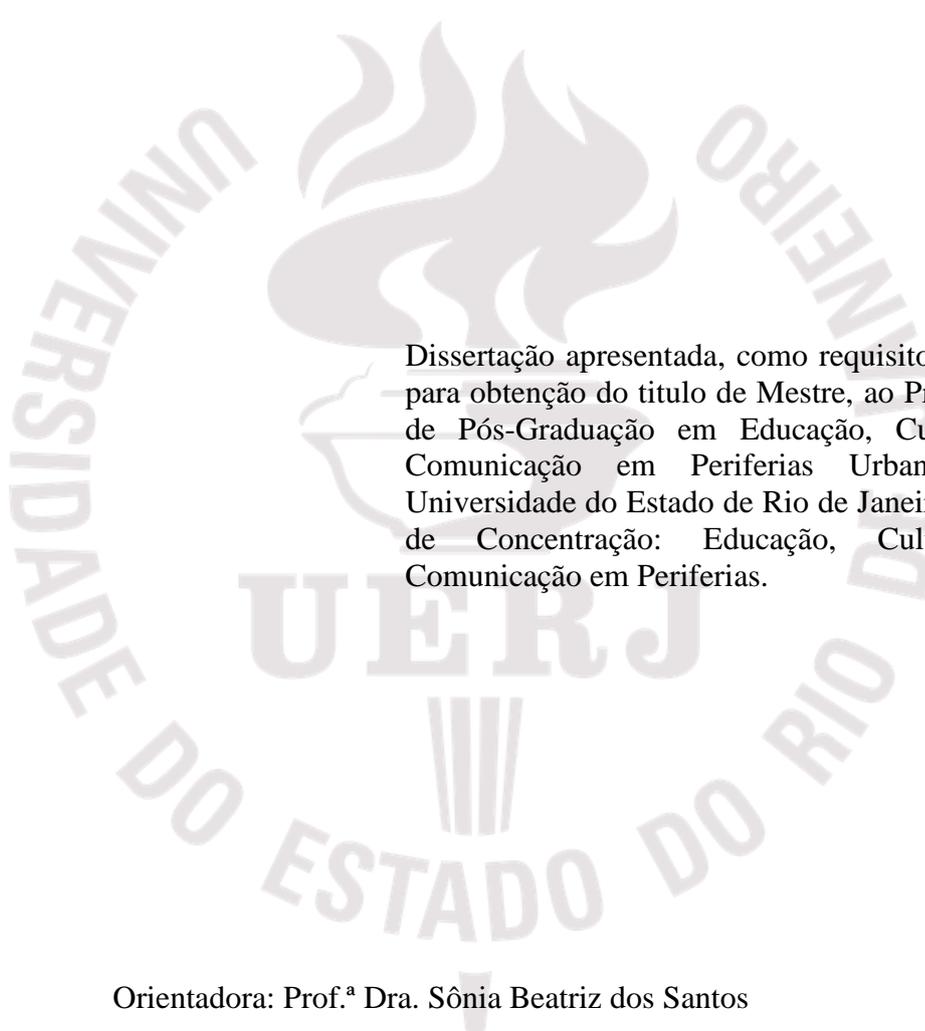
Tatiana Vasconcelos Cordeiro

**O fio ancestral: tecendo narrativas escrevientes**

Duque de Caxias  
2022

Tatiana Vasconcelos Cordeiro

**O fio ancestral: tecendo narrativas escritivas**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Beatriz dos Santos

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

C794 Cordeiro, Tatiana Vasconcelos  
Tese O fio ancestral: tecendo narrativas escritas / Tatiana Vasconcelos  
Cordeiro - 2022.  
150 f.

Orientadora: Sônia Beatriz dos Santos.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Educação - Teses. 2. Oralidade na educação – Teses. 3. Ancestralidade na  
educação – Teses. I. Santos, Sônia Beatriz dos. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 374(815.3)

Bibliotecária: Karla Belchior – CRB7/6126

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,  
desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Tatiana Vasconcelos Cordeiro

**O fio ancestral: tecendo narrativas escritivas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 12 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Beatriz dos Santos (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof. Dr. Luiz Rufino Rodrigues Junior  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima Lima Santos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Duque de Caxias  
2022

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à mãe terra, ancestral de todas nós e extensão de nosso corpo e existência e às mulheres guardiãs de saberes ancestrais que através da oralidade tecem o fio ancestral de nossas narrativas.

## AGRADECIMENTOS

"Uma possibilidade nos dias da destruição."

NASCIMENTO, 2018

Axé,

Licença pra chegar pisando devagarinho,

Nessas palavras, celebro e agradeço à minha ancestralidade que caminhou abrindo matas e portais para que eu estivesse aqui, nesse espaço e tempo contando histórias.

Aos amigos representados aqui por Cesar Chaves de Araujo, Renato Muiraquitã e Auriel dos Anjos, Lady Almeida, Michelle Morgado e Bruna Almeida, partes desse solo repleto de vida onde, por vezes, encontrei força e inspiração.

À minha orientadora, professora Profa. Dra. Sônia Beatriz dos Santos por abrir as portas do mestrado para que eu pudesse escrever essa narrativa de múltiplas existências.

À professora Rozicléa Estevão por tamanha generosidade em cada passo dessa jornada descompassada.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pelo sonho compartilhado de periferias protagonistas, nossas memórias importam, formam, educam e resistem ao racismo epistêmico cotidiano.

Às mulheres guardiãs entrevistadas para essa pesquisa, dona Graça, dona Luiza, Lady Almeida e Amanda Goytacá. Busquei em cada palavra honrar suas histórias e sou grata pela escrevivência compartilhada seguindo o fio ancestral que nos une.

Aos professores que compõem a banca, Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Lima Santos (UFRJ) e Prof. Dr. Luiz Rufino Rodrigues Junior (UERJ), por iluminarem meus passos na qualificação.

Aos parentes todos, como o Rio Muriaé, o beija-flor, a onça-pintada e a urso parda dos olhos negros. Ao pajé que me cuidou, me guiou e perguntou “ela não se lembra não é minha filha? mas ela vai se lembrar” eu respondo em gratidão, eu me lembro.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (com)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, contínuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

*Conceição Evaristo*

## RESUMO

CORDEIRO, Tatiana Vasconcelos. **O fio ancestral**: tecendo narrativas escritivas. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

A presente pesquisa se desenvolve a partir da história de vida e dos saberes compartilhados de quatro mulheres guardiãs de saberes ancestrais ameríndios e afrodiaspóricos em regiões periféricas distintas (Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São Gonçalo), tendo como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres negras e indígenas, rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, em diálogo com a educação e com a relação destas mulheres com tais saberes orgânicos. As entrevistas foram realizadas a partir da escritividade de Conceição Evaristo enquanto escolha metodológica em um cruzamento com a metodologia narrativa na construção do roteiro das entrevistas. Através da abordagem qualitativa, e tendo a transmissão oral de saberes como foco da investigação, as guardiãs anciãs e educadoras/pesquisadoras são as protagonistas na tessitura do fio ancestral dos saberes orgânicos em diálogo com a educação em seu sentido alargado. O trabalho desenvolvido até aqui, e com a pretensão de um maior aprofundamento posterior, nos revela a importância de colaborar com a produção acadêmica pluri epistemológica, privilegiando os saberes tradicionais, a tradição oral e as experiências escritivas de mulheres negras e indígenas em suas práticas cotidianas. Através do contato com as entrevistadas e da pesquisa bibliográfica realizada para a escrita desta dissertação, pude verificar que é possível, embora não seja simples, estabelecer o diálogo entre a educação formal e os saberes herdados por nossos ancestrais, assim como é imprescindível reconhecer a importância de tais saberes em uma luta antirracista e de descolonização da educação dentro e fora da sala de aula. Ao falar das guardiãs anciãs em seus trabalhos comunitários e também das guardiãs professoras-pesquisadoras, deixo claro que foi preciso nomear para citar, mas ficou claro que as guardiãs anciãs são as professoras de todas nós, fonte de nossas memórias vivas, aprendizados e aposta na manutenção dos saberes através da oralidade e também da escrita escritiva dessas narrativas. Esse é o ponto onde essas mulheres se encontram e eu me encontro com os seus saberes. Reverencio as que vieram antes. Salve as guardiãs anciãs, seguimos seus passos e aqui estamos ocupando espaços de produção de conhecimento. A universidade também é nossa.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Educação. Ancestralidade. Oralidade.

## ABSTRACT

CORDEIRO, Tatiana Vasconcelos. **The ancestral thread: weaving writing narratives.** 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

This research is based on the life history and shared knowledge of four women who are keepers of Amerindian and Afro-diasporic ancestral knowledge in distinct peripheral regions (Duque de Caxias, Nova Iguaçu and São Gonçalo). Its objective is to investigate and register the ancestral care knowledge and practices that make up the craft of black and indigenous women, healers, herbalists and educator-researchers, in dialogue with education and with the relationship of these women with such organic knowledge. The interviews were carried out based on Conceição Evaristo's life experience as a methodological choice in a crossing with the narrative methodology in the construction of the interview script. Through the qualitative approach, and having the oral transmission of knowledge as the focus of the investigation, the elderly guardians and educators/researchers are the protagonists in the weaving of the ancestral thread of organic knowledge in dialogue with education in its broadest sense. The work developed so far, and with the intention of further deepening, reveals to us the importance of collaborating with the pluri-epistemological academic production, privileging the traditional knowledge, the oral tradition, and the writing experiences of black and indigenous women in their daily practices. Through the contact with the interviewees and the bibliographical research carried out for the writing of this dissertation, I could verify that it is possible, although not simple, to establish a dialogue between formal education and the knowledge inherited by our ancestors, just as it is essential to recognize the importance of such knowledge in an anti-racist struggle and the decolonization of education inside and outside the classroom. When talking about the elderly guardians in their community work and also about the teacher-researcher guardians, I make it clear that it was necessary to name them, but it is clear that the elderly guardians are the teachers of all of us, the source of our living memories, of our learning, and of our bet on the maintenance of knowledge through orality and also through the writing of these narratives. This is the point where these women meet and I meet with their knowledge. I revere those who came before. Hail to the ancient guardians, we follow in their footsteps and here we are occupying spaces of knowledge production. The university is also ours.

Keywords: Ancestral knowledge. Education. Ancestry. Orality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Rio Muriaé Cardoso Moreira/RJ .....	31
Figura 2 – Filhote de gente e filhote de bicho na roça.....	33
Figura 3 - Eu, aos 4 anos .....	34
Figura 4 - Eu, aos 6 anos .....	34
Figura 5 - Eu, aos 4 anos, em um banho de mangueira .....	36
Figura 6 - Dona Graça e a escolha das ervas para o xarope .....	44
Figura 7 - O cenário com as ervas para a feitura do xarope milagroso .....	45
Figura 8 - Preparo coletivo .....	46
Figura 9 - Outro ângulo do preparo coletivo.....	46
Figura 10 - Fotografia: Dona Luiza e o armário das ervas .....	47
Figura 11 - O armário das ervas.....	48
Figura 12 - Mudanças de plantas e ervas para chás .....	49
Figura 13 - Dona Graça .....	50
Figura 14 - Dona Luíza .....	51
Figura 15 - Sabão. ....	58
Figura 16 - Pomada cicatrizante .....	59
Figura 17 - Ervas separadas para a feitura do xarope .....	61
Figura 18 - Xarope.....	63
Figura 19 - Gel para dores em geral .....	65
Figura 20 - Shampoo e condicionador, naturais. ....	65
Figura 21 - Amanda Goytacá .....	78
Figura 22 - Lady Almeida.....	79
Figura 23 - Mandala dos valores civilizatórios afro-brasileiros .....	93
Figura 24 - Repelente natural e artesanal .....	107
Figura 25 - Hidratante labial, manteiga de cacau e urucum .....	107
Figura 26 - Sinergia aromaterapêutica .....	108
Figura 27 - Perfume Botânico .....	108
Figura 28 - Spray energético, óleo de massagem, tintura medicinal.....	109
Figura 29 - Tintura medicinal - extrato hidroalcolico de plantas medicinais.....	109
Figura 30 – Unguento / pomada artesanal e natural .....	110
Figura 31 - Sinergias aromaterapêuticas .....	110
Figura 32 - Sinergias aromaterapêuticas .....	111
Figura 33 - Fotografia: kumbaya/fumo .....	111
Figura 34 - Ervas secas – Macela do Campo .....	112

Figura 35 - Ervas secas – Erva de São João.....	112
Figura 36 - Breu branco - resina para a defumação .....	113
Figura 37 - Argila branca da Amazônia .....	113
Figura 38 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã .....	114
Figura 39 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã .....	114
Figura 40 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã .....	115
Figura 41 - Ciclo sagrado feminino TekohawMaraka'nã .....	115
Figura 42 - Ciclo sagrado feminino TekohawMaraka'nã .....	116
Figura 43 - Círculo Sagrado Feminino TekohawMaraka'nã.....	116
Figura 44 - Círculo Sagrado Feminino TekohawMaraka'nã.....	117
Figura 45 - Projeto África - Berço da Civilização e da Humanidade.....	118
Figura 46 - Projeto África - Berço da Civilização e da Humanidade.....	118
Figura 47 - Exposição bonecas Abayomi .....	119
Figura 48 - Pirâmide e esfinge.....	119
Figura 49 - A escultura de pirâmide .....	120
Figura 50 - Dança – Carimbó .....	120
Figura 51 - Imhotep - O primeiro gênio da humanidade.....	122
Figura 52 - Roda de Conversa .....	124
Figura 53 - Painel do Projeto África: Berço da humanidade e da civilização. Com Imhotep, símbolos ADINKRAS .....	124
Figura 54 - Livro escrito pelos alunos .....	125
Figura 55 - Livro escrito pelos alunos .....	125
Figura 56 - Centro da Roda de Conversa .....	126
Figura 57 - Roda de Conversa .....	127
Figura 58 - Rio Muriaé.....	135

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>METODOLOGIA</b> .....	22
2	<b>ESCREVIVÊNCIAS DO CORPO-PESQUISA</b> .....	24
2.1	<b>Escrever-viver - Apresentando quem apresenta</b> .....	30
2.2	<b>Quem são as mulheres guardiãs dos saberes ancestrais?</b> .....	37
3	<b>ESCREVIVENDO SABERES ORGÂNICOS COM AS GUARDIÃS</b> .....	43
3.1	<b>Escrevivendo um contexto</b> .....	43
3.2	<b>Escrevivendo um encontro-partilha de saberes</b> .....	43
3.2.1	Dona Graça e o xarope milagroso .....	43
3.2.2	Dona Luíza e as terapias naturais .....	47
3.3	<b>Apresentando as guardiãs a partir de suas narrativas de vida</b> .....	49
3.4	<b>Sobre os saberes orgânicos das guardiãs</b> .....	57
3.4.1	Dona Graça entre xaropes e pomadas .....	57
3.4.2	Ervas mais utilizadas - Mexendo no caldeirão.....	60
3.4.3	“E aí eu me lembrei do xarope da sopa doce da minha vó” .....	61
3.4.4	Dona Luiza entre ervas e fitocosméticos .....	62
3.5	<b>Escrevivências do corpo ancestral</b> .....	66
3.6	<b>A mãe do corpo - Narrativa ancestral compartilhada por Amanda Goytacá</b> ....	71
4	<b>ESCREVIVENDO SABERES ANCESTRAIS E EDUCAÇÃO</b> .....	75
4.1	<b>Escrevivendo um contexto</b> .....	75
4.2	<b>Apresentando as guardiãs professoras-pesquisadoras a partir de suas narrativas de vida</b> .....	77
4.3	<b>Escrevivendo nascimento, infância e adolescência</b> .....	78
4.4	<b>Escrevivendo relação com a família e ancestralidade</b> .....	80
4.5	<b>Escrevivendo o caminho riscado até se tornarem professoras-pesquisadoras</b> ....	82

4.6	<b>Escrevendo saberes ancestrais e educação: narrativas escritas</b> .....	87
4.7	<b>Em busca da Escola aldeia-terreiro - saberes ancestrais em circularidade</b> ....	100
4.7.1	Práticas escritas antirracistas .....	103
4.7.2	Entre práticas, território e espiritualidade - Amanda Goytacá.....	104
4.8	<b>Práticas antirracistas em sala de aula - Lady Almeida</b> .....	117
5	<b>ESCREVIVÊNCIAS CIRCULARES</b> .....	131
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136
	<b>APÊNDICE A</b> - Termo de Consentimento Maria das Graças C. Gomes .....	143
	<b>APÊNDICE B</b> - Termo de Consentimento Luiza M. da Silva .....	145
	<b>APÊNDICE C</b> - Termo de Consentimento Lady C. de Almeida .....	147
	<b>APÊNDICE D</b> - Termo de Consentimento Amanda M. L. Oliveira .....	149

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se desenvolve a partir da história de vida e dos saberes compartilhados de quatro mulheres guardiãs de saberes ancestrais ameríndios e afrodiaspóricos em regiões periféricas distintas (Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São Gonçalo), tendo como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres negras e indígenas, rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, em um diálogo com a educação e com a relação destas mulheres com tais saberes orgânicos.

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência dessas mulheres produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos em diversas áreas como saúde e educação.

A partir desse cenário, é possível dialogar com tais saberes enquanto tecnologia desenvolvida por nossos ancestrais e sua importância em uma luta antirracista e de descolonização da educação ao questionar - quem são as mulheres guardiãs de saberes contemporâneas? Que histórias seus corpos contam? Suas memórias que também são ancestrais estão presentes em suas práticas? Rezadeiras, erveiras, educadoras-pesquisadoras - quais saberes ancestrais e práticas de cuidado carregam hoje em seu cotidiano?

A partir desses questionamentos foram realizadas as entrevistas, visando o diálogo entre esses saberes e considerando o processo colonizador que vivemos e se perpetua até os dias atuais através do racismo epistêmico, da invisibilidade dos saberes populares, além do apagamento cultural e de subjetividades como um máquina de guerra a ser combatida. Para tal, apostamos na educação como estratégia de confluência entre saberes e do necessário alargamento das epistemologias hegemônicas vigentes.

Dessa forma, a pesquisa está dividida em 3 capítulos. No primeiro, temos uma breve apresentação da pesquisadora e também em um contexto mais amplo quem são as guardiãs de saberes ancestrais. Neste capítulo situo também a escrevivência do corpo-pesquisa, trazendo o conceito criado por Conceição Evaristo (2020a) e que compôs a minha escrita assim como

as entrevistas realizadas com as mulheres da pesquisa.

A segunda parte é composta pela apresentação de duas guardiãs anciãs, onde relato como foi a minha chegada ao campo para realizar as entrevistas e um percurso através das memórias, narrativas e saberes orgânicos (SANTOS, 2019) dessas mulheres.

Na terceira parte, faço a apresentação das duas guardiãs professoras-pesquisadoras, escrevendo suas memórias da infância, família e ancestralidade, assim como a formação e práticas em sala de aula ou campo e como essas experiências se constituem enquanto saberes ancestrais operando em suas práticas de ensino. Optei por me referir a ambas como professoras-pesquisadoras, entendendo que cada uma, em sua área de atuação, dentro ou fora de sala de aula, promove atividades de ensino e pesquisa.

Neste capítulo dialogamos também sobre como podemos pensar a presença dos saberes ancestrais na escola/educação formal, através da existência negra e indígena dos que lá estão - alunos, professores e todo o corpo da escola, todos com suas histórias, memória e ancestralidade, é mais que possível - é urgente e necessário, que essa escola possa também se tornar uma escola aldeia, uma escola terreiro. Encerro o capítulo trazendo registros de atividades desenvolvidas pelas professoras-pesquisadoras em escola formal e em educação popular promovendo práticas antirracistas na educação.

Optamos por trabalhar conceitos teóricos em diálogo com as entrevistadas ao longo dos capítulos por compreender que esse caminho aproxima a pesquisa de uma escrevivência, o que está de acordo com o caminho metodológico escolhido.

### **Autoria e escolha do tema**

Em minha trajetória pessoal e profissional como mulher negra e também de ascendência indígena, psicóloga e terapeuta de família e casal sempre estive atenta ao impacto dos processos sociais na subjetividade de homens e de mulheres e na forma como o funcionamento deste sistema atua na saúde física e mental de forma coletiva e individual.

Buscando uma compreensão sistêmica sobre o nosso funcionamento psíquico fui avançando da clínica psicológica individual para as rodas de conversas mistas e ao observar que alguns padrões de adoecimento das mulheres tinham sua origem em processos de somatização, busquei participar de círculos de mulheres e de ginecologia natural para um aprofundamento.

Ao tomar conhecimento da existência dos círculos que estavam ocorrendo preponderantemente na Zona Sul comecei a interagir com estes, quando observei que, embora

a dinâmica das rodas se baseasse na partilha de saberes tradicionais de povos negros (africanos/afro-brasileiros) e indígenas para a saúde da mulher, esses encontros eram formados por mulheres brancas de classe média e média alta em sua grande maioria, sem a menção de que tais saberes compunham o ofício ancestral de mulheres negras e indígenas.

Nesses encontros, observei que os conhecimentos ali compartilhados, quase em sua totalidade, não eram citados como tendo sua origem nas sabedorias dos povos indígenas e africanos e/ou afrobrasileiros, que possuem um vasto conhecimento botânico utilizado e mantido vivo por parteiras, rezadeiras, benzedeiras e erveiras de diversas tradições em suas práticas de cura.

O meu estranhamento inicial fez com que eu procurasse interagir com círculos de mulheres no subúrbio do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense por acreditar que encontraria nesses espaços uma maior representatividade e protagonismo de mulheres negras e indígenas.

Em 2016, comecei a frequentar rodas de conversa mistas e migrei para os círculos de mulheres com um desejo de me aprofundar nos saberes femininos. Embora o clima criado pela facilitadora dos encontros fosse de acolhimento e trocas, geralmente não havia espaço para pautas políticas, havendo claramente uma escolha por parte dessas mulheres de manter o círculo de mulheres voltado para temas de autoconhecimento, ginecologia natural e espiritualidade feminina sem estar atrelado a política. Eu ainda não sabia, mas grande parte do meu incômodo era justamente por saber que essa cisão não é possível.

Estar em roda com outras mulheres, falar dos cuidados com o corpo de uma forma natural e autônoma é em si mesmo um ato político. Colocar a mulher como protagonista das escolhas sobre o seu corpo, sexualidade e saúde reprodutiva, é um ato político e não há como separar do processo subjetivo de autoconhecimento e identidade. No entanto, já estávamos vivendo uma conjuntura política delicada em nosso país que chegou ao ápice em 2018 com as eleições presidenciais, seguida de pautas machistas, sexistas, de perseguição dos movimentos identitários, feministas e indígenas e seus respectivos saberes e tradições.

Ainda em 2017 participei do IV Festival Sul Americano dos Sagrados Saberes Femininos • Medicinas da Mãe Terra em Curitiba/PR e ali foi o meu primeiro contato com as *abuelas* da América Latina, mulheres medicinas da Colômbia, Venezuela, Uruguai, Peru dentre outros países que viajam o mundo partilhando os saberes de seus povos para preservação da sua memória. O contato com essas mulheres tornou ainda mais forte a minha percepção de que não só partilhamos de um berço de sabedorias ancestrais como esse berço extrapola as fronteiras de nosso país e se conecta com as tradições de diversos países latino-

americanos, como por exemplo, a Bolívia, onde foi implementada a Política Nacional de Salud Familiar Comunitaria e Intercultural (SAFCI), como parte de uma proposta de saúde para todos surgida na década de 70 a partir da Declaración de Alma Ata 1978 onde há o compromisso de atuar junto a medicina tradicional ancestral como nos conta Hinojosa:

Para a implementação desta política, o Estado Plurinacional da Bolívia é o único país da região das Américas que conta com o Vice-Ministério de Medicina Tradicional Ancestral e Interculturalidade, como parte do Ministério da Saúde; onde se concentram os esforços para viabilizar a complementaridade de conhecimentos entre a medicina tradicional ancestral e a medicina convencional institucional, conforme estabelecido pela política da SAFCI; superar a exclusão social histórica dos povos e comunidades indígenas, a partir da interculturalidade como ferramenta de diálogo e inclusão para os setores mais vulneráveis da sociedade boliviana. (HINOJOSA, 2020, p. 172-173)<sup>1</sup>

Em 2019 participei do 6º Encontro Mundial de Círculos de Mulheres - as novas irmandades na Floresta dos Unicórnios, Carapicuíba/SP. Esse novo formato de festival me trouxe novamente questionamentos sobre a apropriação de tais saberes e seu uso sem que a memória de seus povos fosse preservada como um patrimônio social e cultural.

Presentes nos encontros estavam mulheres e homens indígenas, de diversas etnias, expondo seus trabalhos artesanais e compartilhando das atividades das oficinas. Mas não fazia sentido para mim ao entrar nos espaços onde as vivências aconteciam que estas fossem guiadas por pessoas brancas ou não indígenas, que estavam ali falando da cultura e relação de respeito com a natureza desses povos tradicionais. No entanto, considerando que mulheres negras e indígenas estavam presentes no evento, por que não eram elas as protagonistas? A resposta a esse questionamento passa pela compreensão do racismo epistêmico e da colonialidade que atua silenciando povos e culturas afrodiáspórica e indígena, na tentativa de manter uma narrativa única.

No entanto, existem diversas narrativas de povos e estes estão vivos e podem falar por si:

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente (KRENAK, 2019a, p. 30-31).

---

<sup>1</sup> Este trecho foi traduzido da obra em questão.

Recordo-me inclusive de uma situação em que enquanto aguardávamos a palestrante, aproveitamos para conversar com um indígena da aldeia *KaririXocó* localizada no estado de Alagoas/Maceió e com uma indígena da reserva do Xingu/Mato Grosso. Ao pegar o tambor para tocar, uma das presentes perguntou se não seria errado que ele tocasse o tambor de outra pessoa pois havia aprendido que é necessário pedir permissão e ele respondeu calmamente “mas eu sou o indígena aqui, eu tenho permissão”. Explicou ainda que aquele tambor não faz parte das nossas tradições e sim seria um instrumento nativo dos indígenas norte-americanos para marcar o pulsar da terra, perguntou se ela sabia como algumas etnias de indígenas brasileiros faziam essa marcação e ela disse não saber, no que ele se levantou e mostrou que é com os pés, batendo os pés em tempos regulares no chão e nos convidando para uma roda, demonstrando na prática um saber ligado ao seu povo.

Em 2020 participei do V Festival Sul Americano dos Sagrados Saberes Femininos • Medicinas da Mãe Terra já no formato online em decorrência da pandemia e mais uma vez reafirmei a visão de que há uma conexão entre tais saberes ancestrais e as vivências que aconteciam como atividades do festival.

O Festival Sul-Americano dos Sagrados Saberes Femininos • Medicinas da Mãe Terra reforçou seu compromisso com os saberes ancestrais indígenas e negros, criando uma estrutura, atuando nos bastidores e tecendo espaços onde 42 mulheres, entre elas indígenas, mulheres negras, anciãs, raizeiras, benzedadeiras pudessem partilhar seus conhecimentos em forma de cantos, rezos, cerimônias e vivências, além de múltiplas manifestações artísticas como tecelagem e pintura.

Além disso, parte da renda arrecadada com as inscrições no festival foram destinadas a três aldeias indígenas - tupinambá, pataxó e *Yawanawa* - e comunidades quilombolas, projetos de raizeiras, curandeiras e mulheres em vulnerabilidade social e precariedade menstrual (sem acesso a absorventes para seu período menstrual), recebendo a doação de bioabsorventes.

Esse é o cenário da pesquisa a ser desenvolvida a partir de um incômodo, uma inquietação e o mergulho nos estudos das medicinas das florestas mantidas vivas nas práticas das mulheres; é sobre encantamento e reencantamento de vida, suspender o céu, adiar o fim do mundo e também sobre o alargamento das epistemologias com as quais dialogamos, sobre práticas antirracistas e o meu olhar de pesquisadora aprendiz buscando a costura entre a objetividade das teorias e a subjetividade que compõe nossas histórias, memórias e re-existências.

## Escrevivências iniciais

A partir dessas reflexões e sendo eu mesma uma mulher negra, descendente de um encontro entre negros e indígenas, urbana, e, que se relaciona com círculos de mulheres e saberes ancestrais nesse contexto, considero importante direcionar o foco da pesquisa para as mulheres guardiãs desses conhecimentos e memória em contexto urbano, tendo como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres negras e indígenas, rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, em um diálogo com a educação e com a relação destas mulheres com tais saberes orgânicos.

Para uma maior compreensão deste processo discriminatório dentro dos círculos de mulheres cito Torres (2018), ao relatar que após ter contato com o feminismo negro e os pensamentos decoloniais e de sua ida ao campo de deparou com novos questionamentos:

Por que pouquíssimas mulheres negras e indígenas têm participado dos Círculos de Mulheres? Por que não se discutia especificamente as violências que as mulheres negras e os povos indígenas vivem? De que classe social são as mulheres que participam nos círculos? Se a metodologia vem dos encontros femininos das mulheres indígenas, por que as facilitadoras não são indígenas? Para quem é escrita a bibliografia sobre círculos de mulheres? O que acontece com as mulheres trans e as outras subjetividades que se consideram mulheres para entrar nos círculos? Fala-se nos círculos de mulheres da comunidade LGBTI? (TORRES, 2018, p. 213)

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência de mulheres rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos ancestrais relacionados à saúde e ao bem viver coletivo/comunitário.

A partir desse cenário, é possível dialogar com os saberes ancestrais enquanto tecnologia desenvolvida por nossos antepassados e sua importância em uma luta antirracista e decolonial que reconheça os saberes que foram invisibilizados e seguem sendo postos à margem. e aqui falo de ancestralidade enquanto pertencimento a uma linhagem onde os saberes são transmitidos de forma geracional e também à manutenção dessa prática na vida da comunidade como podemos ver nas palavras de Kopenawae Albert (2015):

Eu não tenho velhos livros como eles, nos quais estão desenhadas as histórias dos meus antepassados. As palavras dos *xapiri* estão gravadas no meu pensamento, no mais fundo de mim. São as palavras de *Omama*. São muito antigas, mas os xamãs as renovam o tempo todo. (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 65)

Já na relação dessas mulheres com o território, Haesbaert (2020) nos ajuda a ampliar a compreensão desta para uma visão que também é simbólica, ou seja, não é apenas o território geográfico e sim o exercício de um olhar sobre o território enquanto espaço identitário, ancestral e subjetivo, onde múltiplas e sutis conexões acontecem entre as pessoas que ali vivem e dessas pessoas com sua espiritualidade.

Ao contrário de muitas geografias de matriz eurocêntrica, especialmente a anglo-saxônica, que prioriza as propriedades jurídico-políticas do território a partir da ação dos grupos hegemônicos (o território como “tecnologia de poder” (ELDEN, 2013)), na América Latina o território é lido frequentemente no diálogo com os movimentos sociais, suas identidades e seu uso como instrumento de luta e de transformação social (HAESBAERT, 2020, p. 76).

O eurocentrismo presente na produção de um conhecimento único seria determinante para a escolha de pesquisas e produções acadêmicas e científicas (KILOMBA, 2019), importando dessa forma, investigar sobre qual conhecimento estamos falando, feito por quem e a partir de quais crenças sobre o que é científico ou não. A autora contribui de forma contundente para a compreensão da estrutura social desigual reproduzida no ambiente acadêmico e também do impacto das crenças sobre a superioridade do conhecimento científico europeu na produção e na subjetividade de homens e mulheres negros e indígenas que tem seus trabalhos avaliados como de menor relevância ou critério científico.

Questionar fontes, metodologias e objetividade de pesquisas realizadas por pessoas negras e indígenas é uma tentativa de assegurar a permanência do controle da produção de conhecimento em mãos europeias. Kilomba (2019, p. 55) deixa isso claro ao afirmar que assim sendo, “o sujeito branco é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que ele está classificando como “menos inteligente”.

Podemos compreender assim o epistemicídio enquanto negação dos saberes – principalmente saberes populares - que são produzidos fora da universidade e dos critérios estabelecidos e aceitos como científicos e universais, mas que na prática dizem respeito ao domínio branco e ocidental no poder. Ao dizer que tal saber não tem metodologia científica ou é demasiadamente subjetivo, reproduz-se o racismo epistêmico e uma visão colonial do conhecimento; este é o sentido de epistemicídio nos termos de negação da produção epistemológica de negros e indígenas e que inclusive, e tão importante quanto,

produz impacto não apenas intelectual de acesso a esses saberes como também na subjetividade dos grupos sociais invisibilizados.

Ao operar na anulação do outro e, portanto na negação da sua própria existência, a violência do processo de colonização tem seu alcance não apenas no aspecto físico, violentando corpos de homens e mulheres negros (e indígenas), como também no aspecto psicológico e de anulação de identidade desse sujeito, de suas referências, conhecimento e ancestralidade, esvaziando assim sua própria capacidade de se reconhecer enquanto ser social para que possa ser subjugado como o outro inferior (KILOMBA, 2019, p.54).

Sobre a visão indígena, a negação da pluralidade epistemológica vem causando destruição e morte ao longo de séculos de hegemonia europeia. É preciso então abrir-se à pluralidade, acessando saberes que são vividos a partir de uma visão outra, onde não há o afastamento do humano do não humano e a saúde não é um produto mercantil. Para falar dessa visão de mundo, é necessário invocar a interdependência de todas as coisas, acessando o entendimento de que todos os seres estão interligados. Tal visão de mundo permite compreender que a destruição do planeta é a nossa própria destruição. Nas palavras de Krenak:

Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra. Com todas as evidências, as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécies em extinção aumentando, será que a única maneira de mostrar para os negacionistas que a Terra é um organismo vivo é esquartejá-la? Picá-la em pedaços e mostrar: “Olha, ela é viva”? É de uma estupidez absurda. (KRENAK, 2020a, p. 18)

A visão ancestral de cuidados com a saúde não pode ser vista como uma técnica e sim como uma visão de mundo a partir de um saber sistêmico apoiado em uma existência e experiência indígena e africana/afro-brasileira. Falamos aqui de mapas e cartografias de saberes dos terreiros e dos povos das florestas que são múltiplos em memória, práticas e cuidados. Nesse sentido, pensamos os saberes ancestrais como resistência territorial, ao se verificar, por exemplo, que há no quintal uma planta/erva que nos sirva como tratamento através de chás ou vaporizações, é necessário refletir afinal quem as plantou, qual ancestral cuidou para que ela estivesse ali?

O resgate dos saberes ancestrais é uma proposta de justiça epistêmica, pois é preciso descolonizar a saúde e a academia, não só para que se possa reconhecer teóricos e saberes distintos dos oficiais, mas também para reconhecer o impacto, por vezes destrutivo, de nossas pegadas no planeta e buscar urgentemente formas de adiar o mundo. É preciso descolonizar o

conhecimento europeu imposto como universal que construiu uma epistemologia com base na negação ou epistemicídio dos demais povos como afirma Grosfoguel(2016):

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo (GROSFOGUEL, 2016, p.25).

Krenak (2020a) descreve que diferente das alternativas buscadas até o momento a partir da visão eurocêntrica de consumo e exploração, suas afirmações sobre a vida não ser útil e a constatação de que o nosso amanhã não está à venda são ressoantes em uma visão de mundo coletiva de integração e justiça epistemológica global.

Alguns povos têm o entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspender o céu (...). Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo o que era preciso para viver (KRENAK, 2020a, p.45-46).

A possibilidade de contar mais uma história, de manter viva a narrativa e o saber orgânico de muitos povos nos aproximam de uma memória compartilhada e revisitada como afirma Kopenawa (2015) acerca da atenção às narrativas dos antepassados indígenas: “[...] busco no fundo de mim as palavras desse tempo distante em que os meus vieram a existir. Pergunto-me como seria a floresta quando era ainda jovem e como viviam nossos ancestrais antes da chegada das fumaças de epidemia dos brancos” (KOPENAWA,2015,p.74).

No entanto, se a visão indígena e africana nos fala sobre acapacidade de sonhar e se conectar aos elementos da natureza, perder tal possibilidade é também o que torna possível uma vida utilitária onde consumimos o mundo, o devoramos e a nós mesmos. Nesse sentido, Kopenawa (2015) nos falam da relação íntima com os elementos da natureza e do aprendizado que acontece nas experiências cotidianas:

Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro de vida dos meus antigos com o pó de *yākoana* que me deram. Foi desse modo que me transmitiram também o sopro dos espíritos que agora multiplicam minhas palavras e estendem meu pensamento em todas as direções. Não sou um ancião e ainda sei pouco. Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos (KOPENAWA, 2015, p.76).

Aspiro que possamos caminhar na partilha dessas narrativas e, posterior análise de memórias e histórias, colaborando com o fim de uma história monocultural, solo fértil do racismo epistêmico. Que eu siga honrando minhas ancestrais negras e indígenas ao falar com elas e não por elas, para que suas vozes e saberes sejam ouvidos e não mais silenciados.

## 1 METODOLOGIA

A pesquisa que realizei através da abordagem qualitativa, tem a transmissão oral de saberes utilizada como foco da investigação a partir das entrevistas realizadas com as mulheres reconhecidas como guardiãs da memória e dos saberes ancestrais, ou seja, nesta pesquisa são as erveiras e também educadoras/pesquisadoras na linha de frente da criação de práticas antirracistas em suas comunidades, considerando como ponto fundamental à identidade dessas mulheres, a relação estabelecida com o corpo, a memória e a ancestralidade em seu território assim como o diálogo de tais saberes que pautam as práticas antirracistas e descoloniais com a educação. Os critérios escolhidos para a escolha das entrevistadas foram a autoidentificação dessas mulheres situando suas histórias de vida relacionadas às práticas educativas e de cuidado a partir dos saberes ancestrais e/ou a partir do reconhecimento de sua comunidade em indicá-la como possível entrevistada por sua atuação no território/comunidade ao qual pertence.

Os tópicos do roteiro contemplam os objetivos da pesquisa, ao dialogar com as narrativas das entrevistadas escrevendo seus saberes em relação à suas experiências de vida, escrevendo memórias de nascimento, infância e adolescência, relação com a família e ancestralidade; memórias ligadas a transmissão de tais saberes; assim como suas experiências e práticas desenvolvidas. Tal abordagem foi pensada para garantir que as mulheres pudessem, de forma espontânea, compartilhar suas experiências, memórias e saberes.

Ao longo dos capítulos, utilizamos muitas citações, entrevistas e registros online, o que está de acordo com o conceito de escrevivência. Esses registros estão disponíveis na internet, não necessariamente em artigos acadêmicos e sim no formato de entrevistas em eventos que foram transcritos.

Da mesma forma, todas as entrevistadas optaram por utilizar seu nome verdadeiro para contarem suas histórias em primeira pessoa, o que também se alinha com a proposta de escrever suas vivências.

As fotos disponibilizadas foram registradas por mim ou são fotos das próprias entrevistadas, registros de atividades realizadas pelas mesmas e divulgadas em suas redes sociais. Todas concordaram em ceder as imagens para compor a pesquisa.

As entrevistas realizadas seguiram um roteiro semi-estruturado com temas organizados em categorias criado com base no roteiro desenvolvido para a entrevista narrativa com o objetivo de acessar as narrativas a partir das memórias das entrevistadas.

Sendo assim, as entrevistas foram realizadas a partir do cruzamento da escrevivência (EVARISTO, 2020a) com a metodologia narrativa utilizada na construção do roteiro das entrevistas.

De acordo com a metodologia narrativa, a pesquisa é um cruzamento entre as histórias de vida que são contadas e vivenciadas na interação “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011 *apud* SAHAGOFF 2015, n.p.).

Tal visão de protagonismo das narrativas torna a metodologia narrativa uma preciosa ferramenta para a educação assim como para as pesquisas em educação, pois a aprendizagem ocorre através das experiências e as narrativas, a oralidade, as tradições ancestrais que nos circulam, são estratégias potentes de vida e existência em diálogo com a escrevivência em seu sentido original de escrever viver - viver escrever.

A escrevivência enquanto escolha metodológica em diálogo com a metodologia narrativa foi se desenhando enquanto fazia algo que não sabia nomear, uma escrita que parte da minha relação com o campo, de uma busca pessoal acadêmica de compreensão e descolonização de saberes - que me reposicionou diante da minha própria escolha. Compor uma escrita negra-indígena em território periférico, dialogando com mulheres negras e indígenas torna a escrevivência não só um conceito, mas um caminho metodológico e uma porteira, um modo de ser e realizar a pesquisa-escrita a partir das escrevivências desse corpo-pesquisa.

## 2 ESCRIVIVÊNCIAS DO CORPO-PESQUISA

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente” (BOKAR<sup>2</sup>, 1957 apud BÂ, 2010, p. 167).

E da narrativa circular que flui no encontro da minha vida com a vida dessas mulheres me alembro e me sento em roda para contar essa história. Mas, de que maneira posso contá-las? Como posso abraçar o convite que me foi feito sem me perder no caminho? “O que você acha de se colocar mais na sua pesquisa?” Aqui está, eu acho um assombro, uma porteira que abre caminhos encruzilhados entre as minhas experiências e as histórias das mulheres entrevistadas. Muito então entrego aqui, vivendo, escrevendo, escrevivendo.

Aqui estou em corpo, memória e relação com os ancestrais nos espaços que me constituem, como nos convoca a mestra Conceição Evaristo (2020a) em uma entrevista ao Itaú Social durante a realização de seminário e lançamento de uma publicação dedicados a pensar sobre as escrevivências<sup>3</sup>:

É uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência. (EVARISTO, 2020a, n.p.)

Muito do que havia planejado ficou pelo caminho e outros caminhos foram se abrindo a partir das entrevistas e histórias partilhadas, afirmando que de fato é esse contato que constrói a pesquisa, palavra por palavra. Atentar e reconhecer os percalços, mudanças de rota e percurso ao longo da pesquisa me fez confrontar as expectativas irreais que nutria e entregar à terra qualquer desejo de controle das variáveis. Não se pode controlar uma história, são vivas e se movimentam, passam por nosso corpo, gestuais, ritmo e cadência da fala, memória, sopro dos ancestrais até chegar à palavra - escrita ou falada.

<sup>2</sup> Tierno Bokar, etnólogo malinês, falecido em 1940, tradicionalista em assuntos africanos, afirmava que os anciãos são fontes de compreensão dos elos entre o passado e o presente das comunidades tradicionais na África ocidental, centradas na oralidade.

<sup>3</sup> Conceito criado por Conceição Evaristo no livro “Ponciá Vicêncio” (2003).

Eu estava escrevendo a minha pesquisa e não sabia. Gestando palavras e histórias que se cruzam com as de tantas outras mulheres, memórias compartilhadas de ensinagens (FERREIRA, 2021) da infância na minha casa, que também pode ser a sua. E assim reencontrei Conceição Evaristo e o que estava represado foi dançando entre as brechas do tempo espiralar (MARTINS, 2021) e se transformando em palavras.

Sentei para ouvir as mulheres que entrevistei e o que faziam diante de meus olhos era escrevivência, sentei para escrever as palavras ouvidas e gravadas em áudio e o que eu fazia ali ao costurar essas histórias com as minhas escrevivências. Acessando minhas memórias e ouvindo a menina que eu fui, antes da escrita no papel ou computador, o exercício de falar, gravar e ouvir. E foi assim que chegamos aqui, escrevivendo, escrevendo, sendo e vivendo.

Ao criar o termo escrevivência, Conceição Evaristo deixa claro que em sua escrita está impressa a condição não só feminina, mas de uma mulher negra, portanto, sua escrita é atravessada por esse reconhecimento e por sua subjetividade; também marcada pela crítica social, memórias e ancestralidade. Nesse sentido, recorrer à escrevivência enquanto metodologia de pesquisa atende ao que essa pesquisa tem como objetivo, a saber, investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres negras e indígenas, rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, em um diálogo com a educação e com a relação destas mulheres com esses saberes orgânicos.

O que é, afinal, a escrevivência? É escrever-viver, é escrever se vendo, nesse reconhecimento que aqui se dá através da narrativa das entrevistadas, criando pontes de conexão e de reconhecimento enquanto ouço suas histórias em diálogo com a minha própria trajetória de vida. Evaristo (2020a) situa que a escrevivência se realiza como um ato de escrita das mulheres negras escravizadas

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (EVARISTO, 2020a, n.p.)

E estou aqui, nessa pesquisa, dialogando com as mulheres negras e indígenas, herdeiras das mulheres que tinham que contar suas histórias para a Casa Grande, as escravizadas, subalternizadas e silenciadas. Ancestrais que não puderam contar suas histórias livremente para os seus pois precisavam cuidar, ninar e contar histórias aos futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. (EVARISTO, 2020a)

Uma das entrevistadas, a professora pesquisadora Lady Almeida narra que:

*Até na pesquisa que eu estou trabalhando, que é sobre violência contra a mulher, de uma maneira geral a gente tem como metodologia a escrevivência, que é a partir das narrativas delas, então acho super importante. Por exemplo, eu utilizo a escrevivência como metodologia para essas pesquisas, eu utilizo a escrevivência também como prática pedagógica com os meus alunos, estimulando, por exemplo, que eles escrevam, narrem a partir de suas vivências (Almeida, entrevista online, 2022).*

Sendo assim, a escrevivência está para além de um conceito, ela é uma metodologia sobre como pensar a interseccionalidade, por exemplo. Ela é realmente uma prática, um fazer, é uma metodologia que se amplia em múltiplos sentidos de escrita, não é uma escrita morta, é uma escrita viva que se relaciona com a vida de tudo ao redor, o sentir, o viver e fazer das pessoas, uma escrita viva para ser também realizada na prática em sala de aula, em rodas, encontros, oficinas e grupos.

Compreendendo a escrevivência como o ato de transformar a vivência em escrita, ao escrever aquilo que é da minha experiência e das experiências dessas mulheres, estou falando sobre tudo aquilo que está grafada em nossos corpos e dificilmente será traduzido com maestria pela escrita; estou narrando escrevivências do corpo, ou o que Evaristo (2020a) vai chamar de uma poética do corpo, uma performance:

*Eu quero escrever o mais próximo possível da oralidade. E sem perder essa noção de que estou trabalhando com a arte da palavra. O texto oral me seduz muito porque existe, por exemplo, uma poética do corpo, uma poética da voz. Isso me chama muita atenção, me seduz muito. Eu lembro muito da expressão da minha mãe, das frases suspensas da minha tia, que já faleceu, do meu tio velhinho que quando contava uma história, se o personagem caía no chão, ele também se jogava no chão. Interessante porque o pai da minha filha, o meu falecido esposo, também tinha muito essa performance, de contar muito com o corpo (EVARISTO, 2020a, n.p.).*

Assim também foi o caminho da escrita a partir da história contada por essas mulheres. Como explicar a pausa, a entonação da voz e do gesto? Como pôr em palavras o ombro que sobe para expressar a ansiedade ou agitação, ou que se curva para dar conta de sua

dor? Como a minha escrita poderia querer dar conta da história que o corpo das mulheres me contava?

Como a escrita, se a gente for pensar, é uma traição do corpo... Por mais que você queira, a escrita não traduz o seu corpo. A escrita é silenciosa, ela é sozinha, ela requer que o outro sujeito saiba ler para perceber essa escrita. Já um texto oral, não. O olhar, o gesto, a palavra suspensa no ar. Por exemplo: quando se pergunta à minha mãe alguma coisa e ela só diz: “Hum!” Você deduz esse “hum!” dela dentro de um contexto. Você deduz o que ela quis dizer. Desde o fato dela estar colocando uma dúvida no que você fala, como também ela pode estar dizendo: “Eu não vou perder tempo com isso, não vou responder”, então ela diz: “Hum!” Observar e lidar com essa performance do corpo, foi muito importante no sentido de buscar essa palavra desesperadamente, para traduzir essa performance, ou até para trair essa performance, na medida que a palavra não dá conta (EVARISTO, 2020a, n. p.).

“A palavra não dá conta” é o que fica ressoando em mim na tentativa de expressar com essas mesmas palavras o contato e as ensinagens que nascem do encontro com todas essas mulheres que falam de corpo inteiro. É a escrita de saberes femininos, negros e indígenas, nascentes na floresta, no terreiro e na esteira, certeza de que “nunca haverá uma filosofia africana, apenas a partir de um livro da Europa. A intelectualidade africana começa na esteira” (CHIZIANE, 2014, n.p.).

Machado (2020) vai falar ainda que essa esteira é o chão ao qual pertencemos, com nossos saberes e experiências de vida e onde também tecemos histórias, não apenas com a boca que fala, mas, de corpo inteiro que se expressa e conta com todos os seus sentidos despertados, essas são as memórias ancestrais que tecemos em nossa própria vida. Memórias vivas que pulsam em movimento de descolonização de saberes.

Sobre o corpo da mulher negra, Evaristo (2020a) ao pensar na escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, retorna à imagem fundante desse conceito que é a Mãe Preta, a mulher negra escravizada para cuidar da família do colonizador, de suas refeições e de suas crianças, tendo seu corpo silenciado em suas dores e carregando os bebês que cuidavam no colo, essa mulher preta, ainda devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (EVARISTO, 2020a, p.30). É sobre esse corpo e essa mulher que a escrevivência fala.

A escrevivência traz uma proposta de contação de histórias, em que tanto a memória como o cotidiano se transformam em escrita, essas histórias de mulheres negras, essas vidas silenciadas sobre aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são histórias feitas para incomodar, nesse sentido a escrevivência também é uma provocação e de uma

forma poética seria brincar com palavras para incomodar àqueles que não querem ver essas realidades representadas na ficção.

E mais, a escrevivência é também uma desobediência epistêmica, uma vez que para uma mulher negra escrever partindo de sua subjetividade, realidade e vida, é necessário romper com a colonialidade em alguma medida ao se tornar a protagonista da sua história, denunciando a invisibilidade que lhe foi imposta, aí está a importância da escrevivência (LEITE e NOLASCO, 2019). Além do mais, como a própria Conceição Evaristo (2020a) vem nos dizer: “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020a, p.30).

Aqui, entre uma poética do corpo, escrevivências do corpo e sua performance, me encontro com Conceição Evaristo e Lêda Maria Martins; seus saberes se cruzam de forma espiralar.<sup>4</sup> Lêda Maria Martins nos conduz a caminhar por entre encruzilhadas, espirais, ancestres, vivências orgânicas e oralituras ao afirmar em seu artigo *Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória* (2003), ser este um convite para “pensarmos a memória em um de seus outros ambientes, nos quais também se inscreve, se grafa e se postula: a voz e o corpo, desenhados nos âmbitos das performances da oralidade e das práticas rituais”.

Não seria possível aqui falar de escrevivência sem falar das encruzilhadas de Lêda Martins e no campo epistemológico no qual se debruçou e vem desenvolvendo sua pesquisa sobre o corpo-tela e o tempo espiralar em diálogo com a oralitura:

No âmbito das oralituras, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou, ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo. O gesto, como uma poiesis do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos. (MARTINS, 2021, p.86)

O que nomeio aqui como escrevivência do corpo-pesquisa é nada mais que me situar com todos os meus sentidos, gestos, expressões e falas oral e escrita em minha pesquisa ao ouvir todas as mulheres, com suas falas, gestos, silêncios, corpos, pausas e emoção, marcando o lugar da escrevivência enquanto escrita subjetiva e ao mesmo tempo coletiva. Assim sendo, a escrevivência não seria uma escrita narcísica, já que o espelho de narciso não

---

<sup>4</sup> De encontro a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimento de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades das curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, p. 23)

nos reflete - nós, mulheres negras e indígenas. Logo, a construção da narrativa escreviente se relaciona com o espelho de Oxum e Iemanjá, espelho este que reflete nossa história, beleza, poder e protagonismo:

Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020a, p. 39)

Sobre a memória, não falo aqui de uma memória linear tal qual a visão eurocêntrica, desloco a compreensão para o sentido afrodiaspórico e indígena sobre a memória como algo vivo, que opera em um tempo circular, que vai e volta, que está sempre à nossa frente, memória enquanto acontecimento e existência, manifestação corporal de saberes e viver, memória enquanto escrevivência.

Não menos importante é poder situar tal escrita como parte e produto da minha relação com o território periférico onde nasci e me criei, Duque de Caxias, Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Isso menos se relaciona com os aspectos econômicos ou políticos do que chamamos de periferia e mais com um posicionamento que afirma este território como um lugar de vivências e experimentações, terra de negros e indígenas, onde eu, mulher negra-indígena círculo e escolho viver e pesquisar, ainda assim, “um lugar marginal no mundo pautado em um ideal branco” (SOARES e MACHADO, 2017, p. 142).

As entrevistas com as guardiãs anciãs (duas das entrevistadas) foram presenciais e gravadas em áudio e registro fotográfico o que me possibilitou estar presente com todos os meus sentidos atentos ao encontro sem a preocupação do registro escrito; eu pude ser e viver o momento do encontro e revisitá-lo ao ouvir os áudios e transcrevê-los. As outras duas entrevistas ocorreram de forma online, com o encontro também gravado, o que me possibilitou a mesma atenção no momento presente ao ter o material registrado em vídeo para revê-lo.

Além disso, os meus próprios áudios, gravados no percurso, antes e após as entrevistas realizadas, me serviram como um diário de campo oral, que estabelecia a conexão entre o evento em si e as sensações e memórias que me despertavam. Por diversos momentos, pude reconhecer na fala dessas mulheres o caminho, a busca e os saberes de outras mulheres, que não se conhecem mas que partilham de realidades periféricas entre elas e também comigo, provando a transversalidade desses saberes e vivências.

Evaristo (2020b) traça em seu percurso ficcional, recortes das suas memórias de infância, desde a grafia do sol no chão de terra feito por sua mãe<sup>5</sup>, ao corpo desta mulher que comunicava uma urgência pelo sol, o seu corpo de criança que se movia para acompanhar o desenho sendo feito, até as muitas histórias ouvidas de sua mãe e de tantas outras mulheres que circulavam em seu cotidiano compartilhando dores, misérias e gargalhadas, imprimindo na oralidade esse lugar de destaque em sua escrita e inspiração deste trabalho que desenvolvo também.

A escrevivência enquanto escolha metodológica foi se desenhando enquanto fazia algo que não sabia nomear, uma escrita que parte da minha relação com o campo, de uma busca pessoal e acadêmica de compreensão e descolonização de saberes - que me reposicionou diante da minha própria escolha. Compor uma escrita negra-indígena em território periférico, dialogando com mulheres negras e indígenas torna a escrevivência não só um conceito, mas um caminho metodológico e uma porteira, um modo de ser e realizar a pesquisa-escrita a partir das escrevivências desse corpo-pesquisa.

O corpo, a memória e ancestralidade, assim como o território e a educação em seu sentido amplo, diverso, múltiplo do chão que pisamos, compõem a minha escrita e permeia toda a pesquisa, visto que a partir das experiências, vivências, narrativas e memórias das mulheres entrevistadas vou compartilhando e sendo atravessada em minhas próprias experiências, nessa dinâmica circular que estabelecemos, onde suas histórias também são minhas e minha narrativa se cruza com as dessas guardiãs, vamos escrevendo memórias em diálogo e confluência. Que os caminhos estejam abertos. Estamos passando, pisando devagar na terra e não vamos sós. Asè.

## 2.1 Escrever-viver - Apresentando quem apresenta

### Carta ao Rio Muriaé

Licença, Muriaé, vim lhe dizer que tenho me recordado muito das viagens para a roça para encontrar os parentes, ver meus avós e todos que me pareciam ter cheiro de rapadura ou café coado no coador de pano; talvez porque meus pais, irmãs e sobrinhas estejam aí festejando o aniversário da cidade.

Já recebi várias fotos suas por esses dias e deu vontade de ir conversar com você, por isso lhe escrevo essa carta. Eu lembro muito bem que entrando na cidade já te via dançando, nos recebendo ao cruzar por você de carro, por cima da ponte, ou de cavalo por de baixo.

---

<sup>5</sup> Artigo “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. Esse texto foi apresentado pela primeira vez, em 1995, durante o VI Seminário Mulher e Literatura, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Vamo lá no rio?”  
 “Vamo tomar banho de rio?”  
 “Cadê o tio? Foi levar os cavalos no rio.”  
 “Onde te encontro? vamos marcar lá na ponte? Aí a gente desce o rio”  
 “Cadê meu pai? "Tá lá no rio pescando”

É Muriaé, parece que ninguém fica longe de você por muito tempo, né? É feitiço ou só a vida mesmo? Eu sei que você atravessa a vida da cidade e das pessoas, até a minha, eu que tô longe de você em corpo agora, atravessa.

Vou falar para os parentes irem ter com você, pois bem sei que também tem o rio que vira enchente, que ninguém segura, que transborda e toma o chão. Dizem que é quando você sente saudade e vem ver as pessoas em suas casas. De saudades eu ando cheia, qualquer dia rio, eu volto ou viro enchente.

*Tatiana,*  
 Rio (que não é você) de Janeiro, 23/07/22

Figura 1 – Rio Muriaé Cardoso Moreira/RJ



Legenda: Fotografia tirada em Cardoso Moreira/RJ

Fonte: A autora, 2019.

“*Ela não se lembra né, minha filha? Mas ela vai se lembrar*”<sup>6</sup>. Em minha memória - e aqui me refiro a memória viva que serpenteia no tempo assim como o rio da minha infância - está vivo o cheiro dos lugares e das mulheres da minha infância, de minha madrinha, uma mulher negra anciã que me pediu como afilhada, sua casa e quintal com cheiro de terra, balanço na árvore, manguê e rosquinhas no café da tarde. A sabedoria de quem vive a simplicidade na lida diária, sem a pressa do relógio a ditar a vida. As senhoras vizinhas da

<sup>6</sup>Mensagem de um pajé ancestral transmitida a mim quando recebi a visita do beija-flor.

rua, sempre com uma receita, uma comida, a correr e a alimentar as crianças que brincavam juntas, a linha na testa pro soluço do bebê, o chá pra acalmar a cólica ou o pesadelo, o raminho pra benzer, a vassoura feita de folhas e galhos a limpar o terreiro daquele quintal, era pé de jabuticaba, jamelão, jaca, abacate, acerola e manga. Era pé de criança descalça no quintal pulando na árvore. Caju e carambola, já viu frutas mais lindas? tinha na casa de minha madrinha e nada faltava aos meus olhos de menina.

Me recordo das viagens para a roça para encontrar os parentes, viajar para acordar cedo e aproveitar com os primos o dia todo, comida farta, mesa posta, onde chega tem que comer “vai lá em casa tomar café”, “amanhã o almoço é lá em casa” e era um banquete, pra tudo se mata um boi, ou porco e enquanto isso tem crianças brincando em todos os espaços, é a vida morte vida escancarada antes mesmo do almoço.

Lembro dos mais velhos, dos cavalos; subir em um cavalo é um acontecimento e eu carrego em meu corpo esse registro, você senta e encaixa o seu corpo naquele animal e confia e ele confia em você, se duvidar por um segundo cai porque desequilibra, e você ainda não sabe desequilibrar sem cair. O cavalo começa a andar e o seu corpo vai junto, em um movimento que não é o seu, mas o dele. É o cavalo que anda em você de alguma forma. É o cavalo que anda na gente. Essa é uma lembrança impressa em mim, que não se apagará por ter sido forjada na experiência de um corpo presente, vivo com os demais seres da natureza, ou seja, “sermos de corpo inteiro é ser numa relação intrínseca com a natureza e o tempo tecido pela ancestralidade” (MACHADO, 2020, p. 39).

Também tinha os passeios em charrete e a subida ao Cruzeiro que fica bem em frente à casa da minha avó, o tio juntava toda a criançada, “todo mundo aqui, juntou? Então bora subir” e sobe, e sobe, eu achava uma lonjura, ansiedade e excitação, estava subindo para ir ao Cruzeiro, e gira o morro, faz curva e os primos atrás, ninguém se perde, vai todo mundo junto. Chegamos. É a vista da cidade e o Cruzeiro. E agora? Agora desce tudo novamente. E era assim os dias por lá em Cardoso Moreira.<sup>7</sup>

Também tem o rio que vira enchente, a ponte, memórias do queijo, do algodão cru no pé, da laranja da terra, do doce de laranja da terra, do leite das vacas, das porteiras, “desce pra abrir a porteira, fecha a porteira e segue”, das árvores e de subir nos pés, de comer a fruta que você tira do pé, de sentir de alguma forma que ali naquela roça, sem energia elétrica,

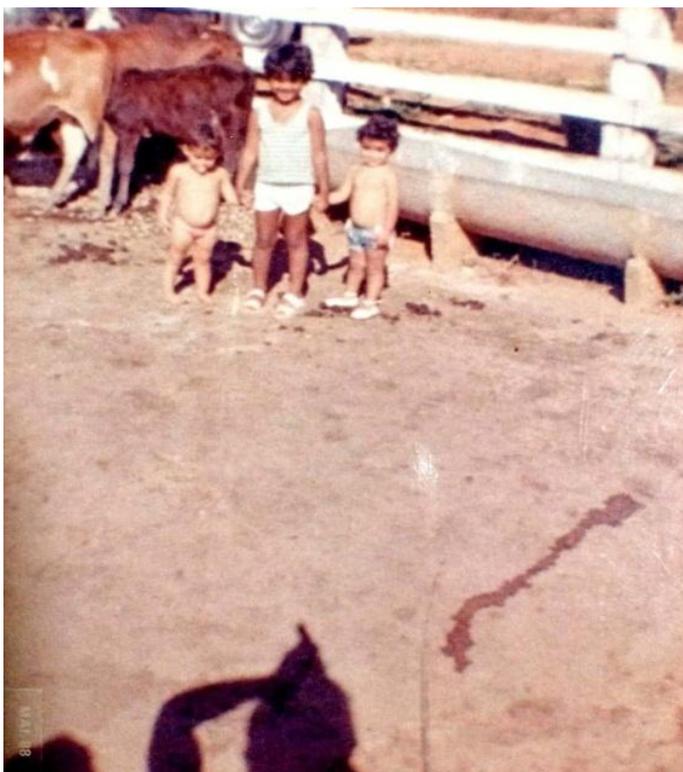
---

<sup>7</sup> E enquanto rememoro chega mensagem da família que está por lá. “Cadê as crianças?”, o tio passou (esse mesmo tio) e levou todo mundo pra subir o Cruzeiro, talvez seja uma espécie de ritual pra ele ou uma forma afetiva de apresentar a cidade. O que sei, é que assim como eu, essas crianças, filhos dos meus primos e das minhas irmãs, vão se lembrar sempre da subida, do tio e do Cruzeiro.

televisão ou internet, eu estava mais viva, o meu corpo estava vivo, o meu corpo de criança estava feliz por se expressar livremente, sem palavras que tentasse dar conta desse sentimento de liberdade e pertença, apenas sendo, vivendo e escrevendo, afinal “não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si”(OLIVEIRA, 2019, n.p.).

Me recordo dos animais grandes e do seu olhar, como por exemplo, quando meu tio me levou para assistir a uma exposição de bois e vacas e um desses bois tinha uma argola no nariz e estava sangrando; o seu olhar era de pavor e eu voltei para casa na garupa da bicicleta do meu tio chorando por aquele boi, ali, sem saber ainda, me tornei vegetariana. Um escândalo em uma família de churrasqueiros, coisas de “menina do Rio”, eles diziam, mas que estando no Rio era vista muito mais como a menina do rio. Sensações de um não lugar, algo que marca a infância de muitas de nós, mulheres negras e indígenas.

Figura 2 – Filhote de gente e filhote de bicho na roça



Legenda: Fotografia tirada em Cardoso Moreira/RJ durante minha infância

Fonte: A autora, 1985.

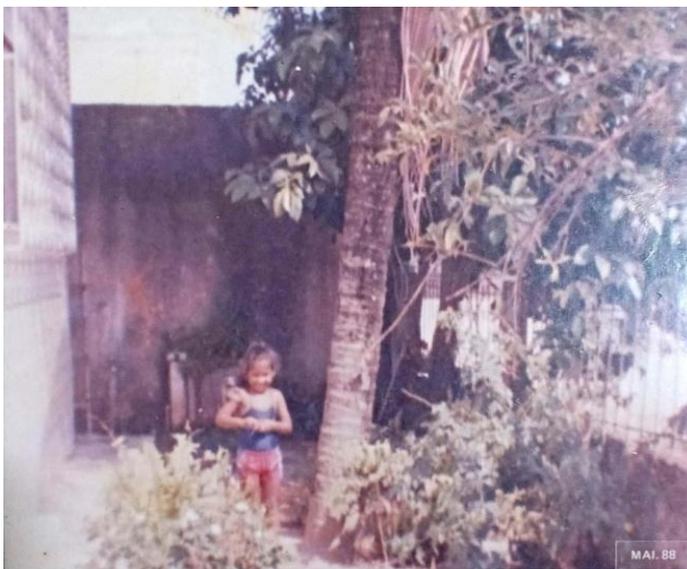
Figura 3 - Eu, aos 4 anos



Legenda: Fotografia tirada em Cardoso Moreira/RJ durante minha infância

Fonte: A autora, 1984.

Figura 4 - Eu, aos 6 anos



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ durante minha infância

Fonte: A autora, 1986.

Sempre me senti feliz no mato, sempre me senti feliz com os bichos, com a mata, com as árvores, olhar, sentir, cheirar, colocar os pés no chão, na terra, na grama, no pasto, nos bichos, abraçar a minha cabrita Karina ou tantos outros animais - boi, vaca, cavalo, cabra, pato, galinha, tartaruga, gato, cachorro e tantos outros que passaram pela minha vida de criança.

Desde pequena me referia a Amazônia e aos indígenas como “meus parentes” e quem estava ao meu redor achava graça, não entendia e nem eu mesma, afinal de contas, de onde eu tirei essa ideia? e eu brincava dizendo “eu ainda vou lá visitar os meus parentes” e o meu pai assustado dizia “você é cheia das alergias, vai precisar tomar muitas vacinas para ir à Amazônia e bicho não te pegar”, me diziam que a Amazônia era um lugar perigoso, mas sempre soube que o bicho que mata lá é bicho gente.

Fui crescendo enquanto ganhava doces de São Cosme Damião, correndo de bate-bola pela minha rua, mais uma de tantas na Baixada Fluminense, em dia de Folia de Reis. Um misto de medo e curiosidade nos fazia querer ver e também fugir do palhaço da folia. Tinha os ensaios para as festas juninas da rua, e da rua de cima e da escola, arrumar a rua para as danças de quadrilha, a organização coletiva da rua para a Copa, pintar o chão e as paredes, os meninos animados jogando bola. Lembranças coletivas de uma vida que acontecia em festividade. Assim também era na escola.

Também recorro das senhoras que rezavam as crianças, quebrantos e espinhela caída, eu mesma fui rezada quando menina, tinha uma parte sussurrada que nunca dava pra entender, “o que será que ela está dizendo?” eu me perguntava e me pergunto ainda hoje. Lembranças de terreiros e de festas para os erês em casa da família de amigas da escola. Nada daquilo eu compreendia e nada daquilo eu realmente temia.

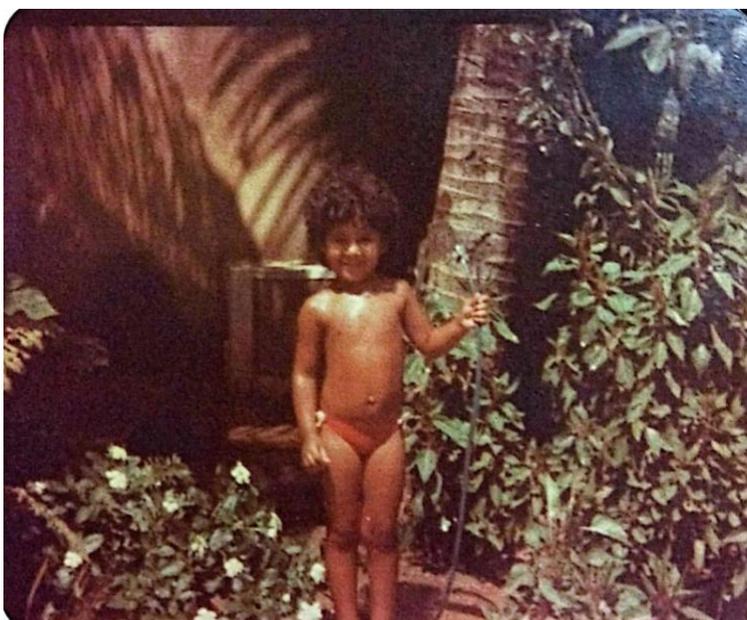
Brincadeiras solitárias, fui uma criança tímida que foi vista e nomeada como “seca” ou fria pelos adultos que não viam o *rio abajo rio*<sup>8</sup>, eu estava constantemente navegando com um livro na mão, como poderia ser seca dentro d’água? Esses adultos não entendiam nada. Alfabetizada com gibis, fui para a escola já sabendo muito - como toda criança, aliás. Fugia para alimentar gatos na laje, brincava e chorava por causa de animais abandonados, menina que não aprendeu a andar de patins ou bicicleta por medo, que não sabia brincar de queimado porque tinha medo - todas essas coisas eu entendia e todas essas coisas eu realmente temia.

---

<sup>8</sup> O título faz referência ao mito “La Loba”, narrado por Clarissa PinkolaEstés no livro Mulheres que correm com os lobos.

Esses adultos pareciam não enxergar o mundo das coisas pequenas, os adultos pisavam em formigas, borboletas, matavam pequenos animais pelo prazer de matar. Devo me apresentar dizendo que também fui me tornando uma salvadora de borboletas, passava minutos no tanque de casa retirando as formigas que caíam na água, tentava ajudar a borboleta que perdeu a asa, tentava cuidar do gato que perdeu a mãe, a lagartixa que perdeu o rabo. Há quem diga que a minha narrativa é ingênua ou pouco objetiva, mas eu a ouço e escrevo como quem ouve a voz que me liga aos meus ancestrais e que me chama ao encontro. Fico me perguntando - o que aquela criança tinha perdido pra procurar tanto assim ou o que eu perdi como adulta me afastando dessa criança?

Figura 5 - Eu, aos 4 anos, em um banho de mangueira



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ

Foto: A autora, 1984.

Segui procurando e essa busca está longe de terminar, pontas soltas de uma história pessoal e familiar envolta em segredos e silenciamentos. Sem saber sobre parte da minha família de origem, me tornei uma terapeuta de família e mergulhei em genogramas e árvores genealógicas. Esse caminho foi interrompido, como é difícil saber de si perguntando também aos outros, não é? Parei em sofrimento e fui por outros caminhos, por ora.

E então da psicologia à ginecologia natural, do individual às rodas, dos aprendizados às ensinagens, da culpa cristã ao Xamanismo, da “menina seca” à entrada na mata onde encontrei o pajé, o beija-flor, a onça-pintada na caverna e a urso parda dos olhos negros. Das alergias e vacinas às medicinas da floresta - sananga, rapé, tabaco, cacau. Água, terra, fogo e ar. Tenda vermelha, tenda do suor, dança, tambor, entregar o sangue à terra. Viver, morrer e viver uma vez mais enquanto o pajé me pergunta “e agora, você se lembra?”

Já adulta e após uma longa interrupção dessa relação com o que é natural, eu resolvi voltar e foi numa trilha que entrei em uma floresta urbana (floresta da Tijuca/RJ) e ali eu realmente senti que estava onde eu deveria estar, eu senti que estava em casa ao ouvir o vento cantando e a natureza se manifestando, eu vi o movimento das formigas, dos macacos, dos pássaros, da água, das plantas, das folhas, eu via e sentia coisas que a gente não aprende na escola (FERREIRA, 2021).

Essas coisas que a gente aprende na relação com a natureza que há dentro e fora de nós, quando a gente se entende como a natureza, essa formação que a gente tem convivido com todos os seres ao redor marca a nossa vida, registra-se em nosso corpo e em nossa memória, são ensinagens, são aprendizagens, saberes, memórias, um certo tipo de resguardo para os percalços da vida, são um sopro, um axé. Eu vivi ensinagens<sup>9</sup> e me lembrei de meu corpo, memória e ancestralidade. Asè.

## 2.2 Quem são as mulheres guardiãs dos saberes ancestrais?

### **E u - M u l h e r**

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.  
Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.

Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

<sup>9</sup> A partir da provocação epistemológica de Vanda Machado, o autor traz a ideia de que “as ensinagensnegrodiaspóricas esforçam-se para que o *mntu*, a pessoa encontre seu caminho intelectual a partir da experiência viva” (FERREIRA, 2021, p. 43)

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.

EVARISTO, 2017, p.23

As guardiãs dos saberes ancestrais são as mulheres que atuam com as medicinas da floresta e dos terreiros, com seus saberes ancestrais e tradicionais, que vivenciam em sua relação com o corpo, os saberes da natureza preservados em sua memória e ancestralidade, também são as mulheres que estão na linha de frente da política e educação, da defesa de seu território, suas crianças e sua própria existência em múltiplas expressões de guarda e defesa desses saberes, assim como múltiplas somos nós mulheres em nossos conhecimentos e expressões.

Como saberes ancestrais me refiro ao conjunto de saberes e práticas das medicinas da floresta e dos terreiros transmitidos de forma oral pelos povos tradicionais e originários, tais como africanos, afro-brasileiros, comunidades quilombolas e ribeirinhas, indígenas em aldeias ou na cidade através dessa tecnologia transmitida de uma geração para a outra.

Tais práticas se expressam, em meu recorte, na relação de mulheres com o seu corpo, e em suas diversas atuações nas quais acessam um repertório de medicina ancestral que sobreviveu ao processo exploratório de colonização e utilizam desse repertório em suas ações de cuidados com a sua saúde e da comunidade.

São mulheres guardiãs de sementes crioulas, da culinária de terreiros, quilombos e aldeias, do preparo de ervas medicinais em forma de xarope, emplastro ou chás e sua manipulação para o feitiço de óleos essenciais e pomadas. São parteiras que cuidam do resguardo das mulheres com seus chás e banhos de assento, cuidam dos bebês com rezos de benção e proteção. Enfim, mulheres reais que ao longo da história alargam nossa visão de medicina e cuidados, muitas vezes ao adicionar o elemento espiritual ao processo de busca de cura compreendida aqui como autoconhecimento/saber de si, numa visão que compreende o sujeito em sua totalidade.

Falo aqui de mulheres educadoras/pesquisadoras, negras e indígenas que acessam a filosofia de seus ancestrais, sua medicina, sua tecnologia e munidas de afeto se lançam nessa empreitada que por vezes provoca rasgos em nossa subjetividade, nós mulheres negras e indígenas.

Mas afinal de contas, por que essas histórias importam? Porque ao falar dessas mulheres também é preciso falar de toda violência, massacre, opressão, invisibilidade, racismo e apagamento de seus saberes operando em um conjunto perverso que sustenta a colonialidade.

Porque foi preciso dicotomizar o mundo entre o homem e a natureza para submetê-la à dominação e exploração do solo e das águas, porque a invisibilidade da sabedoria e tecnologia ancestral está na base da colonialidade, está presente em nossas mentalidades, educação e relações sociais e privadas. E apesar disso, e por isso -porque mesmo que queimem, não queimarão (SANTOS, 2015).

A pesquisa que realizo através da abordagem qualitativa, tem a transmissão oral de saberes utilizada como foco da investigação a partir das entrevistas realizadas com as mulheres reconhecidas como guardiãs da memória e dos saberes ancestrais, ou seja, nesta pesquisa são as erveiras e também educadoras/pesquisadoras na linha de frente da criação de práticas antirracistas em suas comunidades, considerando como ponto fundamental à identidade dessas mulheres, a relação estabelecida com o corpo, a memória e a ancestralidade em seu território assim como o diálogo de tais saberes que pautam as práticas antirracistas e descoloniais com a educação.

Para além dos referenciais acadêmicos, convido ao diálogo as mulheres protagonistas dessa pesquisa, para que contem suas histórias de vida e atuação no território. Dialogar com essas mulheres é um privilégio e uma urgência dada à invisibilidade a que são submetidas ao terem seus conhecimentos sequestrados nesta guerra pelo poder epistêmico onde as armas são o racismo e o epistemicídio.

Quatro mulheres compõem essa roda e não estão sós, carregam consigo sua ancestralidade, memória, corpo e aprendizados orgânicos. Cheias de vida, de axé, nos chegam com seus saberes convidando a ocupar o nosso lugar nessa roda, que também é encruzilhada de saberes, de vivências, de reconhecimentos, de histórias de vida. Venha, se aproxime e permita que eu lhes apresente.

A primeira guardiã, Dona Graça, de fé católica, é a guardiã do xarope milagroso. Erveira, aprendeu ainda criança, com a avó e os pais, a lidar com as ervas medicinais para o tratamento da saúde e desde então não parou mais. Hoje, atua na Paróquia São Simão em Lote XV/Duque de Caxias em parceria com a rede Fitovida oferecendo xaropes, pomadas e oficinas para quem quiser aprender.

A segunda entrevistada, Amanda Goytacá, mulher indígena, educadora e terapeuta complementar integrativa, atua com a medicina ancestral em diversos espaços realizando

atendimentos individuais e coletivos como as oficinas e círculos de mulheres na Aldeia Maracanã/RJ. Em sua narrativa a busca pelo reconhecimento da sua identidade e ancestralidade, processo doloroso como todo crescimento faz sentir no corpo.

A terceira mulher, Lady Christina Almeida, professora/pesquisadora, mestra em Ciências Sociais e pesquisadora da UNI periferias. Professora na Seeduc-RJ. Faz da sala de aula um espaço de diálogo e práticas antirracistas, encantamentos e possibilidades de vivências múltiplas, convidando seus alunos na lida diária à escrevivência de suas vidas porque cada uma delas importa. Sonhar, esperar, viver e ser, todos os dias.

A quarta entrevistada, Dona Luíza, conhecedora de ervas e constelações, aquela que lê o corpo e acolhe a fala, que “sempre sonhou estudar na UERJ”, não estudou aqui. Mas nunca deixou de estudar. Nem de sonhar.

Suas narrativas passam pela relação com as ervas, garrafadas, fé e espiritualidade, arte, educação e luta política. Qual fio conecta essas mulheres, suas histórias de vida e saberes? O fio da memória, da ancestralidade? Suas narrativas marcam a presença de coexistência cultural e religiosa (BRASILEIRO, 2021) em detrimento da ideia de sincretismo. Da mesma forma, podemos pensar também o que essas mulheres não são, e assim, as guardiãs de memórias não são repositórios de lembranças e sim “portadoras de saberes ancestrais em todas as suas dimensões existenciais” (BRASILEIRO, 2021, p.63).

As guardiãs, com suas práticas e liderança, enfrentam em seu cotidiano os abusos, preconceitos e opressão de uma sociedade que está constantemente em guerra pela hegemonia de poder e saber. Tal enfrentamento ocorre nas escolas, nos postos de saúde, no espaço coletivo e privado onde circulam e atuam como referência de cuidado a partir das suas vivências e relação com o seu território.

Uma memória que atua no presente e ressignifica os aprendizados da infância em família, memória esta que se cruza com as escolhas cotidianas de práticas de cuidado e espiritualidade, memória que está sempre à frente.

Um corpo que por vezes adoece na tentativa de silenciar uma memória ancestral e se enquadrar nos cuidados reconhecidos pelos saberes hegemônicos, um corpo que enquanto não for ouvido não se aquieta, que convida à investigação, aos estudos e à retomada de saberes registrados e sequestrados pela medicina convencional, um corpo que se configura enquanto primeiro território a ser descolonizado.

Uma ancestralidade que vem ao encontro, que ensina, circula, cruza, cuida, guia e dialoga. Ancestralidade viva e presente, rompendo com a estrutura do tempo passado e

presente da cultura ocidental. Os encantados e os ancestrais vivem na memória dos seus, enquanto caminhos identitários e de bem viver.

Tais saberes não são estáticos, não estão fixados no tempo, mas podem sim estar relacionados com a vivência e práticas de mulheres anciãs e não havendo uma continuidade correrem risco de desaparecer.

Esse modo de aceleração da vida, de entrega de resultados, de redes sociais, torna o tempo do sentar em roda impossível? Ou em paralelo à nossa cultura do entorpecimento e da superficialidade existe uma retomada, uma busca pelo tempo de reconhecimento da nossa vida enquanto manifestação da natureza, resgate dos saberes e reconexão com a ancestralidade, com as medicinas da floresta? Charlatões, modismo, “cura” *delivery*? Há que se ter cuidado e senso crítico ao mesmo tempo em que contar e ouvir histórias é existir para além do tempo, se reinventando e se abrindo às mudanças inevitáveis. Nesse sentido, o que se mantém ao se falar saberes ancestrais, território, corpo, memória e ancestralidade? O que muda para continuar existindo?

Através dessa escrita, alinhavada por muitas histórias de tantas mulheres, intenciono colaborar com a justiça epistêmica acerca de tais saberes, aqui, não apenas os saberes ancestrais, e sim os saberes ancestrais femininos. A fala, força e vida de mulheres negras e indígenas em suas lidas, pensar, fazer e escrever. Falamos de dor, genocídio, morte, fome, invisibilidade, mas acima de tudo falamos de vida, bem viver e sobre o encantamento de vida, o sopro de sabedoria dos ancestrais na guiança, a arte e educação que colonizam, mas também esperanças. Falamos de quase tudo, vivemos tudo que há pra viver.

Se é fundamental que possamos existir em nossas pesquisas, isso se opera em metodologias que nos representem em práticas que considerem nossa subjetividade e, em uma escrita que se impõe enquanto parte de uma identidade que existe enquanto mulher negra-indígena. Ensaio falar desse lugar, ainda em aprendizado, mas segurando suavemente em mãos firmes daquelas que abriram caminhos para que eu pudesse aqui estar:

As mulheres negras estão mobilizadas desde sempre, mas esse protagonismo não era apontado, não era reconhecido. Se eu conto a história, por exemplo, de minha mãe, de minha tia e de outras mulheres negras que me antecederam, você vai ver que, a partir dos seus espaços de vida, essas mulheres se posicionam e sempre se posicionaram, de uma forma ou de outra. Se você for pensar na memória ancestral brasileira, por exemplo no candomblé, as grandes guardiãs foram as mulheres, as grandes mães-de-santo, as grandes cuidadoras de orixás são mulheres. Então, me parece que essa movimentação, essa atuação, essa procura de formas defensivas, de formas de resistência e também de formas de ataque, as mulheres negras construíram isso ao longo dos séculos. E hoje esse protagonismo é reconhecido através da nossa própria imposição. De um modo geral, o que nós conquistamos não foi porque a sociedade resolveu nos abrir a porta. Foi porque realmente forçamos a passagem. (EVARISTO, 2018, n.p.)

Salve Conceição Evaristo, sua escrevivência é força e encantamento de todas nós que seguimos forçando passagens. Que nossos caminhos sejam de encantamento e reencantamento de vida, na força de nossos antepassados e de sua sabedoria ancestral. Que possamos todas nós, mulheres negras e indígenas, escrever nossas histórias dentro e fora da academia. Axé!

### **3 ESCRIVENDO SABERES ORGÂNICOS COM AS GUARDIÃS**

#### **3.1 Escrevendo um contexto**

E foi assim, indo e vindo em suas histórias, costurando memórias de infância junto a seus pais, avós e ancestrais, que essas quatro mulheres generosamente aceitaram o convite de escrever suas narrativas junto a essa pesquisa.

Duas delas - Dona Graça erveira e Dona Luíza,conhecedora de ervas e constelações, terão suas narrativas compartilhadas aqui neste capítulo. As outras duas -Amanda Goytacá professora-pesquisadora e terapeuta e Lady Almeida, professora-pesquisadora serão apresentadas no próximo capítulo. De qualquer forma, o que quero dizer, é que cada qual com sua história, sabedoria e experiência colaboraram para que juntas pudéssemos tecer essa escrevivência.

Compreendendo o corpo como o primeiro veículo de contato com o mundo e onde se inscreve/se registra a memória da sabedoria ancestral, partimos desse registro do corpo para a narrativa oral da história de cada guardiã. Na primeira seção -Escrevendo um encontro-partilha de saberes, relato como foi a minha chegada ao campo para entrevistar essas duas mulheres.

Na segunda seção - Apresentando as guardiãs anciãs a partir de suas narrativas de vida, início o capítulo escrevendo memórias de nascimento, infância e adolescência, relação com a família e ancestralidade; memórias ligadas a transmissão de tais saberes; assim como suas experiências e práticas desenvolvidas.

Na terceira seção intitulada Escrevivências do corpo ancestral tecemos escrevivências do corpo ancestral em um mergulho nos saberes orgânicos dessas mulheres, sua relação com a inscrição no corpo e diálogo com teóricos para uma ampliação da discussão acerca dos saberes ancestrais, aqui podemos antecipar a voz de Amanda Goytacá compartilhando saberes sobre a mãe do corpo. É hora então de silenciar e ouvir as guardiãs, elas têm muito a dizer.

#### **3.2 Escrevendo um encontro-partilha de saberes**

##### **3.2.1 Dona Graça e o xarope milagroso**

Figura 6 - Dona Graça e a escolha das ervas para o xarope



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, onde encontrei Dona Graça.

Fonte: A autora, 2022.

*“E sem esse conhecimento popular eu não seria ninguém”.* (Dona Graça, 2022). Conheci dona Graça através da indicação de uma amiga para que falasse com Rosa da rede Fitovida e foi quem me sugeriu procura-la. O contato, feito inicialmente por telefone, já abriu caminhos para que dona Maria das Graças Correia Gomes, 71 anos à época da entrevista (hoje com 72 anos), nascida em 22/09/1950 em Muriaé, Minas Gerais, fosse a primeira mulher a ser entrevistada<sup>10</sup>. Combinamos a manhã de 14/06/2022 no Espaço Multiervas, que fica na Paróquia São Simão (lote XV/Duque de Caxias) para que nos conhecêssemos e pudesse entrevistá-la e foi assim, que doente, tossindo muito, eu fui encontrá-la. Levei meu roteiro, caneta e papel, termo de consentimento e o gravador, além de máscaras e álcool gel, pois seguimos em plena pandemia neste ano de 2022. O plano era explicar um pouco o meu

---

<sup>10</sup>Entrevista realizada em 14/06/2022, no Espaço Multiervas, Paróquia São Simão - Lote XV, Duque de Caxias, RJ

interesse por suas práticas e também em saber de sua história, mas dona Graça tinha seus próprios planos.

E assim foi que eu estava na paróquia, mas não era a dona Graça que procurava: “*é a erva? Sim, a erva. Ah, então é ali no espaço anexo, minha filha*”.

Chegando lá, dona Graça me aguardava, mas não estava só, também estavam lá as pessoas que trabalham com ela na cozinha no preparo do xarope e dos outros remédios que produzem.

Fui recebida com abraços e sorrisos, “*tome um cafezinho, Tatiana, vá sentando aí que a gente já começa*”, e fui sentando e ajeitando a máscara e o celular pra gravação. “*Tá tossindo é? vou fazer um chá pra você. Quer pão, vem comer um pãozinho*” e de repente a mesa estava posta, chá, café, pão doce. E foi chegando gente e tiramos fotos. Eu estava apreensiva, tem uma delicadeza nessa chegada aos espaços de pesquisa, pisando devagar, ouvindo e lendo o campo onde também estou sendo lida. Chegam mais voluntários, homens e mulheres, se apresentam, chega o padre “*cadê o caldeirão da bruxa?*”, ele ri, se despede e vai embora, está de passagem.

Figura 7 - O cenário com as ervas para a feitura do xarope milagroso



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no local onde encontrei Dona Graça

Fonte: A autora, 2022.

Figura 8 - Preparo coletivo



Legenda: Fotografia tirada no local que conheci Dona Graça, em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: A autora, 2022.

Figura 9 - Outro ângulo do preparo coletivo



Legenda: Fotografia tirada no local que conheci Dona Graça, em Duque de Caxias/RJ.

Fonte A autora, 2022.

Peguei o celular, guardei o roteiro e comecei a gravar como me pediu. Dona Graça me mostra as ervas que estão reservadas, as panelas e os potes higienizados. E vamos à feitura do xarope.

Dona Graça foi me apresentando a todos, dizendo que estava lá pra conhecer o trabalho deles, que ela não faz nada só. Perguntei se podíamos então começar, que eu lhe contaria sobre a pesquisa e foi então que ela me mostrou que tinham arrumado a sala pra visita. *“ Fizemos um cenário, olha, e hoje você vai acompanhar a feitura do xarope. Já viu fazer?”* e eu disse que não. *“Então, nós preparamos tudo pra você poder ver como é que se faz o xarope, que não é complicado não, pode gravar tudo, que vídeo é melhor, eu vou explicando e você vai gravando”* (Dona Graça, 2022). E foi assim que eu fui vivendo aquele momento, com aquelas pessoas e o que surgia no campo. Primeira lição dentre tantas, esteja pronta para o inesperado, esteja aberta à experiência.

Ao final do nosso segundo encontro, perguntei à dona Graça se poderia me indicar alguma outra guardiã de saberes e ela *“você já falou com Luíza?”* e foi assim que, confluindo saberes, uma guardiã me levou a outra.

### 3.2.2 Dona Luíza e as terapias naturais

Figura 10 - Fotografia: Dona Luíza e o armário das ervas



Legenda: Fotografia tirada em Nova Iguaçu/RJ, onde me encontrei com Dona Luíza.

Fonte: A autora, 2022.

*Quando eu encontrei esse trabalho aí eu me encontrei.* (Dona Luíza, 2022). Dona Luíza Maria da Silva, 73 anos, nascida em 06/11/1948 no distrito (e hoje cidade) de Lagoa de Itaenga, Pernambuco. A entrevista aconteceu em 22/07/2022 no Espaço Diego Augusto Amaral de Matos - Grupo Flor de Baile, anexo da Paróquia Santa Luzia, no bairro da Luz em Nova Iguaçu.

O contato com dona Luíza foi de muita receptividade e abertura para a entrevista. Logo que cheguei, fui convidada a conhecer o espaço anexo onde conversamos. No corredor da entrada, uma mesa com bolo e café nos aguardava, mostrando que o alimento faz parte da recepção e acolhimento de quem chega, assim como aconteceu na entrevista com dona Graça.

Conheci as salas de atendimento e das constelações familiares. *“Entra Tatiana, seja bem-vinda, quer um bolinho?”*, aceito agradecida e digo que vou tentar ser objetiva para tomar muito o seu tempo. *“Não se preocupe com isso não, espero poder ajudar de alguma forma, né?”*.

Figura 11 - O armário das ervas



Legenda: Fotografia tirada em Nova Iguaçu/RJ, onde me encontrei com Dona Luíza.

Fonte: A autora, 2022.

Figura 12 - Mudanças de plantas e ervas para chás



Legenda: Fotografia tirada em Nova Iguaçu/RJ, onde me encontrei com Dona Luiza.

Fonte: A autora, 2022.

Dona Luíza me mostra a sala onde ficam as ervas e são preparados os remédios e fitocósmicos. Existe uma grande estante onde estão separadas e organizadas em caixas etiquetadas, além de vasos com ervas e mudas pelo corredor. Nos sentamos, ligo o gravador e então a história começa - ou recomeça - ao tecermos o fio.

### **3.3 Apresentando as guardiãs a partir de suas narrativas de vida**

Figura 13 - Dona Graça



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, onde conversei com Dona Graça.

Fonte: A autora, 2022.

Retornei na semana seguinte para realizar a segunda parte da entrevista com dona Graça e nesse segundo momento o contato também foi de acolhimento e preocupação “mas você ainda tá tossindo?”, tem café, chá de hortelã e tapioca com côco fresco. A sala está mais vazia, mas ainda assim tem o movimento de quem circula e está disponível para ajudar nos atendimentos de quem chega buscando os remédios para tratamentos diversos.

Dona Graça, 72 anos, uma mulher forte e muito ativa, natural de Muriaé, Minas Gerais, localiza na infância o início de sua relação com as ervas:

*Na minha vida foi começada na infância, tá? Junto à minha avó, minha mãe, meu pai, eles cuidavam dos meus irmãos, de mim também, é claro com as ervas medicinais, através de chá, era através de compressas, era através dessas coisas assim. Na época do sarampo, eu lembro, a mamãe com aqueles remédios caseiro, não teve remédio do médico, o remédio foi caseiro, né? então cuidava tanto dos meus irmãos, quanto de mim, quanto deles também, né? E todos eles só tomavam remédios de ervas medicinais, de plantas medicinais. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Além das lembranças de seus pais cuidando deles próprios e dos filhos com remédios caseiros, tem a memória da horta de sua avó, onde circulava perguntando sobre os nomes das plantas e para que cada uma servia:

*E eu desde criança junto com a minha avó e com a minha mãe eu aprendi a lidar com as ervas, tanto plantar, cultivar que elas me explicavam, né? E eu gostava. Tem criança que não esquenta, cê sabe disso, né? Mas eu esquentava, gostava e queria fazer, queria aprender, eu queria conhecer, isso era criança, eu tenho pra mim que uns 5 anos, 6 anos por aí eu já tinha aquele amor pelas ervas, as plantas medicinais, aquelas que tinham flor. Mamãe fazia muito xarope de flores pros neném das florzinhas e aí então eu que colhia as florzinhas. “Vai lá e colhe as florzinhas das ervas” e eu sabia certinho as ervas que davam chá e que faziam o xarope pro neném, né? (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Dona Luíza, natural de Lagoa de Itaenga (PE) conta sobre sua infância quando o município ainda era um distrito. Morava na roça e sendo uma cidadezinha do interior, na época era distrito e bem longe da capital, que era Recife, não tinham acesso à médico e o que utilizavam para os cuidados com a saúde eram os ensinamentos de seus ancestrais que já traziam e iam aprendendo com os mais velhos.

Figura 14 - Dona Luíza



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, onde conversei com Dona Graça..

Fonte: A autora, 2022.

*E eu era uma garota também muito levada, subia nas árvores e tudo que você pode imaginar que uma criança faz, em termos de brincadeiras, eu fazia, então eu caía, eu me machucava e aí quem é que ia resolver o problema, né? Era medicina tradicional né, que eu chamo de medicina natural também, e aí também quando eu estava com febre minha irmã me dava chás, não fazia pomada porque a gente não sabia fazer pomada na época, né? e quando tinha era uma banha de porco alguma coisa, uma banha de galinha e por aí a gente foi seguindo esse processo, né? (Dona Luíza, entrevista presencial, 2022)*

Conta que eram seis irmãos e que perdeu a mãe muito cedo, aos 4 anos de idade e não tem muitas lembranças, mas tem uma que a marcou, quando tinha 11 anos de idade:

*Eu lembro que quando estava com uns 11 anos a minha irmã ficava "vai morrer, vai morrer, vai morrer pela boca" e eu não sabia porque a ignorância né era porque eu estava próxima a ficar regulada e eu não sabia "você vai morrer" mas também não explicava né? Isso é um trauma que joga na gente né "você vai morrer pela boca" porque eram aqueles preconceitos de não come abacaxi, não come não sei o quê, só que eu comia tudo escondido, eu era danada também né? "vai morrer pela boca" então vamos comer logo né? (Dona Luíza, entrevista presencial, 2022)*

Dona Luiza conta que quando a menstruação veio ficou sozinha, mas que não se desesperou. Suas irmãs, que cuidavam dela, viram as calcinhas sujas de menstruação e aí aumentaram a fala sobre “*não pode comer isso, não pode comer aquilo*”, mas nunca explicaram as razões, hoje entende que também nunca tiveram essas instruções e então passavam suas crenças e medos de geração a geração.

Dona Graça conta que em sua família os homens também lidavam com as ervas, entravam no mato, na roça e quando ia junto com seu pai, seguia perguntando o que era cada folha, ia vendo, pegando e cheirando pra guardar na memória as informações daquela erva, uma memória sensorial, uma relação com o espaço território que era de aprendizado na prática. Aos 11 anos, a família se mudou pra cidade de Muriaé e lá também tomava remédio de ervas da chácara de seu avô:

*E nessa chácara, meu avô também era meio curandeiro, gostava de rezar, rezava também, eram os homens e mulheres, eram um exemplo pra mim e me ajudou, eu aprendi com todos eles porque eu perguntava “o que que é isso, o que que é aquilo?” e eu gravava certinho. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Cidade de Muriaé, lugar da infância de dona Graça tem o mesmo nome do rio da minha infância pois ele corta Minas Gerais e o Rio de Janeiro. A cidade de Cardoso Moreira tem um quê de Minas mesmo, “*mas como pode um rio ser cidade?*”. Pode, pode sim. Volto para a entrevista.

Após três anos em Muriaé, vieram para o Parque Amorim, em Duque de Caxias, dona Graça diz que já estava uma mocinha, cerca de 12 anos e com isso já sabia fazer alguns chás, mas ainda não deixavam fazer o xarope, “eles diziam que meu tempo ainda vinha, que eu não podia fazer aquilo ali”, chorava, reclamava, mas seguia acompanhando e via que eles faziam de uma maneira que não achava certa:

*Eles faziam de maneira diferente, era rústica a maneira deles fazerem e eu via aquilo ali mas não gostava, não achava que estava muito legal, é engraçado que eu era criança mas eu observava as coisas, eu não gostava que cortasse, eu não gostava que arrancasse, porque eu acho que primeiro tira as folhas, não precisa quebrar o pé, pra que? Vaidar flor, vai dar semente, eu pensava na preservação quando ninguém falava nisso eu já pensava nisso, não é engraçado? (...) o corpo também era pra estar limpo, né? as mãos tem que estar limpas, você tá colhendo as plantas, cuidando delas e não de qualquer maneira, daquela maneira, eu via que tava errado, muito rústico eu achava. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Conforme ia crescendo, aprendeu além dos chás, a fazer o xarope e unguentos “*de repente tava com uma dor em algum lugar, bateu aquilo dali, pegava uma arnica, socava ela e botava ali em cima, né? Isso também a gente fazia, saião, botava saião muitas vezes*” (Dona Graça, 2022) e prestes a completar 16 anos, se casou, ali mesmo, na Paróquia São Simão, frisa e ao ter seus filhos, ia cuidando deles também com as ervas medicinais, quando não tinha terreno plantava na lata, botava a lata no chão, semeava alguma coisa e comprava em feiras ou ficava atenta ao que tinha na rua, ao redor em seu bairro mesmo. Dona Graça gesticula revivendo a cena com suas mãos e movimentos do corpo, fechando as mãos ao falar das sementes e simular uma lata sendo posta no chão.

Já dona Luiza fez a sua mudança para Nova Iguaçu aos 23 anos apenas e desde então vive nesta região. Não se casou e não teve filhos, no entanto, tem uma vida cercada de familiares, amigos e afilhados, além de ser muito atuante até os dias de hoje, trabalhando no espaço com as ervas e fitocosméticos e cursando Faculdade de Naturologia na Tijuca na qual se forma no próximo ano de 2023.

Pergunto à Dona Graça se durante a gravidez também fazia uso de algum tipo de erva para cuidado com o seu corpo e dona Graça conta que não tinha o conhecimento de qual erva poderia tomar, então preferia os banhos de ervas. Lembra que quando a criança nascia tinha

uma água inglesa pra tomar, mas que ela não tinha esses recursos, não tomava água inglesa, e sim o chá das ervas medicinais que combatem a infecção.

E junto à limpeza do corpo que tinha parido e se recuperava, outros cuidados eram necessários:

*Limpava a gente, isso eu fazia e dava banhozinho nas crianças com ervas medicinais, botava umas folhinhas na água, né? abençoava as crianças, na hora que as curandeiras faziam isso, as parteiras lavavam a criança abençoando a criança dentro da água com aquele raminho, por exemplo, de arruda, né? Jogava a água e dava um banho de água de arruda que era pra tirar o quebranto, existia muito isso e eu fazia isso com meus filho. Não fazia com outras crianças, isso aí eu nunca fiz, eu rezei e rezo até hoje, só que anônima, em casa (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Dona Graça tem quatro filhos, sendo dois vivos e se emociona ao contar das perdas, mas diz que hoje consegue falar com naturalidade. Sua filha não trabalha no Espaço Multiervas com ela, mas a apoia e leva os remédios quando algum conhecido precisa:

*Ela ama também esse trabalho e respeita, tanto ela quanto meu marido também, foi criado também, é filho de curandeiras também, né? De curandeiro que era o pai dele, era rezador também, rezava até o fogo lá que apagava, uma pessoa muito bacana e todo mundo acreditava muito nele, lidava com os animais, rezava os animais, lá na roça, né? cidade do Espírito Santo que ele é, capixaba. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Em sua fala, fica forte a presença dos homens no lidar com as ervas e rezos, assim foi com seu pai, marido e sogro. Observo que o espaço multiervas também é composto de alguns homens, que cozinham e produzem os medicamentos junto à dona Graça. Embora possamos falar dos saberes femininos e destes associados aos cuidados e seus espaços, é inegável em sua fala a participação ativa dos homens.

E foi assim, indo e vindo em suas histórias, costurandomemórias de infância junto a seus pais e avó até a sua chegada ao Parque Amorim e a criação do Projeto Solidariedade<sup>11</sup> na Paróquia São Simão, que dona Graça junto à dona Georgina, do Jardim Amapá, decidiram fazer os xaropes na cozinha da igreja:

---

<sup>11</sup> Projeto que visitava pessoas doentes em suas casas para oferecer assistência à saúde e nutrição.

*A dona Georgina que é um pouco curandeira, é uma pessoa maravilhosa, é a minha referência, então a dona Georgina falou assim comigo “Graça, sabe o que nós tem que fazer? é fazer um xarope pra dar pra essas pessoas que só tá resfriado, precisa fazer uma pomadinha pra colocar no machucado deles, vamos fazer isso?” e falei “vamos” e a gente começou a fazer um xaropinho aqui na Paróquia, na cozinha comum mesmo, fazia o xarope, né? e botava na farmácia que tem do médico ali (na igreja) tem a farmácia de alopática, né? E ali mesmo já dava o remédio na farmácia, dava para as pessoas. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Já dona Luiza compartilha sua memória de infância, o contato com as garrafadas e com as ervas ainda menina e depois essa continuidade já adulta na Paróquia Santa Luzia em Nova Iguaçu. Embora a sua mãe tenha partido muito cedo e diz não se lembrar das suas práticas, recorda que a irmã fazia algumas coisas, entre elas, garrafadas que enterrava por 21 dias.

*Hoje eu faço garrafada mas faço em outro sistema. A dinâmica já é outra, eu também não dou conta e não tenho tanto tempo mais para ficar enterrando garrafadas não, minha filha. Risos(Dona Luíza, entrevista presencial, 2022).*

Dona Graça conta que em pouco tempo o trabalho foi crescendo e sendo necessário uma cozinha maior para atender a demanda dos pedidos, percebeu que esse conhecimento popular das ervas medicinais poderia ajudar muitas famílias e suas crianças, que precisavam resgatá-lo e colocar em prática, mas de uma forma mais ampla, não somente para a Paróquia São Simão e assim foram em busca de capacitação em vários lugares, para aprender a manipular as ervas não só para a feitura do xarope, mas para pomada, sabão e outros remédios naturais.

Conta que foi nesse momento da busca por capacitação que surgiu a rede Fitovida com a proposta de salvaguardar os saberes tradicionais como patrimônio imaterial e lá se vão 20 anos de caminhada com o xarope milagroso.

Dona Luiza, por outro lado, conta que ao chegar em nova Iguaçu com 23 anos sua tia era envolvida com a comunidade católica e logo ela foi dar aula de catecismo, trabalhou com jovens e evangelização e quando encontrou o padre Geraldo Lima viu que era um padre que “botava o pé na lama pelo pobre, aqui nesse bairro mesmo (bairro da Luz) em nova Iguaçu” (Dona Luíza, 2022). E então veio o padre Patrício, que era irlandês, e começaram com as pomadas da irmã Maria, ela era do Rio Grande do Sul e veio dar um curso ensinando sobre pomadas. Conta que em seguida veio o curso de bioenergética e foi quando começou a trabalhar diretamente com as plantas.

*Porque a gente trabalha direto com chás e teria que ter as plantas como você viu ali, nessa época eu já estava com uns 35 anos, já tinha uma caminhada eu também fazia campanha sindical no largo da segunda-feira, fiquei muito envolvida nos anos 80 participei das diretas já e a gente ia por aí e quando eu encontrei esse trabalho aí eu me encontrei (Dona Luíza, entrevista presencial, 2022).*

Ao falar dos estudos, ambas contam as dificuldades na roça para estudar naquela época. Dona Graça conta que estudou pouco na roça, entrou na 2ª série com 8 anos, mas não seguiu muito, tinha que ir para a igreja e tinha a roça onde aprendeu com o pai a plantar o arroz, milho e mandioca, plantava na horta junto a avó também.

*Eu acho que tudo é compromisso e meu pai dava compromisso pra gente, dava o meu saquinho de tecido que botava do lado ali (faz gesto na lateral do corpo) e botava a sementinha pra gente aprender a plantar junto com ele, fazia as covinhas e a gente plantava (...) Tudo isso aí foi ensinado e na escola ensinava também, porque nós morava na roça, fazer conta, redação, matemática era o que mais era ensinado, porque era o que a gente ia precisar, estudei até a 5ª série e aí depois casei e ficou mais difícil, né? (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Ao falar da sua infância na roça, gesticula e faz movimentos com as mãos, me contando sua história com esse registro do seu corpo, está tudo ali, tudo vivo e claro, como se estivesse acontecendo nesse momento. Fala repleta de afeto, emoção e força.

Já dona Luíza começou a estudar em casa com uma professora particular e depois seu pai a colocou em uma escola pequena. Só quando o distrito passou a cidade que vieram os colégios e fez o ginásio. Começou lá em sua cidade e terminou o segundo grau já aqui, em Nova Iguaçu.

Sobre a transmissão de saberes, ao ser questionada para quem vai passar seus conhecimentos e quem vai manter o trabalho que é realizado, dona Graça diz que se as pessoas que a procuram vão continuar o seu trabalho, não sabe dizer, mas que procura ensinar a todos que queiram aprender, filhos, sobrinhos, netos e quem for procurá-la no espaço multiervas.

*Eu só acredito que eu cresci se tiver outros pra continuar o meu trabalho. Porque se eu trabalhei aqui anos e anos e quando parar não tiver ninguém pra continuar, eu não acredito que a gente cresceu, só de espalhar pelos outros o remédio. É muito fácil eu fazer um xarope e sair vendendo por aí, né? É fácil vender, mas não é esse o nosso objetivo. O objetivo nosso é deixar esse legado. para que ele continue perpetuando no meio do nosso povo, porque o povo precisa desses remédios, todos nós precisamos. Então não é justo a gente ter um conhecimento e guardar dentro da gente, levar ele comigo. Adianta alguma coisa? Tudo isso tem que ser ensinado e eu vou ensinar e quem quiser aprender é só marcar comigo aqui. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Dona Graça marca com sua fala a disponibilidade e a alegria de aprender para colocar em prática, estar à serviço de quem precisa dos recursos ofertados e ensinar a todos que queiram aprender; ensinamento oral que seguem acontecendo a partir das experiências compartilhadas, foi o que ela me propôs ao chegar no espaço Multiervas no primeiro dia, uma aula prática sobre como fazer o xarope, ao invés de me passar a receita escrita. As trocas, as conversas em roda, oficinas, vivências e parcerias colaboram para manter viva a feitura dos remédios naturais de forma coletiva e contínua.

Pergunto ao final de nosso encontro de que forma ela vê a importância de manter a partilha dos saberes sobre as ervas medicinais, no que ela me responde:

*Sempre vai precisar, precisa, isso nunca vai acabar minha filha, por isso que é importante a gente capacitar as pessoas, porque sempre vai ter resfriado, sempre vai ter gripe, sempre vai ter pereba, sempre vai ter piolho, sempre vai ter um ouvido sujo, sempre vai ter, porque os que vêm aqui hoje daqui a 2 meses estão voltando de novo porque já veio uma friagem de novo, “fiquei resfriada”, ou “caí, machuquei e preciso de uma pomada”. E até muitas vezes um asilo, para os idosos do asilo, que tem um aqui perto, e ficam lá deitados cheio de feridinhas, às vezes é levar uma pomada pra eles, um potão assim e leva, sabonete pra lavar, então a gente se sente útil. Acho que é muito válido e nunca pode acabar, tem que continuar. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Sobre o futuro e a manutenção dos saberes, dona Luiza afirma que tudo aquilo que observa ser bom e importante vai escrevendo como uma apostila e compartilhando com as mulheres que trabalham com elas. Sobre essas mulheres, diz que se interessam em aprender, inclusive uma delas foi trabalhar em um posto de saúde de uma ONG do bairro e perguntou se poderia levar a apostila para lá no que ela disse que sim pois esse conhecimento é para expandir mesmo.

*Um dia eu vou passar, um dia eu vou embora, né? E pela lei natural, vocês são tudo mais jovem e vão ficar, e isso também ficando escrito alguém pode aproveitar, eu não sei porque a gente nunca sabe, a gente não tem um controle. Hoje, o que eu sei é que a rede fitovida tem essa preocupação o pessoal do MST também, e eu acredito que esse pessoal que vem novo também não despreze isso, esses saberes (Dona Luíza, entrevista presencial, 2022).*

### **3.4 Sobre os saberes orgânicos das guardiãs**

#### **3.4.1 Dona Graça entre xaropes e pomadas**

No segundo dia do encontro<sup>12</sup> com dona Graça, conheci os outros remédios feitos no espaço e conversamos sobre as ervas normalmente utilizadas e o público atendido. Importante esclarecer que as famílias assistidas pelas ações sociais das pastorais da igreja recebem os remédios gratuitamente e as demais, que possam colaborar, pagam pelos remédios e o valor arrecadado é revertido na compra de material como as embalagens, por exemplo.

Além do xarope e da pomada cicatrizante, é feito na cozinha do Espaço Multiervas o sabão para lavar feridas, shampoo para piolhos, remédio de verme, vitaminas, além de um tônico (sopa doce) feito com verduras, legumes e ervas medicinais para combater a desnutrição infantil.

Figura 15 - Sabão.



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

---

<sup>12</sup>Entrevista realizada em 21/06/2022, no Espaço Multiervas, Paróquia São Simão - Lote XV, Duque de Caxias, RJ

Figura 16 - Pomada cicatrizante



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

Ainda sobre o tônico, dona Graça conta que em muitas situações não precisa levar a criança ao médico nesses casos de baixo peso, porque com o tônico a criança já melhora e começa a engordar, o que é acompanhado a cada mês a partir das anotações em um caderno de registros. Apesar disso, conta que sua atuação tem limites, e que não vai tentar tratar o que não pode, orientando que procurem os médicos nos casos que precisam de exames e acompanhamento especializado, conta que seu trabalho é preventivo sobre as queixas simples do dia a dia das crianças e de suas famílias, como por exemplo, os cuidados com cicatrização das feridas através da pomada cicatrizante.

Ao finalizar diz que foi muito importante a nossa conversa para que mais pessoas possam ter esse conhecimento:

*Eu quero também que nossos companheiros cresçam junto comigo, é um legado que eu quero deixar quando eu for, desse conhecimento popular com as plantas medicinais, que foi adquirido com o tempo. Não vou dizer assim "Ah tá tudo escrito", pois não está. Mas tá aqui dentro, da minha mente e do meu coração, e que faço com muito amor, desde lá do campo até aqui nas panelas. (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

### 3.4.2 Ervas mais utilizadas - Mexendo no caldeirão

Essa parte da entrevista me provocou memórias de minha própria busca, as ervas na peneira ou penduradas para secagem e o convite pra cheirar, tocar e saber qual erva é aquela, me vi reproduzindo o mesmo caminho sensorial feito pela minha entrevistada no contato com as ervas. Eu aprendia com os sentidos do corpo, vivendo, sendo para só depois escrever. Eis o que ouvi e partilho:

*Tem ervas que vai ser utilizada em várias coisas, numa pomada, em um xarope, já tem umas que é mais pra uma coisa, né? Se é pra pele, sabonete, por exemplo, você pode utilizar a tansagem, a Santa Maria, e são ervas que entram no xarope, e entram na pomada, entram no shampoo, entram em tudo porque é cicatrizante, anti-inflamatório, tanto interno quanto externo, então pode usar em tudo, são umas ervas que a gente usa muito, saião, assapeixe também interno e externo, né? (Dona Graça, entrevista presencial, 2022).*

Como o xarope é considerado um remédio muito importante para a comunidade e por sua explicação tão detalhada optei, nesse ponto, por transcrever na íntegra a sua fala:

*Usamos assa-peixe, alfavaca, arnica, saião, erva de passarinho, hortelã, Santa Maria, hortelã grosso também e hortelã miúdo e eu uso os dois se tiver. Com 5 ervas você já pode fazer um bom xarope se tiver mais ervas a gente coloca um pouquinho de cada uma. Romã, usa as flores da romã ou mesmo a fruta da romã, pode usar a casquinha, sem as sementes, né? Romã é uma que pode entrar em tudo quanto é lugar.*

*A pitanga eu uso também sempre para o xarope, a folha da laranjeira é um santo remédio, faz pra tu ver, ela é calmante, ela vai fazer você dormir e vai acalmar a sua tosse ( eu seguia tossindo no dia da entrevista).*

*O xarope leva muita erva e você pode botar a erva que tiver, nós fazemos aqui o xarope do umbigo da bananeira que sai muito, que é bom pra combater bronquite alérgica, né? Sabugueiro no xarope, é bom contra a alergia. O que eu acho importante e não pode faltar no meu xarope é a folha da laranjeira, se for da terra ótimo, se não for, qualquer laranja, a folha da laranja, hortelã que combate verme também, o xarope é doce, precisa ter uma hortelã ou uma santa Maria, a tanchagem é muito boa porque ela é contra infecção, ela combate a infecção e então a maioria dos resfriados é o que? Garganta, ataca garganta, ataca tudo, né? Por isso que ela tem que entrar aí.*

*Aí vem o poejo, pode entrar o poejo, o guaco, que também é muito importante ter, mas se não tiver vai pitanga, e tem o tal do crajiru que eu tenho lá em casa, muito bom. Aí pode usar até a folha da mangueira, sabia? É muito boa pra tosse; as folhas da acerola, é ótimo pra tosse também, muito bom, arnica, melão de são caetano, erva de passarinho eu não gosto que falte no xarope porque erva de passarinho é para o pulmão, combate a infecção do pulmão.*

*Se você não está se sentindo muito bem faz um “suminho” dessa erva de passarinho, pode socar umas folhinhas, pode tomar no leite, pode tomar ela colocando no chazinho, mas ela assim socadinha fazendo o sumo é melhor ainda, ela entra na pomada também.*

*Todas essas ervas que estão no xarope também podem ir na pomada. Eu tenho lá em casa pé de pitanga pra gente usar aqui, muita coisa que a gente usa eu procuro plantar, principalmente árvores, por exemplo, aroeira, não pode fazer uma pomada sem aroeira.*

*Nós não temos erva de bicho porque tá muito difícil, tá ficando extinta, é até bom se lá na sua área tiver erva de bicho, traga pra mim ou fala que eu mando buscar, se tiver muda, melhor ainda, porque nós não temos.*

*O poejo também tá muito difícil, mas o poejo você acha na feira. Outro também muito bom é o alecrim, tanto o do campo quanto o alecrim de jardim, que é aquele que a gente vê por aí que bota na comida. Alfavaca, eu uso em todo xarope que faço, pode usar alfavaca, que é um santo remédio. É assim que faz. (Dona Graça, 2022, relato oral)*

Figura 17 - Ervas separadas para a feitura do xarope



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

### 3.4.3 “E aí eu me lembrei do xarope da sopa doce da minha vó”

*Quando nós era criança a vovó mandava a gente comer legumes e a gente não queria, né? Aí ela dizia que sem comer verduras e legumes a gente ficava muito fraco, né? E a gente tinha que comer porque tudo tem vitamina, a couve, a cenoura, o chuchu, tudo tem vitamina.*

*A vovó cortava tudo bem fininho, torrava, né? Fazia aquele cozido, aquela água, aquele chá daquilo ali com as ervas medicinais pra abrir o apetite, a alfavaca é uma delas, o alecrim também, o hortelã miúdo é um santo remédio, a manjerona é um santo remédio. Tudo isso é bom. Então algumas ervas dessas ela colocava ali, e colocava couve, que é vitamina pura, almeirão, espinafre, rúcula, aí vovó cozinhava aquilo ali, fazia o chá e fazia o xarope pra nós e nós tomava aquele xaropinho.*

*Outra hora ela colocava o açúcar nele, misturava e deixava, saía aquele mel, né? Só que estraga logo, mas o que cozinhava dava pra nós tomar o mês inteiro. Fazia o xarope, botava um pouquinho de cachaça pra conservar, não era muito, pra cada litro era colocava parece que 2 colheres de sopa pra fazer 1 litro pra mim e pros irmãos tomar. E isso aí eu trouxe pra cá, lembrei, essas crianças enjoadas pra comer, não tinha multimistura. Depois a mãe ia lá, pegava esse pozinho (multimistura) e colocava no feijão e ficava margoso, né? Aí as crianças não quer comer, aí dizia que a criança comia mas não comia, não, comia só um pouquinho.*

*E aí eu lembrei do xarope da sopa doce. Nessa sopa você não vai colocar batata, você não vai colocar inhame, o inhame você pode bater cru e dar pra ela, né? (para a criança), mas não pode botar nesse chá aí, é feito, por exemplo, com cenoura, que você cozinha e fica água, a beterraba, vai espinafre, couve, corto com talo e com tudo, lava com talo e tudo, se é planta medicinal você pode colocar com raiz, com tudo, e aí queimou o açúcar, jogou ali, faz o xarope e dá.*

*Rapidinho fortalece o apetite e isso eu coloquei aqui e as crianças ficaram boas, crianças que estavam uns 3 mês e não conseguiam engordar, pegar peso, a criança melhorou e as mães danou a procurar "cadê o estimulante do apetite?" Porque a criança às vezes só tem o arroz e feijão pra comer, um anguzinho, às vezes não tem as coisas direito, né? E as crianças não quer comer, fica sem comer porque quer comer besteira e esse remédio faz abrir o apetite e elas falam "não há feijão que chegue agora, não há angu que chegue, eu faço e eles querem comer tudo, rapa a panela e tudo". E eu falei "que coisa boa". (Dona Graça, 2022, entrevista presencial).*

#### 3.4.4 Dona Luiza entre ervas e fitocosméticos

Dona Luiza conta que trabalha com os remédios, com as terapias naturais e com fitocosméticos, pois foi entendendo que também seria importante estudar e desenvolver esses produtos. O público atendido é tanto de pessoas de renda mais baixa quanto de classe social mais elevada e que ao ficarem sabendo do trabalho vem de Copacabana, Tijuca, Jacarepaguá, Niterói, de vários lugares em busca de atendimento e dos produtos naturais desenvolvidos, sendo o público feminino predominante.

*Quando o pessoal vem a primeira coisa que a gente faz é uma avaliação da sua saúde pra descobrir qual é o órgão que está afetado e aí como a gente aqui tem essa questão de trabalhar com a bioenergia a gente testa qual é a terapia que aquela pessoa precisa porque às vezes eu quero fazer uma acupuntura e já tá no físico e aí a gente precisa passar um gel uma pomada porque aí já tá no físico causando uma inflamação. Às vezes a pessoa vem querendo uma coisa mas a leitura do corpo é que vai dizer o que que ela precisa E através dessas avaliações do corpo eu fui aprendendo, a gente foi entendendo aqui quais são os tratamentos para cada necessidade do corpo (Dona Luíza, 2022, entrevista presencial).*

Afirma que mesmo que os atendimentos aconteçam em um anexo da igreja não tem relação com a religião, pois não é o religioso que fica doente e precisa das ervas e sim o ser humano, por isso recebem pessoas de diversas religiões como espíritas e evangélicos, porque não tratam de religião e sim do ser humano.

Figura 18 - Xarope



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

Compreendendo essa parte da entrevista como uma demonstração de seus saberes orgânicos e também por sua explicação tão detalhada, optei, nesse ponto, por transcrever na íntegra a nossa conversa nesse ponto.

**Tatiana: Como são os atendimentos realizados? Existe uma regularidade?**

*Dona Luiza: Tem pessoas que somem quando o sintoma some e só voltam quando o sintoma volta, e tem umas que não voltam mais, às vezes passam 20 anos sem ter o problema. Uma vez que consegue fortalecer o organismo a erva tem o seu princípio ativo, né? Por exemplo, a alfavaca, para quantas coisas uma erva só serve? Por isso que ela serve para reumatismo, para dor, para inchaço, porque ela tem sete, oito ou mais funções e cada princípio ativo serve para uma doença. E por isso uma erva só serve para várias doenças, por isso que é importante, né? Porque a indústria farmacêutica separa o princípio ativo, o que eles acham que é isso aqui e despreza os outros e quando você toma a erva, mesmo que você precise só de um princípio ativo ela vai te tratar por inteiro.*

**Tatiana: E as ervas utilizadas vem de onde dona Luiza ?**

*Dona Luiza: Temos muitas de quintal, temos moringa, temos nim, mas a gente precisa de várias ervas pois aquela que o corpo pedir a gente tem que ter, né? Eu vou no pessoal do sem terra também, a gente tem uma abertura com eles. Tem assentamento na divisa de Caxias com Nova Iguaçu, inclusive é de lá que eu compro a cesta orgânica que eles vendem lá, vou em Pirai também com o pessoal que eu contribuí com os cursos deles, com a parte de fitoterapia, então eu tenho uma abertura com eles também. A gente pega a erva fresquinha e sabe a origem da erva que a gente pega. Uma planta saudável é importante e pra isso a gente saber a origem da planta, né? Planta onde passa a rede elétrica não é legal, onde tem lixo, onde tem um valão, essas coisas, né? A gente não pega a planta porque estão contaminadas de beira de rua, de estrada, elas estão com toxinas dos carros que passam ali e aí a gente não pega, a gente vai pegar em área que a gente sabe que é saudável.*

**Tatiana: Quais são as queixas mais frequentes?**

*Dona Luiza: Geralmente a pessoa se queixa dos sintomas, mas ele não sabe o que tá por dentro, né? Muitas vezes a pessoa tá com uma dor nas costas e o problema está no coração, geralmente também, Tatiana, a pessoa não tem um problema só, tem vários problemas, só que onde está gritante é onde ele acha que o problema está ali, mas quando a gente vê outros órgãos, vê que tem outros órgãos afetados, né? Aí a gente vai tratando e vai eliminando. Fígado, intestino, estômago, vísceras e o sangue também estão sempre afetados, né? Colesterol porque a alimentação que temos hoje, né? Principalmente as pessoas pobres que compram o que dá pra comprar, comem aquilo que aparece e eles ficam doentes, mas no fundo no fundo eles acabam morrendo é de fome. Ele não tem alimentação adequada, não tem nutrientes, então ele come o que aparece e a comida que ele come às vezes está adoecendo mais do que o próprio agente patológico entendeu?*

**Tatiana: E para as mulheres? Existe algum tipo de tratamento específico?**

*Dona Luiza: Para as mulheres, geralmente o que predomina de tudo que a gente faz é a garrafada. A garrafada puxa muitas ervas, né? E no ciclo da mulher também tem agente patológico lá, tem mulher que tem um sangramento direto quando a menstruação vem, o sangramento é muito forte. Não é só o mioma, tem várias coisas ali, entendeu? E a gente tem que tratar também. O mioma também, a gente usa muita argila, quando tem mioma a gente faz um chá de determinada planta que for necessária com argila*

**Tatiana: E sobre os fitocosméticos?**

*Dona Luiza: Eu lendo e pesquisando plantas para doenças, pensei "isso aqui serve para pele, isso aqui serve para caspa" e foi quando eu aprendi e aí eu fui fazendo creme de barbear, gel de barbear.*

Figura 19 - Gel para dores em geral



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

Figura 20 - Shampoo e condicionador, naturais.



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ, no Espaço Multiervas.

Fonte: A autora, 2022.

*Eu fui fazendo uma série de coisas e eu acabei criando 36 fórmulas e depois aquela que mais saiu aqui aí e é o carro chefe é esse gel para dores em geral e em seguida vem o shampoo e essa pomada cicatrizante e anti-inflamatório, né? E esse gel para dores musculares também é cicatrizante, ele tem cânfora e dói quando coloca, mas eu não falo, né? Risos (Dona Luíza, entrevista presencial, 2022).*

E assim encerramos nossas entrevistas com as guardiãs, entre risadas e emoções provocadas pelas lembranças de dona Luiza e dona Graça. Memórias, afetos e narrativas que se transformam em práticas de cuidado e escrevivências. Ao contar suas histórias, trazendo para o presente os saberes dos antepassados através de ações cotidianas, do campo à cidade, da roça às panelas, o que une todas as pontas na vida e narrativa de dona Graça e dona Luiza é a dedicação de ambas às ervas e aos saberes ancestrais, assim como o desejo de colocar em ação os aprendizados que buscaram ao longo de suas vidas.

### 3.5 Escrevivências do corpo ancestral

Porque mesmo que queimem a escrita,  
 não queimarão a oralidade.  
 Mesmo que queimem os símbolos, não  
 queimarão os significados.  
 Mesmo queimando o nosso povo, não  
 queimarão a ancestralidade.

SANTOS, 2015

A oralidade vai assentando as palavras em um corpo que é memória, pois ao existir a partir de um lugar biológico, histórico, coletivo e ancestral, possui saberes que lhe são incorporados, ou seja, é a partir de uma memória coletiva que o saber se inscreve em seu corpo e se expressa pela pele, pela dança, pelas palavras ditas e silenciadas, pelo tom de voz, pelo olhar. Cozza (2021) nos fala sobre o quanto a partir da oralidade refrescamos a memória e a pele, esse órgão humano que absorve as coisas através de uma corporeidade enquanto lugar do sentir. Aqui, ao falar de um corpo negro e indígena, pontuo que o sentir não é individualizado, não voltamos ao espelho de narciso que não nos reflete, falamos e experienciamos em um sentir coletivo. Essa relação com as coisas materiais e imateriais, um sentir sensível com outros corpos e com aquilo que não é visível está na base dessa corporeidade e da afirmação de que “o saber, neste corpo, é um saber incorporado” (COZZA, 2021, p.90).

É preciso deixar vivo na memória que a história que temos acesso sobre nosso povo, cultura e país fundamentam o posicionamento político e nosso lugar no mundo, alimentando

uma autoimagem e identidade distanciadas de nossa ancestralidade pois, bem sabemos, que não há inocência nas narrativas históricas, feitas colocando negros e indígenas como o “outro” com o qual não queremos nos identificar pela discriminação e racismo colonial, esse “outro” é um coadjuvante em sua própria terra ou história em relação ao protagonista da narrativa que está sendo contada por ele (PINTO, 2021)

Questionar as narrativas que constroem memórias é um processo educativo, que nos fortalece coletivamente numa prática contracolonial, No entanto, se a “história oficial” não nos representa ou preserva nossos saberes, qual memória nos interessa acessar?

A memória, na minha experiência pessoal, sempre teve algo de não-dito, fruto da minha história de vida, da árvore genealógica que tem galhos quebrados, daquilo que não se pode dizer mas que mobiliza e assombra. A memória, os rastros e registros de mulheres que não conheço, de antepassados que não vi, carrego todos nessa escrita. A história não contada, inventada, silenciada. A memória tem seus segredos, mas pelo mistério, ela se faz ouvir. Ouvimos essa memória olhando nosso reflexo no espelho, nossos corpos contam nossas histórias e a história de nossas ancestrais. Um corpo-memória de uma narrativa ancestral.

Dessa forma, pensar oralidade e corpo, também é pensar memória, e na perspectiva indígena, afrodiaspórica e africana, pensar memória é acionar saberes ancestrais. Existem diversas tradições africanas, afrodiaspóricas e indígenas e não é possível, nem mesmo correto, homogeneizar como se todas pensassem corpo e memória da mesma forma. Não tenho a intenção, com esse trabalho, de falar por cada uma delas, sequer de falar por alguma, o que proponho é uma costura desses saberes que confluem.

Essa memória ancestral que se inscreve no corpo faz deste um corpo-território de saberes, para nós mulheres, registros de muitas que vieram antes e que são transmitidos oralmente e no ato da escrita, assim como nos situa a escritora Conceição Evaristo, que tem sua literatura profundamente ligada às experiências da coletividade negra, do existir na mulher negra, demonstrando que a maneira como você conta um fato, o humaniza, e que ainda é preciso humanizar corpos negros.

O fio ancestral que nos une é bordado, riscado, traçado pelo viver e escrever. A escrita nos conecta ao saberes tradicionais, à ancestralidade, à memória, ao corpo; esse corpo que registra seu viver, que escreve e inscreve no tempo a sua experiência. O fio ancestral que nos leva de Conceição Evaristo à Beatriz Nascimento na compreensão do corpo território:

### A noite não adormece nos olhos das mulheres

A noite não adormece nos olhos das mulheres a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória.

A noite não adormece nos olhos das mulheres há mais olhos que sono onde lágrimas suspensas virgulam o lapso de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece nos olhos das mulheres vaginas abertas retêm e expulsam a vida donde Ainás, Nzingas, Ngambeles e outras meninas luas afastam delas e de nós os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas pois do nosso sangue-mulher de nosso líquido lembradiço em cada gota que jorra um fio invisível e tônico pacientemente cose a rede de nossa milenar resistência.

EVARISTO (2018b, n.p.).

Evaristo (2018b) em sua poesia narra o corpo da mulher negra tecido pelo fio da memória na relação com o território, assim como Beatriz Nascimento, ao falar do corpo como um quilombo e dessa existência marcada pelo direito ao território (inclusive simbolicamente) e à memória.

É importante ver que, hoje, o quilombo traz para a gente não mais o território geográfico, mas o território em nível de uma simbologia. Nós somos homens, nós temos direito ao território, à terra. Vários, vários e várias partes da minha história me contam que eu tenho direito ao espaço que eu ocupo na nação. E é isso que Palmares está dizendo naquele momento... Eu tenho direito a um espaço que eu ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse limite geográfico que é a capitania de Pernambuco. A terra é o meu quilombo, meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Onde eu estou, eu sou. (NASCIMENTO, 2018, p. 337).

No documentário *Orí* (1989), que narra o movimento negro trazendo a história de Beatriz Nascimento, onde afirma que a memória é transatlântica, firmando no gesto a experiência do cativo, seriam registros e narrativas de uma experiência de violência inscrita nesse corpo-documento. Essa é a memória expressa pelo corpo sobre a escravização. Quando os corpos negros se encontram para dançar e celebrar, sai desse lugar dado pelo branco e conta uma história positiva, uma identidade positiva de resistência criada no corpo que se expressa nesse encontro.

Se o quilombo é o espaço simbólico do corpo e se esse corpo é uma experiência de aquilombamento, ele está onde eu estou, ele é o que eu sou; o que nos ajuda a ressignificar espaços de firmamento ancestral na atualidade como saraus, *slams*, encontros, rodas de conversa e danças. O *Orí*, dessa forma, leva o corpo quilombo para todos os lugares. E, se o corpo é onde estamos, de forma subjetiva estamos em fuga ainda hoje? Ao buscar sair do

cativeiro mental, da colonização de nossos corpos e mentes, ainda estamos nos movendo em fuga?

Por questões profundas como essa, é importante esses espaços coletivos de criação de identidade positiva, de existência positiva, locais onde você é o senhor da sua própria história, o protagonista que escreve e inscreve aquilo que vive, lugares de encontro em que você se desloca em busca de uma reconciliação com o passado.

Nessa confluência, compartilhamos - negros e indígenas - uma visão acerca da memória como algo que tem som, cheiro, gosto, tem uma dança, tem afeto. Ao falar da confluência entre os povos africanos sequestrados e trazidos para o Brasil e os indígenas que aqui estavam, Santos (2018) narra como tais saberes - negros e indígenas confluíram:

A surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu (SANTOS, 2018, n.p.).

Se pensarmos nos saberes dos africanos e indígenas como orgânicos, como saberes que estimulam a expressão do ser, do bem viver em detrimento dos saberes sintéticos que buscam o “ter” como resultado do viver bem, então somos aqueles que agem através do saber orgânico enquanto os colonizadores agem até os dias atuais reforçando saberes lineares e sintéticos. (SANTOS, 2018). Nesse sentido, Nêgo Bispo sinaliza a aliança entre negros e indígenas até os dias atuais, pela relação dos povos com a terra e o território, de compreensão de que não a possuímos e sim pertencemos a ela e pela visão de que o território é muito mais que a terra, sendo todos os seus elementos e representações. (SANTOS, 2018)

Uma outra categoria muito importante é a da contracolonização, que segundo suas palavras seriam “reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes”, sendo esta uma pauta de confluência entre quilombolas e indígenas.

No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização. (SANTOS, 2018, n.p.).

E por último, a mensagem que atravessa toda a escrita de Nêgo Bispo é a ideia de que “a guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputa de

territorialidades” (SANTOS, 2015, p. 97), por isso, é importante confluir corpos e mentes, para assegurar que nossas vozes sejam ouvidas. Vozes indígenas e africanas com as quais tecemos o fio ancestral dos saberes orgânicos de povos que se encontraram, confluíram e buscam com suas práticas contracolonizar.

Ao falar do corpo-território de saberes ancestrais, uma das expressões de comunicação e transmissão de saberes entre povos indígenas é o grafismo, que torna o corpo indígena uma tela para a pintura ritualística, uma vez que existem grafismos específicos para diferentes marcadores da vida como nascimento, casamento, morte etc. Dessa forma, a representação feita no corpo, comunica uma mensagem e uma identidade.

“Se a pele é uma tela, desenhar um grafismo é territorializar esse corpo com informações fundamentais que trarão uma leitura do que aquela pessoa sente e quer dizer”. (KAMBEBA, 2020, p. 47)

Em seu livro *Saberes da Floresta*, Kambeba (2020) contextualiza que vivemos de fato um novo tempo, que exige outras estratégias de sobrevivência e manutenção dos saberes ancestrais. Se é uma realidade a entrada da televisão, internet e celular nas aldeias, também é real a presença indígena nas universidades, literatura, cinema e artes plásticas contemporâneas. É preciso então estar nesses espaços, produzir ciência, mas sem perder de vista a ciência dos anciões e a contribuição de tais saberes para a formação do Brasil a partir de alguns pilares/marcadores, tais como a língua indígenas a partir do cruzamento do português trazido pelo colonizador e as diversas línguas africanas; a onomástica brasileira, a religiosidade popular indígena (encantaria, pajelanças) em conexão com o catolicismo, umbanda, candomblé e o conhecimento de ervas, raízes e animais enquanto base da medicina popular.

Existe uma ideia de que a língua é o que firma um território e para Célia Xacriabá (2022), embora também seja, sua percepção é que é principalmente este território o que sustenta a tradição de um povo, já que sem esse território a própria identidade indígena estaria ameaçada e por isso a luta indígena é a luta pela demarcação desse território. Um território-corpo, um corpo árvore que nos leva de volta, de forma circular, ao grafismo indígena.

Eu falo que o primeiro livro que eu li foram os meus avós e os meus bisavós. Porque, no tempo em que eu não sabia ler ainda, da palavra Xacriabá, o primeiro “X” que eu aprendi a fazer, foi o “X” do corpo, o “X” das pinturas corporais, e o nosso corpo também é papel, nesse sentido. Talvez o nosso corpo não seja papel materializado, mas o nosso corpo árvore, também. Foi no corpo que eu aprendi a escrever, não exatamente com a tinta da caneta, mas com a tinta do jenipapo e do urucum. (XACRIABÁ, 2022, p. 16)

Sobre a atuação das mulheres indígenas, narra que os corpos indígenas precisam ser respeitados e que o primeiro ataque do atual governo aos indígenas foi a uma mulher - a terra. “E quando ele ataca a terra, nós, mulheres indígenas, nos levantamos com muita força, porque a terra é uma extensão do nosso corpo” (XACRIABÁ, 2022, p.18). E de que maneira isso é possível se não pela interconexão entre todas as coisas? A visão de que somos a própria natureza e que ao envenenar rios e terra, nosso corpo também será envenenado.

### 3.6 A mãe do corpo - Narrativa ancestral compartilhada por Amanda Goytacá

*Eu me mudei para a casa da minha avó materna, onde a minha mudança chegou primeiro que eu, e aí mais uma vez muita coisa aconteceu aqui. Quando eu pisei aqui, eu comecei a sentir a **mãe do corpo**, eu não sei se você já ouviu falar, mãe do corpo é uma divindade feminina da cultura Goytacá, ela cuida da criança no ventre, ela é a divindade responsável pela fecundação, gestação, nutrição e nascimento da criança. Ela habita o ventre feminino. E quando uma criança nasce, que a criança sai de dentro do ventre, a mãe do corpo que ficou ali 9 meses cuidando daquela criança começa a andar (faz um movimento circular na barriga), procurando a criança, então é muito comum as mulheres sentirem o "bebê se mexer" mesmo depois que o bebê nasceu. Já ouviu falar disso?*

*E aí a medicina burguesa costuma dizer para as mulheres "ah, são os órgãos voltando pro lugar, aí dá aquela sensação (remexe a barriga). Ah, são gases, mas a gente sabe que é a mãe do corpo.*

*Então é muito importante o trabalho da parteira ancestral, por exemplo, porque ela faz um trabalho depois do parto de fechamento da matriz pra acolher essa mãe do corpo, pra que essa mãe do corpo descansa em paz ali, cuidando e nutrindo agora a mãe, porque o neném já tá numa outra etapa da vida.*

*E quando eu pisei aqui a mãe do corpo começou a mexer muito, eu cresci ouvindo falar sobre a mãe do corpo e sobre a lua, foram assim, dois ensinamentos que marcam muito a minha infância - a mãe do corpo e as fases da lua, a menstruação, as crianças, o nascimento.*

*E aí eu comecei a sentir muito a mãe do corpo mexer, e minha mãe, que é filha dessa avó da casa onde eu tô, ela não gosta de vir aqui. A minha mãe também é bruxa, né? Que nem eu, que nem a minha avó era. Ela não gosta de vir aqui pelos motivos óbvios, espirituais e eu entendo.*

*Um belo dia ela tava aqui e eu falei "mãe, quem te ensinou sobre a mãe do corpo?" Porque eu sabia que eu era indígena do lado do meu pai, mas do lado do meu pai eu não recebi esses ensinamentos, mais relacionados a espiritualidade, a medicina até. Talvez porque a minha avó paterna fosse mãe de três homens, então ela ia*

*passar aquele conhecimento e aquela sabedoria feminina pra quem? Os netos conviveram muito pouco, ela morreu, eu acho que não tinha nem 10 anos, eu convivi muito pouco com ela. Então esses ensinamentos eu recebi do lado da minha mãe, só que minha avó materna era branca, e o meu avô era descendente de português com africano, e ao veio um estalo na minha cabeça, eu falei "peraí, se todas essas questões espirituais, de cuidado, de sabedoria ancestral de cuidado com o corpo, eu aprendi com a minha mãe, minha mãe aprendeu com a minha avó, minha avó aprendeu com a mãe dela" isso é muito específico do povo Goytacá, você conversar com outras pessoas de outros povos, elas nunca ouviram falar da mãe do corpo. Eu fiquei assim "nossa, vó, o que você queria que eu descobrisse quando eu chegasse aqui?"*

*E aí eu descobri que a minha avó materna era benzedeira, que ela carregava essa herança da linhagem feminina da família dela, era uma família de benzedeiras, de Magé, que é o que a gente costuma falar quando são mulheres que ocupam esses cargos espirituais, que fala-se muito de pajé, colocando como um lugar exclusivo de homens, né? Mas não, também as mulheres exerciam essas funções. E como exercem até hoje, ainda que denominem de outra forma, né?*

*E aí, logo depois de chegar aqui e sentir a mãe do corpo daquele jeito eu engravidei, nasceu uma florzinha no quintal, amarela, lida, e a espiritualidade fala com a gente através das plantas, as plantas têm alma e é por isso que a medicina das plantas, ela cura a gente de dentro pra fora e de cima pra baixo, da alma pro corpo físico. Desde que eu aprendi a ouvir as plantas, nasce uma planta perto de mim ela não vai passar batido, não é um mato, pra mim não é mato, pra mim é mensagem espiritual e aí eu tirei foto dessa plantinha amarela, delicada, pequenininha e pesquisei e o nome da planta era Santa Catarina e Catarina era o nome da minha avó, e eu constatei isso no dia que a minha avó faleceu e eu não sabia qual era o dia que a minha avó faleceu e aí eu fiz um texto chorando, botei na rede e minha tia "da onde você tirou que mamãe era índia, cê tá doida?" Porque é um lugar de negação histórica, ancestral, por questão de sobrevivência, ainda mais o nosso povo goytacá que foi assim forçado a negar a sua própria identidade pra poder sobreviver, né?*

*E aí os livros didáticos dizem que a gente foi extinto e tal e não, a gente se silenciou pra poder sobreviver e infelizmente tem um buraco na nossa história que acabou rompendo com a passagem dessa informação pra frente. A minha vó nunca falou pra minha mãe "nós somos descendentes indígenas Goytacá" mas ela dizia "cuida da mãe do corpo, é assim, assim, assado", é mensagem subliminar, são questões culturais que vão sendo passadas e mantém uma faísca de memória viva que se você conseguir vai chegar lá atrás e foi assim que foi o meu processo, né? (Amanda Goytacá, 2022, entrevista online).*

Essa visão do corpo como um lugar de registro de saberes também se faz presente para se pensar a escrita e a intelectualidade da mulher indígena. Além de se considerar as diversas expressões de oralidade como uma estratégia de sobrevivência diante do massacre de corpos que segue em curso, há a visão de que essa intelectualidade não se limita à mente, está no corpo, nas mãos e nos úteros das mulheres indígenas. Assim, o conhecimento da mulher indígena, não é registrado em livros ou artigos publicados, apenas. Ele compõe o corpo, memória, oralidade e narrativas compartilhadas, inclusive através da "lulalitura" enquanto espaço que gera conhecimento. (XACRIABÁ, 2022).

A narrativa da mãe do corpo se configura dessa forma como um saber ancestral, localizado pela entrevistada Amanda Goytacá como fruto da tradição de seu povo e também presentes na tradição Karipuna e Galibi-Marworno; do vale do rio Uaçá, Oiapoque (AP), sobre conhecimentos e cuidados sobre gestação, parto e puerpério dessas mulheres, compondo uma teia de conhecimentos e saberes femininos de diversas tradições indígenas, como os Munduruku (AM). E que de acordo com Tassinari (2021) através de diversas pesquisas e estudos, é possível afirmar que a narrativa da mãe do corpo é encontrada em diferentes regiões do Brasil e também em comunidades quilombolas<sup>13</sup>.

#### Ancestralidade

Ouça no vento  
 O soluço do arbusto:  
 É o sopro dos antepassados.  
 Nossos mortos não partiram.  
 Estão na densa sombra.  
 Os mortos não estão sobre a terra.  
 Estão na árvore que se agita,  
 Na madeira que geme,  
 Estão na água que flui,  
 Na água que dorme,  
 Estão na cabana, na multidão;  
 Os mortos não morreram...  
 Nossos mortos não partiram:  
 Estão no ventre da mulher  
 No vagido do bebê  
 E no tronco que queima.  
 Os nossos mortos não estão sob a terra:  
 Estão no fogo que se apaga,  
 Nas plantas que choram,  
 Na rocha que geme,  
 Estão na casa.  
 Nossos mortos não morreram.

BIRAGO DIOP *apud* MACHADO (2013, n. p.).

Circulando saberes e ancestralidade, voltamos aos saberes ancestrais africanos, pois da mesma forma que Xacriabá nos diz da importância e invisibilidade saberes ancestrais das mulheres indígenas, assim também é com os saberes ancestrais femininos das mulheres negras (MACHADO, 2020).

<sup>13</sup>Há correspondências na tese de Soraya Fleischer (2007) sobre uma comunidade ribeirinha em Melgaço (PA) e no trabalho de Julia Sauma (2019), em uma comunidade quilombola no rio Erepecuru, próximo a Oriximiná (PA), são algumas das referências descritas.

Não é possível negar a força do feminino, uma vez que está presente em tudo enquanto escuta, força e sensibilidade, sendo a própria energia do encantamento. Assim é, ao pensar na natureza como entidades femininas de criação da vida na Terra. São os saberes ancestrais femininos que tecem o fio ancestral do encantamento da vida comunitária. Como nos ensina a mestra Vanda Machado: “Compreender o pensamento africano passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos cósmicos”. (MACHADO, 2013, p. 101).

Assim sendo, para Machado (2013) podemos afirmar que todos os elementos da natureza - terra, fogo, água e ar, são manifestações ancestrais constituintes da totalidade humana, sendo a terra a mãe que nos cria, acolhe e nutre. Terra viva, abundante e sagrada para seus filhos negros e indígenas.

Pela preciosidade da vida e por essa terra da gente é preciso estratégias para contracolonizar, situando falas, ocupando espaços, compreendendo o pensamento colonizador para opor sua fome por nossos corpos e mentes. Quando academicamente situamos saberes indígenas como populares, porque fazê-lo desta forma se não para afirmar que o que fazemos não é ciência, não pode ser considerado como algo valoroso? As palavras escolhidas esvaziam os sentidos dos saberes que tem nome e significado - saberes indígenas, saber quilombola, saber do povo de terreiro (SANTOS, 2019, p. 27).

As palavras de Nêgo Bispo são como um encantamento, um despertar. É preciso estar dentro e fora da academia, não ser monocultural ao se alimentar da própria ancestralidade para tecer diálogos sustentados pelo saber orgânico.

Em busca desses saberes orgânicos me sentei com essas guardiãs, dona Graça e dona Luísa, certamente não estavam sós, falavam apoiadas em suas memórias, oralidade e saberes ancestrais. A partir desse lugar, pensar os saberes sintéticos, reais, presentes, como dialogar então? Como estar dentro e estar fora ao mesmo tempo? Assim, chamo em seguida para essa roda mais duas guardiãs, Lady Almeida e Amanda Goytacá, com as quais teci caminhos de estar fora e dentro, no fio da navalha entre os saberes ancestrais orgânicos e a educação escolar. Muitas foram as narrativas, assim como diversos são os saberes dessas mulheres com quem compartilhei uma flecha no tempo. Axé, mulheres, avante!

## 4 **ESCREVIVENDO SABERES ANCESTRAIS E EDUCAÇÃO**

Não precisa inventar um novo mundo não, precisa reeditar o velho mundo. Precisa reeditar os quilombos, os quilombos são as áreas mais preservadas, são as áreas mais festivas, são os territórios que se vivem festejando, as aldeias do mesmo jeito. Então por que inventar?

Por que que esses pesquisadores ao invés de ser pesquisadores não são estudantes? Não são aprendizes?

Porque que ao invés dessas pessoas saírem das universidades pra ir nos territórios nos pesquisar, porque que não nos contrata pra dar aula pra vocês?

Pra ensinar pra vocês relações ambientais e não educação ambiental. Pra ensinar pra vocês relações de compartilhamento e não de coletividade.

Ensinar pra vocês a relação de envolvimento e não de desenvolvimento.

Acabou o mundo das teorias desconectadas. Acabou.

*SANTOS, 2022*

### 4.1 **Escrevivendoum contexto**

A escrita é uma forma de preservar histórias e narrativas ao registrar saberes e a cultura de um povo. Assim, quem escreve tem o poder de falar e se fazer ouvir a partir desses registros; quem escreve conta a sua história e a história dos que foram silenciados. Partindo da experiência de mulheres negras escravizadas e da existência marcada pelo racismo, Evaristo (2020b) desenvolveu uma metodologia de escrita que convida à descolonização, ao trazer ao protagonismo a existência e a subjetividade do “eu negro”.

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2020b, p. 53-54).

O exercício de escrever saberes ancestrais e educação é possível a partir da afirmação e diálogo entre existências plurais, da oralidade na transmissão de saberes e da circularidade na construção de propostas pedagógicas contra hegemônicas e antirracistas. É preciso escrever histórias diversas na escola para que a educação seja representativa de todos e não de quem até aqui se fez protagonista através de uma história única.

As seções se desenham a partir da escrevivência de memórias e vivências minhas, seguidas das narrativas e memórias das professoras entrevistadas. Na primeira seção, Apresentando as guardiãs professoras-pesquisadoras a partir de suas narrativas de vida, inicio o capítulo escrevivendo memórias da infância, família e ancestralidade, assim como a formação e práticas em sala de aula ou campo das professoras-pesquisadoras e como essas experiências se constituem enquanto saberes ancestrais operando em suas práticas de ensino. Optei por me referir a ambas como professoras-pesquisadoras, entendendo que cada uma, em sua área de atuação, dentro ou fora de sala de aula, promove atividades de ensino e pesquisa.

Ao me questionar sobre a viabilidade de escrever os saberes ancestrais na educação formal, contextualizo que os estudos de Paulo Freire(1967, 1987, 1996), bellhooks(2013, 2020)e Azoilda Trindade (2010, 2013) foram importantes para a construção desse capítulo, em especial, a segunda seção intitulada Escrevivendo Saberes ancestrais em educação. E assim, ao falar da minha experiência enquanto professora de alfabetização de jovens e adultos e do quanto as aulas partiam do relato de vida dos alunos, seguindo a metodologia freiriana aprendida na formação de professores/EJA, fui me questionando sobre a relação dialógica entre os saberes ancestrais e a educação.

Na terceira seção, Em busca da Escola aldeia-terreiro - saberes ancestrais em circularidade, uma vez que podemos pensar na presença dos saberes ancestrais na escola/educação formal, através da existência negra e indígena dos que lá estão \_ alunos, professores e todo o corpo da escola, todos com suas histórias, memória e ancestralidade, é mais que possívelé urgente e necessário, que essa escola possa também se tornar uma escola aldeia, uma escola terreiro. Para tal, é importante olhar a educação indígena e quilombola em suas práticas e valores, afinal, como imaginar uma escola aldeia-terreiro sem saber como é uma escola indígena ou quilombola? Assim sendo, essa seção narra características da educação da criança na aldeia e no quilombo que possam colaborar para a transformação da escola formal em um espaço pluriepistêmico.

Na última seção - Práticas escrevíveis antirracistas-, trago as atividades desenvolvidas pelas professoras-pesquisadoras em escola formal e em educação popular promovendo práticas antirracistas na educação.

#### 4.2 Apresentando as guardiãs professoras-pesquisadoras a partir de suas narrativas de vida

Ao ouvir as professoras-pesquisadoras contar sobre as suas realidades em sala de aula e os desafios de uma prática antirracista que possa problematizar a história que nos foi contada, me lembrei de que eu mesma já estive nesse lugar diante de uma turma em sala de aula como normalista do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS/Duque de Caxias) e depois como professora do EJA/SESI no Ciep 229 Cândido Portinari, situado em Saracuruna/Duque de Caxias.

Me lembrei de como era para mim, uma professora recém-formada e estudante de psicologia, correr de um lado ao outro para estudar em tempo integral e dar aulas à noite no EJA, como era utilizar os exemplos do cotidiano para alfabetizar aqueles jovens que estavam fora de sala de aula fazia algum tempo e como eu me sentia ao encontrar esses mesmos alunos nas esquinas ou nas encruzilhadas, trabalhando como aviõezinhos ou mesmo as meninas que engravidavam jovens e que precisavam sair da escola para serem meninas-mães.

Também me recorro da emoção de dona Maria dos Prazeres, uma senhora de 78 anos que queria aprender a ler e do seu Miguel, do seu Luiz e de tantos outros que se sentiam envergonhados por não saberem ler. Compartilhamos histórias e memórias de suas infâncias e juventudes, quando eles mesmos estudavam e trabalhavam e precisavam correr pra lá e pra cá, assim como eu corria para estar ali ouvindo e contando histórias, compartilhando saberes e a própria vida.

E de tanto correr pra lá e pra cá, aqui estou eu, mais uma vez, às voltas com a educação e com professores; será que essa corrida é circular? Entrando nas matas em busca de me reeducar para a vida e as relações que nela cabem cheguei à escola, é certo que avançamos, circulamos e retornamos ao mesmo ponto ou seria uma encruzilhada que nos conecta à nossa infância e história de vida?

Para investigar as conexões entre saberes ancestrais e educação formal, percorremos um caminho com duas entrevistadas: Lady Almeida e Amanda Goytacá, descrevendo suas histórias de vida abrangendo nascimento, infância e adolescência, relação com a família e ancestralidade e, também, sobre o caminho traçado até se tornarem professoras-pesquisadoras com o objetivo de compreender como suas histórias de vida e relação com saberes ancestrais operam em suas práticas de ensino.

### 4.3 Escrevivendo nascimento, infância e adolescência

Figura 21 - Amanda Goytacá



Legenda: Foto pessoal cedida pela entrevistada Amanda Goytacá para integrar a pesquisa.

Fonte: GOYTACÁ, 2022a.

A história de vida da professora-pesquisadora Amanda Goytacá passa por seu nascimento e infância em São Gonçalo, da percepção do racismo e do conhecimento parcial de suas raízes.

*Eu nasci e cresci numa favela em Neves, em São Gonçalo, na favela do Morro do Martins e eu sempre fui vítima de racismo, né? Só que eu achava que esse racismo que eu sofria era porque eu era favelada, e eu era negra, então eu cresci achando que o racismo que eu sofria era por conta da minha ancestralidade africana, que é conhecida, a avó da minha mãe nasceu sobre a lei do ventre livre, e o avô dela, que era herdeiro da fazenda, do engenho, se apaixonou por ela, assumiu o compromisso, foi renegado pela família que voltou pra Europa, né? Portugal, ele era de Portugal, a família voltou pra Europa e deixou ele lá com a minha bisavó e ele constituiu família. Então essa história chegou pra mim. A parte indígena da história não chegou. Todo mundo tem cara, fenótipo, inegável, mas ninguém sabe, ninguém viu (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

Figura 22 - Lady Almeida



Legenda: Foto pessoal cedida pela entrevistada Lady Almeida para integrar a pesquisa.

Fonte: ALMEIDA, 2022a.

Sendo a caçula de cinco irmãos, a professora-pesquisadora Lady Almeida rememora a chegada da família à Baixada Fluminense (Rio de Janeiro), aonde o pai chegou em busca de trabalho e, ao se estabelecer, trouxe sua mãe grávida e seus irmãos.

*Eu nasci, porque aí a gente precisa falar do nosso nascimento, o grande útero da minha mãe, eu sou filha de Luzia Cristina da Conceição de Almeida, junto com meu pai, Benício José de Almeida, eles são de Minas Gerais e migraram para o Rio de Janeiro, casados já, eles tiveram cinco filhos, eu sou a caçula desses cinco filhos, quando eles vieram para o Rio de Janeiro foi com os dois filhos pequenos e minha mãe grávida do terceiro e eu fui a que já nasci aqui, então os meus dois irmãos mais velhos nasceram em Espírito Santo, porque embora eles tenham nascido em Minas Gerais e vivido uma grande época lá, as famílias deles migraram para o Espírito Santo, tanto a família do meu pai quanto da minha mãe fizeram essa migração para o Espírito Santo. Minha mãe fala que provavelmente tinha 15, 16 anos quando migraram, minha mãe é de 40 (1940), meu pai é de 37 (1937) então foi na década de 50 e pouco e aí depois ele se casam começam a ter filhos e meu pai vem para o Rio primeiro para conseguir trabalho e depois minha mãe vem com os filhos e aí vão morar na Baixada Fluminense, então eu sou cria da Baixada Fluminense, o município de Duque de Caxias, nascida e criada, atualmente tem 9 anos que eu moro em Belford Roxo, mas também na Baixada Fluminense (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

Experiências de nascimento e início de vida significativamente diferentes e que nos apontam os caminhos trilhados por cada uma dessas mulheres. As relações familiares, as histórias contadas ou silenciadas, a relação com a escola, tudo vai compor uma narrativa-fio que nos conduz dos saberes ancestrais à educação formal.

*O que me traz também aqui hoje nesse lugar, nessa retomada, nessa busca, é como eu falei, né? Eu nasci na favela, eu sempre fui uma criança mais introspectiva, gostava de ficar sozinha, então eu era "a esquisita, a maluca". Eu, na verdade, sempre me senti um peixe fora d'água e olhando lá pra trás, pra minha criança eu fico pensando "tadinha, você tava no não lugar, você nasceu no não lugar e viveu 30 anos no não lugar". Isso é de adoecer qualquer um, eu tinha tantas perguntas desde sempre e essas perguntas nunca tiveram respostas e aquilo foi me adoecendo emocionalmente. Eu via espírito, eu ouvia espíritos desde criança, então eu era tratada como doida. As crianças não queriam brincar comigo, então isso contribuiu ainda mais pra esse meu lugar de introspecção. E na adolescência era assim também, mas aí eu tinha mais amigos, né? (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

*A minha relação com a baixada é muito forte, é onde as minhas raízes estão, na Baixada Fluminense, né? e aí tive uma infância que eu considero muito boa, feliz e um convívio também, meu pai foi um dos primeiros irmãos a vir para o Rio de Janeiro e teve aquela coisa dos outros irmãos solteiros começarem a vir para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, então a minha casa era aquele lugar de acolher os jovens, os irmãos do meu pai, irmãs também, então elas vinham para trabalhar em casa de família como empregada doméstica, os tios, os irmãos do meu pai também, é uma família muito grande de 14 filhos e foram vindo para o Rio de Janeiro (...) A minha adolescência também, só tenho boas lembranças, eu até falo, por exemplo, meus pais nunca foram de prender a gente, então eu tinha uma liberdade que as minhas amigas não tinham, eles sempre deixaram sair, conversava, confiava até mesmo para ir para baile, eu pedia e minha mãe deixava. (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

#### 4.4 Escrevivendo relação com a família e ancestralidade

Para a professora-pesquisadora Lady Almeida, a relação com a família e ancestralidade ocorria de forma natural a partir da convivência mais próxima, seja por sua casa ter sido um espaço de acolhimento dos familiares que chegavam ao Rio de Janeiro em busca de emprego, seja pelo acolhimento de seu pai ao gostar de receber pessoas e ver a casa cheia.

*O meu pai era muito leve, engraçado, ele tinha uma cara fechada que as pessoas de fora achavam que ele era bravo, mas era um doce de pessoa, então ele gostava da casa cheia, chegava domingo era aquele dia dele ir para feira comprar as coisas na feira e fazer o almoço, gostava de receber muitas pessoas em casa. (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

E nessa costura entre os aprendizados transmitidos de forma geracional através da oralidade, a convivência e o contar histórias, vai se compondo o caminho de cada entrevistada.

*Eu acho que a gente vai estudando outras coisas, entendendo essa coisa da ancestralidade, então você se percebe e o quanto que a sua família era cheia disso, o quanto você aprendia com a vó, com a mãe, vários saberes, então, por exemplo, se você pensar quando eu falei (para os alunos) que ancestralidade é a natureza, é de você pensar, por exemplo, o quanto essa espiritualidade faz parte das nossas práticas, a gente faz vários rituais e a gente acha que não é ritual e quando vai perceber o quanto que aquilo tá ligado à sua espiritualidade, que é para além de religião. Então, por exemplo, eu vim de uma casa que é católica, mas a minha avó era da umbanda e as práticas o tempo todo misturava isso, tem esse sincretismo sim, mas eu fui buscando saberes, como que eu vou dizer? tão importantes que a gente cultiva ainda hoje na família, do encontro da gente, até essa questão que eu utilizo na escola de ter festa, encontro com café da manhã, jogar conversa fora, falar de outras coisas e não necessariamente de conversar sobre história e práticas e uma das coisas que mais eu trabalho com os alunos, da gente valorizar, por exemplo, eu tive isso na minha casa, como que a gente pode olhar para esses mais velhos com respeito, até mesmo essa questão de tomar benção, lá em casa ainda é uma lei essa questão, e a importância de ouvir o mais velho, então em tantas sociedades - tanto indígena quanto africanas - essa relação com o mais velho é outra, e a gente precisa voltar a ter essa relação e voltar a ser, né? (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

Família e ancestralidade na história de vida de Amanda Goytacá está intimamente ligada à sua reconexão e busca pela identidade indígena. Amanda conta que desde criança era chamada de indiazinha, mas que não conseguia acessar a etnia, o povo do qual descendia e “por isso não podia dizer que eu era indígena, eu era negra”. Apesar de se reconhecer enquanto negra, a sua família não compartilhava dessa identidade

*Meus pais são morenos claros, nunca sofreram racismo, eu também não julgo porque entendo que eles vem de outro contexto, né? Mas não se enxergam dessa forma, a família da minha mãe, inclusive, eu tenho uma tia que é de pele clara, minha mãe já tem a pele com mais melanina como eu, mas os meus tios irmãos dela não, tem a pele clara. E aí minha tia me questionou "de onde você tirou que mamãe era indígena?" E eu falei "senta aí, vamos conversar" (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

Em 2013, ao começar a investigação sobre suas origens descobriu que era indígena, “é um processo muito dolorido, né? A gente sofre porque a gente revive as histórias de dor e sofrimento de nossos ancestrais” (Goytacá, entrevista online, 2022).

*Quando chegou, por exemplo, a informação até mim de que meu avô paterno veio amarrado num caminhão com 8 anos de idade pra trabalhar aqui nas fábricas que existiam em São Gonçalo e que ele não sabia quem era a família dele, quem eram os pais e os irmãos, ele não sabia, eu chorei, assim igual criança, porque eu fiquei pensando, eu tenho um filho de 6 anos, imagina a criança fazer esse percurso amarrado num caminhão, essa era a única lembrança que ele tinha. E ele não*

*sabia se ele tinha saído de lá pra fugir da fome, da miséria, da morte ou se ele já saiu de lá escravizado assim, ninguém sabe, ele já faleceu, não tenho como acessar, só que pela região que ele veio a gente conseguiu acessar a etnia que ocupava ali, que era Goytacá. Já minha avó materna, ela teve uma ancestral sequestrada, "pega no laço", forçada a casar com um português pra que ele tivesse direito a um território que hoje abrange os bairros do Mutuá, Mutuapira e Mutuaguaçu, tudo palavra indígena. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

Percebi o ponto de conexão, o fio que tece e que nos tece através do encontro de falas de Amanda Goytacá e Lady Almeida. Ancestralidade indígena e negra em confluência.

*Foram quase 7 anos que eu desisti desse resgate porque é muito sofrimento e aí eu me dediquei ao estudo das medicinas, das ervas, eu busquei me reconectar com a mãe terra que é uma ancestral macro, uma ancestral que é comum a todo planeta Terra, toda humanidade tem como ancestral comum a mãe terra, seja branco, preto, índio, asiático, a mãe terra é a grande mãe de toda humanidade, ela é um ancestral em comum de todos nós e aí eu mergulhei nela e cada vez que você estuda as plantinhas mais você se encanta e eu fui ficando apaixonada e me conectando mesmo, descobrindo qual era a minha erva de poder, descobrindo como que aquelas ervas poderiam me tirar do lugar de adoecimento mental que a escola e a maternagem solo me colocou. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

*Uma coisa por exemplo que eu tenho trabalhado o tempo todo é essa concepção de ancestralidade que virou moda, o que que é ancestral, né? tô até num curso também agora desconstruindo e querendo entender esse conceito, e ancestralidade é uma das coisas que eu tenho trabalhado com os alunos, é nos perceber seres humanos parte da natureza. Principalmente a partir da ciência, com a modernidade, que o homem se torna o centro do mundo, é a razão, ele na verdade vende essa ideia que tá fora da natureza, que ele não faz parte, e eu trabalho muito isso com os alunos, e eu falo "nós somos animais, como qualquer outro ser vivo, como essa árvore, essa formiguinha que tá ali, você corre, pisa e mata e a gente é mais um desses" e eles ficam revoltados "como assim, animal? A senhora chamou a gente de animal?" e isso é só para você perceber o quanto a gente não consegue mais ouvir os sinais que a natureza dá, porque a gente se distanciou, então só de você voltar a se pensar como parte da natureza, você já tá num processo de ancestralidade, de buscar isso para além de pensar ancestralidade africana, indígena, mas é a mãe ancestral que é a natureza, né? (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

#### 4.5 Escrevendo o caminho riscado até se tornarem professoras-pesquisadoras

A professora-pesquisadora Amanda Goytacá conta que o seu ingresso na faculdade de história em 2013 ocorreu junto a busca por uma reconexão com sua ancestralidade indígena. A partir de suas experiências na educação, dos desafios que encontrou e com a chegada da maternidade solo, resolveu continuar sendo educadora em outros espaços de troca de saberes.

*Hoje eu estou terapeuta complementar integrativa, trabalho com a medicina ancestral, a medicina da floresta com essa sabedoria ancestral, dos nossos antepassados (...) E porque eu cheguei aqui hoje e mudei completamente de carreira, de formação? Eu sou professora de história, eu ingressei na universidade em 2013, na faculdade de formação de professores da UERJ, também em São*

*Gonçalo e num primeiro momento eu já tive contato nas escolas, né? eu já fui para a escola pública estagiar, e toda vivência da vida acadêmica, da vida de estágio, da vida de movimento político, a gente pegou muitas questões políticas na UERJ, greve, ocupação, vivenciei muita luta política aí dentro, vivenciei muitas coisas nas escolas públicas e eu adoeci mentalmente, né? E aí eu engravidei em 2015 e adoeci mais ainda, né? Mulher, mãe solo, enfim e nesse ponto eu decidi estudar mais ainda, mais a sério as medicinas da floresta, né? Aí eu abandonei o magistério "eu não quero mais trabalhar com isso porque isso tá me adoecendo", primeiro mentalmente e depois fisicamente, né? E aí alguns contatos espirituais aconteceram, confirmação de caminho e tal e aí eu escolhi fazer a transição de carreira, foi no ano da pandemia que tudo começou e aí estava aquela transição de carreira assim meio lenta e gradual por conta da estrutura da sociedade que a pandemia remexeu, né? Mas pra eu chegar até aqui eu tive uma ancestralidade que me permitiu chegar aqui. Eu sou indígena de pai e mãe, de parteira não, porque eu nasci no hospital, na cidade e nasci sem saber que era indígena, na verdade eu fui descobrir que eu era indígena em 2013 quando eu ingressei na UERJ e quando conheci alguns professores, alguns apoiadores indígenas da aldeia Maracanã. E quando eu pisei naquele lugar eles me reconheceram como parente e eu fiquei assim "parente?" (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

Por outro lado, a professora-pesquisadora Lady Almeida conta que sonhava em ser jornalista em uma redação de jornal, mas foi profundamente impactada com a entrada no pré-vestibular para negros e carentes (PVNC).

*Pegando o gancho de ser professora, eu nunca pensei em ser professora, por exemplo, minha mãe conta que pequena eu sempre gostei de dança, né? então eu pedia a minha mãe para colocar no balé só que ela não tinha dinheiro (...) e essa questão de ser professora nunca pensei e aí por exemplo eu fui estudar à noite e trabalhar de dia (...) eu tinha um sonho de ser jornalista, e aí aparecia aquela propaganda de uma escola famosa na TV, e eu falava que se eu tivesse dinheiro eu ia estudar lá. Fiquei trabalhando e fazendo cursos, nunca parei de estudar, fiz vários cursos no Senai, e aí um dia encontro um amigo que a gente estudou juntos e ele era professor do Pré-Pilar (PVNC)<sup>14</sup> e me perguntou se não queria fazer pré-vestibular lá e tentar uma faculdade e aí eu fui e quando eu entro no Pré eu já tô com 23 anos, olha quanto tempo então, eu fiquei dos 17 aos 23 sem estudar em escola, fazendo só cursinho. Aí lá no Pré, que você também conheceu bastante, conheci a sociologia através das aulas de Cultura e cidadania, eu fui me interessando, achei o máximo e "Ah, eu quero estudar isso!" e aí quando chega na metade do ano eu já mudo e quero fazer Ciências Sociais. (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

Perguntada se acha possível o diálogo dos saberes ancestrais com a escola, a professora-pesquisadora Amanda Goytacá, a partir da sua vivência e luta política relata sua visão sobre esse cruzamento:

<sup>14</sup> PVNC (Pré-vestibular para negros e carentes/Educafro) do qual também fui aluna e coordenadora e onde nos conhecemos.

*E aí, quando você pensa em educação, eu não deixei de ser educadora, é a veia que quem nasceu com ela não arranca senão você morre, né? Eu continuo com as minhas práticas educacionais, só que em outros moldes, não vou colocar nem como formal nem como informal, elas são diferentes. A educação formal que a gente conhece na sociedade e aprende na academia, ela é violentamente enquadradora, desrespeitosa das individualidades, das subjetividades dos estudantes, então pra mim, é inconcebível trabalhar em escola, então eu trabalho com educação em outros ambientes (...) Eu saí da escola mas eu não deixei de ser educadora. Recebo escolas na aldeia, faço visitas a escolas, dou curso pra pessoas adultas sobre medicina, sobre saúde, bem estar, eu não deixei de ser educadora até porque eu amo compartilhar o conhecimento que eu tenho, eu acho que assim, eu lembro quando era criança e por conta das outras crianças me evitarem um pouco e de eu ser mais introspectiva eu lia, eu estudava muito, meu irmão mais novo já não era muito dos livros não, e aí eu testemunhava meus pais brigando com ele "vai estudar" e eu não precisei passar por isso porque eu já ia, porque eu gostava, e eu dizia pro meu irmão, e eu tenho isso muito claro, ele falava assim "ai como é que você consegue, troço chato ficar lendo, lendo, lendo e estudando" e eu falava "ah eu adoro, sabe porque?" E eu criança respondia isso pro meu irmão, "porque qualquer coisa que eu tiver na vida, uma casa, um carro, até a minha vida, alguém pode vir e tirar de mim, agora aquilo que eu aprendo ninguém vai tirar de mim", Então eu não desisto da educação como uma ferramenta transformadora, a minha questão são os espaços em que eu me coloco pra compartilhar conhecimento. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

Eu fiz a mesma pergunta a professora-pesquisadora Lady Almeida e sua fala me fez refletir sobre o estreitamento no entendimento do que seriam os saberes ancestrais, afinal de contas, não falamos de saberes ancestrais apenas ao nos referirmos ao uso das ervas medicinais, dos ciclos lunares e sua influência nas marés, nas mulheres e na agricultura mas também quando falamos de filosofia africana, de medicina indígena, cientistas, matemáticos e tantos outros homens e mulheres, negros e indígenas, que partilham seus saberes a partir do seu território e identidade.

*Por exemplo essa questão de quando morre o mais velho, para eles (indígenas) morre uma biblioteca, não são esses livros físicos, mas esses conhecimentos que só eles têm pela experiência de vida, então eu trabalho muito isso, que a experiência que você tem na vida é melhor do que qualquer título universitário de doutor, que eles consigam perceber o que a gente aprende nessa cultura. Quando trabalho cultura formal, cultura informal, erudita e popular, então eu foco muito nisso. Quando a gente vai trabalhar até mesmo a profissão onde a maior parte dos pais deles são pedreiros. É um saber que você aprende pela experiência, você aprende com o seu pai, com seu tio, com seu avô e isso é tão importante para a construção civil quanto o engenheiro civil, sem o saber do pedreiro, o saber dele não vale para nada. O tempo todo eu falo também na questão da medicina, como seria sem o conhecimento das ervas dos indígenas, por que que esses doutores estão todos lá na Amazônia pesquisando aquelas folhas e eles ficam lá bebendo do saber dos indígenas? Porque são eles que sabem a quantidade certa para usar e se for uma quantidade maior pode matar uma pessoa e os doutores da universidade não sabem disso, então eles vão saber, aprender com os indígenas, para ter, por exemplo, o desenvolvimento até mesmo de um remédio, mas eles não percebem que o saber só da universidade, dessa chamada ciência sem o saber tradicional não é nada e eu falo sempre sobre pensar essa complementaridade. (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

Nesses encontros, nessas conversas-entrevistas eu pude me lembrar há quanto tempo isso faz parte da minha vivência, da minha prática, do meu cotidiano, há quanto tempo eu realmente me posiciono como uma psicoeducadora, ou seja, lá o nome, mas eu também não pude deixar de pensar, ao acessar essas memórias, em que momento eu esqueci.

Ao trabalhar com mulheres em roda e ao falar para essas mulheres que o nosso corpo é um corpo-território que conta a nossa história e de nossas ancestrais, que nós não somos feito gavetas compartimentadas, que todas essas coisas estão conectadas como uma mandala, como uma roda da vida, como aprópria natureza cíclica que há em tudo, ao falar do impacto das nossas emoções em nosso corpo; esse corpo que dança, esse corpo que goza, esse corpo que caminha, esse corpo que trava, um corpo que adocece e somatiza, eu fui compreendendo o quanto essa descolonização de saberes começa justamente pelo nosso corpo, que é a nossa primeira forma de contato com o mundo.

Então eu me lembrei do que eu havia esquecido e eu me lembrei quando eu comecei a esquecer, não por acaso, esse apagamento aconteceu ao mesmo tempo em que eu começava a minha jornada universitária, uma garota da baixada fluminense, que nunca tinha ido a Gávea, não frequentava a zona sul, não sabia andar de ônibus para tão longe de casa, que não entendia nem muito bem como era a vida universitária, essa garota que era eu, uma jovem sem dinheiro ou vivência da rua fora da sua rua, entendeu logo de cara que seria necessário endurecer para sobreviver naquele ambiente elitizado. Alternando entre agarrar a oportunidade de conhecer um pouco mais do mundo e manter o foco pra não me distrair, entre estudar em tempo integral e trabalhar pra pagar as minhas despesas, eu segui no fio da navalha como todo estudante periférico.

Conforme fui avançando na faculdade de psicologia, a educadora foi ficando para trás, fui saindo de sala de aula, iniciando os estágios obrigatórios, priorizando por aqueles que ofereciam uma bolsa com o melhor valor na área de recursos humanos, descobri que detestava esse trabalho, mas contei pra eu mesma a história de quem faz o que é preciso para garantir a permanência na universidade, e assim foi.

Ser aluna de uma universidade de elite é uma experiência transformadora, em muitos sentidos. Mas, para além da excelência dos laboratórios, biblioteca e campus universitário, quantas professoras negras eu tive? Quantas escritoras negras e indígenas eu conheci nas disciplinas? Azoilda Trindade, Beatriz Nascimento, Neusa Santos, Lélia Gonzalez, bellhooks, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Graça Graúna, Eliane Potiguara, Lia Minapóty, Marcia

Kambeba, Telma Pacheco Tremembé, Aline Rochedo Pachamama, VãngriKaingáng e muitas outras que eu não conheci na formação universitária.

*Porque dentro da própria academia não tem disciplinas pra preparar os professores que estão se formando ali? Como eu estava lá dentro eu tenho propriedade pra falar e eu discutia muito isso com o departamento, porque não tem disciplinas na grade obrigatória e muito menos na optativa/eletiva que vão preparar aqueles futuros professores pra cumprirem as leis 10639/03 e 11645/08? Não tem como a gente pensar na aplicação dessas leis na ponta do iceberg que é a escola, se dentro da academia não tem formação. "Então como que a academia faz?" Cumprindo a lei. A lei tá aí há quase 20 anos dos povos africanos e a dos povos originários desde 2008. O que as instituições acadêmicas estão fazendo para colocar em prática essas leis? Nada, infelizmente nada, raramente vão oferecer uma eletiva. Então, eu acho que a galera da academia que tem aquele nome bonito de ensino superior tem que sair um pouco desse pedestal e botar o pé na terra, aprender e reconhecer a sabedoria ancestral tanto indígena, quanto africana como pilares básicos da construção desse estado nação que se chama Brasil.(Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

*A gente precisa desaprender muita coisa e reaprender outras, a gente precisa recentrar esses outros saberes, esses outros autores não hegemônicos e aí, nós professores, a gente precisa primeiro enquanto o professor, se colocar nessa posição de que a gente realmente é um eterno aprendiz, e tem muito professor, a grande maioria, eles acham que sabem tudo "eu sou professor de física, eu sei tudo de física", ele já dá aula 10, 15, 20 anos, sempre aquele currículo, ali já tem tudo pronto há anos, ele sabe tudo e eles não acham que precisam aprender outras coisas mais, coisas diferentes, então o que eu mais ouvia a partir da lei 10639 de 2003 e 11645 de 2008, são muitos anos já, indo pra maioridade, mas o que eu mais escuto até hoje? "Mas como eu vou trabalhar isso? Eu sou professora de português", eles não conseguem, por exemplo, imaginar que a nossa formação tem base nessa cultura, nessa língua indígena, africana. "Eu sou professora de língua portuguesa", mas o português, o nosso, é de se pensar o português de Lélia Gonzalez, então eu trago isso para as minhas amigas, trazendo esses textos e "olha isso, olha esse vídeo" porque também eu fui em busca de me qualificar, de outras formações, a universidade não basta, mas não basta mesmo, se você não for buscar outros meios de formação outros espaços de formação você não enxerga. (Lady Almeida, entrevista online, 2022).*

A professora e escritora bell hooks, uma mulher negra, estadunidense, vinda de uma família de classe trabalhadora e que viveu a segregação racial e a luta pelos direitos sociais e civis nos Estados Unidos dos anos 1960 e 70 nos ajuda a compreender que a essa invisibilidade de escritores e intelectuais, mulheres e homens negros e indígenas chamamos racismo epistêmico.

O racismo é apenas um dos sistemas de dominação perpetuados e mantidos por educadores. Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser 'grandes' escritoras. Felizmente, tive uma professora branca que nos ensinou a reconhecer os preconceitos do patriarcado e a desafiá-los. Sem esse ensinamento contra-hegemônico, quantas mulheres teriam o desejo de escrever esmagado, quantas se formariam pensando: por que tentar, se você jamais poderá ser boa o suficiente? (hooks, 2020, p. 63).

Buscando compreender como suas histórias de vida e relação com saberes ancestrais operam em suas práticas de ensino, segui os rastros em suas narrativas sobre oralidade, ancestralidade, família, memória, educação e afetos. Duas mulheres que se permitiram ser afetadas por suas buscas em constante diálogo com suas práticas a partir de um viés político e consciente de atuação antirracista. Assim, seja a professora-pesquisadora Amanda Goytacá, em suas viagens e moradia em diversos lugares e sua atuação na escola e na aldeia, seja a professora-pesquisadora Lady Almeida, com suas buscas por formações para além da universidade, ambas trazem em suas falas e atuação o comprometimento com a sabedoria de seus ancestrais que formam e educam para o existir plural.

A partir do pensamento crítico, sabemos dos desafios e contradições da educação e currículo escolar e também do que está cotidianamente sendo construído por educadores e pesquisadores negros e indígenas em suas atuações engajadas. Se os saberes ancestrais já estão na escola, embora não nomeados, reconhecidos ou valorizados, se estão lá porque nós estamos lá, com nossos corpos, memórias, narrativas e ancestralidade, talvez seja exatamente sobre como essas memórias se constituem enquanto herança e como esses saberes ancestrais podem compor as práticas antirracistas da educação. Seguimos escrevendo.

#### **4.6 Escrevendo saberes ancestrais e educação: narrativas escrevintes**

Normalista do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira em Duque de Caxias/RJ, me formei em 1997 e fui para sala de aula como professora de Educação de jovens e adultos (EJA), enquanto cursava a faculdade de psicologia. Essa foi a forma que encontrei de trabalhar e estudar cursando uma faculdade em tempo integral, uma vez que as turmas do EJA funcionavam no turno da noite. O meu cotidiano era cercado de sonhos, escritas e projetos educativos para a alfabetização desses jovens. O que lhes aconteceu? Como um dia saíram da escola e não voltaram mais? Na mesma sala de aula, idosos que não sabiam assinar seus nomes e jovens que desistiram muitas e muitas vezes, “sou caso perdido professora”, a escola desistiu primeiro, era o que eu pensava.

Em sala de aula, com turma de EJA, pude revisitar Paulo Freire e viver na prática aquilo que em teoria era sabido. Para Freire, educador brasileiro de alcance internacional, a educação é uma prática que deve levar cada pessoa do seu estado de opressão à autonomia. Responsável pela criação de um método de alfabetização de adultos, fazia de sua práxis um

ato político de leitura do mundo e da educação como fundamento de libertação e afeto ao invés de um sistema bancário de conhecimento.

Simplemente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial, quase umbilicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem, mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção “bancária”, entregar-lhes “conhecimento”, ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos. Não seriam poucos os exemplos, que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de sua visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se dirigia seu programa, a não ser como puras incidências de sua ação (FREIRE, 1987, p. 48).

Naquela época eu não sabia de muitas coisas que hoje entendo, mas a memória me atualiza o que fazia daquela troca em sala de aula algo pelo qual valia a pena estar lá. Tinha afeto, histórias validadas, escuta, acolhida, conflitos diversos e uma forma de alfabetizar que partia da realidade dos alunos. Funk, samba, dívidas, aposentadoria, lista do supermercado, leite do bebê da mãe adolescente, medidas e cálculos de carpintaria e do mestre de obras, tráfico, morte e pobreza. Tudo partia da vivência daquelas pessoas e se transformava em aprendizagem que afetava a todos nós.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando a coragem (FREIRE, 1996, p. 26).

Como celebração de fim de ano fiz o convite para um café da tarde em minha casa. “Na casa da professora?”, “aí, professora, cuidado hein? vão saber onde a senhora mora”. Considerei a minha ideia um fracasso, mas fracassaria de barriga cheia e mesa posta. Aprontei tudo e sentei. No horário combinado, eles chegaram. Dona Maria dos Prazeres, 78 anos, que gostava de dizer “agora do prazer só tenho o nome, minha filha”, os mais velhos, os mais jovens, cada um trazendo algo para o nosso café da tarde. Teve bolo, torta de limão e merengue, refrigerante, doces, biscoito e eu fiz o cachorro-quente e da sala da minha casa uma extensão da sala de aula aos 20 anos.

Tenho uma memória viva do quanto aquele encontro era de fato um presente pra nós, eles não acreditando que a professora havia convidado para um café em sua casa, eu mal crendo que eles estavam lá e que haviam aceitado o convite. Rimos, contamos histórias, assistimos um filme até. Fiz dessa prática cotidiana a minha forma de ensinar-junto, na escuta sensível, nos limites estabelecidos e na troca de afetos.

Não sendo possível, em minha experiência enquanto professora de alfabetização, falar de EJA sem falar do pioneirismo de Paulo Freire, foi nesse terreno que encontrei o solo fértil para o diálogo entre os saberes ancestrais e a educação formal. Ao afirmar categoricamente que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos (FREIRE, 1996), o mestre vai ao ponto de cruzamento. É preciso reaprender para ensinar respeitando os saberes dos educandos, assim como já nos sinalizava Paulo Freire ao questionar sobre por quais razões não estabelecemos uma intimidade, um diálogo integrativo entre os saberes curriculares e a experiência social dos alunos.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 16)

Seu pensamento crítico influenciou educadores e filósofos em diversos países, entre eles, bell hooks e sua escrita sobre educação transgressora e libertária, estabelecendo um diálogo entre a teoria crítica de Paulo Freire e o pensamento feminista, mas não sem tecer críticas, inclusive pessoalmente quando do seu encontro com o Freire. Em seu livro *Ensinando a transgredir* (hooks, 2013) existe um capítulo dedicado ao educador brasileiro onde narra o impacto de sua teoria em seu posicionamento e escrita:

Paulo foi um dos pensadores do qual o trabalho deu-me uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência. Existe uma frase de Freire que se tornou um mantra revolucionário para mim: "Nós não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde." Realmente, é difícil achar palavras adequadas para explicar como esta frase era como uma porta fechada — e eu lutei comigo mesma para achar a chave - e aquela luta engajou-me num processo de pensamento crítico que era transformador. Esta experiência posicionou Freire em minhas mãos e no meu coração como um professor desafiador, de quem o trabalho ampliou minha própria luta contra o processo colonizador — a mente passível de colonização (hooks, 2013, p. 66, 67)

No entanto, tal reconhecimento não é feito sem uma crítica ao sexismo contido em sua obra. hooks afirma que o sexismo de Freire é indicado pela linguagem em seus trabalhos iniciais, apesar de muito do trabalho permanecer libertador (hooks, 2013, p. 70) e que a própria condição crítica da pedagogia propõe uma análise que reconheça suas falhas e limitações. Sendo assim, hooks afirma que ao contrário de muitas escritoras feministas que contrapõem uma pedagogia feminista da pedagogia proposta por Paulo Freire, na visão dela,

tais teorias convergem e isso está claro em seu trabalho ao reconhecer uma intersecção entre a obra de Freire e suas professoras da infância em suas tarefas de preparação dos alunos negros na tarefa de sobreviver ao racismo e a segregação.

Quando estudava em uma escola segregada, suas professoras tinham como missão investir na formação das crianças negras, tornando-as fortes e agentes conscientes de transformação na luta antirracista, sua memória fala de uma escola como lugar de prazer e alegria, onde podia ser transformada por novas ideias. “Tudo isso mudou com a integração racial e a escola passou a ser um espaço de acúmulo de informações, sem uma conexão com a luta antirracista e onde na verdade a aprendizagem e destaque do negro era visto como uma ameaça à supremacia branca” (hooks, 2013, p. 11- 12).

A reprodução de teorias racistas sobre a inferioridade intelectual do negro, assim como os estereótipos reforçados em exemplos em sala de aula mantinham a escola como um espaço político, no entanto, não mais contra hegemônico, uma vez que internamente a política vigente era racista. hooks conta da sua graduação e pós-graduação em contato com professores que não tinham prazer em ensinar e com os quais aprendeu o tipo de professora que não queria ser (hooks, 2013, p.14). Educação bancária, memorizar e repetir sem o senso crítico. Seu desejo de se tornar uma pensadora crítica ameaçava a autoridade e os privilégios dos homens brancos e percebeu que dela esperavam apenas que se conformasse com o lugar de figuração que lhe foi reservado. Sua experiência lhe mostrou que os alunos vindos de espaços periféricos/marginais e aceitos em universidades de elite, portanto, predominantemente brancas, tinham como tarefa provar que eram iguais aos brancos e, assim sendo, mereciam estar lá. Apagamento de identidade, memória, ancestralidade, laços com a comunidade, tentativa de embranquecimento para aceitação, sofrimento e anulação de subjetividades. Todo esse estado de coisas no lidar diário com o racismo provocava tensão afetando o processo de aprendizagem (hooks, 2013, p. 14). Nesse cenário, o contato com a pedagogia crítica de Paulo Freire lhe pareceu um grito de liberdade.

Além de propor uma educação para a autonomia, libertária do corpo e da mente, ambos enfatizam a importância do afeto ao afirmar que não é possível ser um educador e sustentar uma relação de aprendizagem sem gostar dos seus alunos.

Paulo Freire e Bell Hooks compartilham de uma visão acerca da educação enquanto prática libertadora e de combate a injustiça social, além da compreensão de que para que um professor seja capaz de estimular o pensamento crítico de seus alunos é preciso que ele mesmo, esteja aberto a reaprender e se transformar constantemente através do contato em sala de aula.

“Não é possível mudá-las (as salas de aula) se os professores não estiverem dispostos a admitir que ensinar sem preconceitos exige que a maioria de nós reaprenda, que voltemos a ser estudantes” (hooks, 2020, p. 64).

Esse contato através dos afetos é um outro ponto de confluência entre hooks e Freire, uma visão da educação através do amor e comprometimento com a conexão com a vida e interesses dos alunos enquanto seres humanos integrais, com demandas e necessidades diversas, e também saberes e potencialidades múltiplas. Essa pedagogia crítica, dos afetos e do contato mais próximo é o que cria uma visão de coletivo, de pertença, de comunidade e é essa comunidade que pode fazer frente ao racismo como afirma hooks (2020) ao contar que as experiências dolorosas de racismo que viveu fizeram com que buscasse outras formas de ensinar, mais humanas e que animasse o espírito de seus alunos (hooks, 2020, p. 69), saindo de uma posição de “educação bancária” como descrita por Freire para a construção de um diálogo crítico com os alunos, alimentando as experiências compartilhadas, questionamentos e saberes dos estudantes. Ainda sobre o racismo e suas experiências, hooks (2020) afirma:

O racismo é apenas um dos sistemas de dominação perpetuados e mantidos por educadores. Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser ‘grandes’ escritoras. Felizmente, tive uma professora branca que nos ensinou a reconhecer os preconceitos do patriarcado e a desafiar-los. Sem esse ensinamento contra-hegemônico, quantas mulheres teriam o desejo de escrever esmagado, quantas se formariam pensando: por que tentar, se você jamais poderá ser boa suficiente? (hooks, 2020, p. 63)

E assim voltamos à escrevivência e as razões de dialogar e escrever narrativas negras e indígenas como prática educativa e descolonizadoras. Escrevivemos para co-construir uma escola plural, diversa e com práticas antirracistas em uma sociedade racista. Escrevivemos porque é preciso relembrar a tarefa da educação enquanto dimensão política comprometida com a pluralidade de existências (RUFINO, 2021). Escrevivemos porque o racismo anula subjetividades e saberes negros e indígenas desde a infância e a escola é um desses lugares de perpetuação dessa política de morte. Escrevivemos enfim para existir coletivamente.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos

que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (EVARISTO, 2020, p. 38, 39).

Subjetividade individual e coletiva entrelaçadas em uma escrita que pode se desenvolver a partir da infância na escola para que assim sendo, o impacto do racismo na subjetividade das crianças seja menor ao ser combatido com a pluralidade de existência e produção de saberes dentro e fora da educação formal. A escrevivência é uma poderosa maneira de se restituir subjetividades tendo o “eu negro” presente na narrativa coletiva.

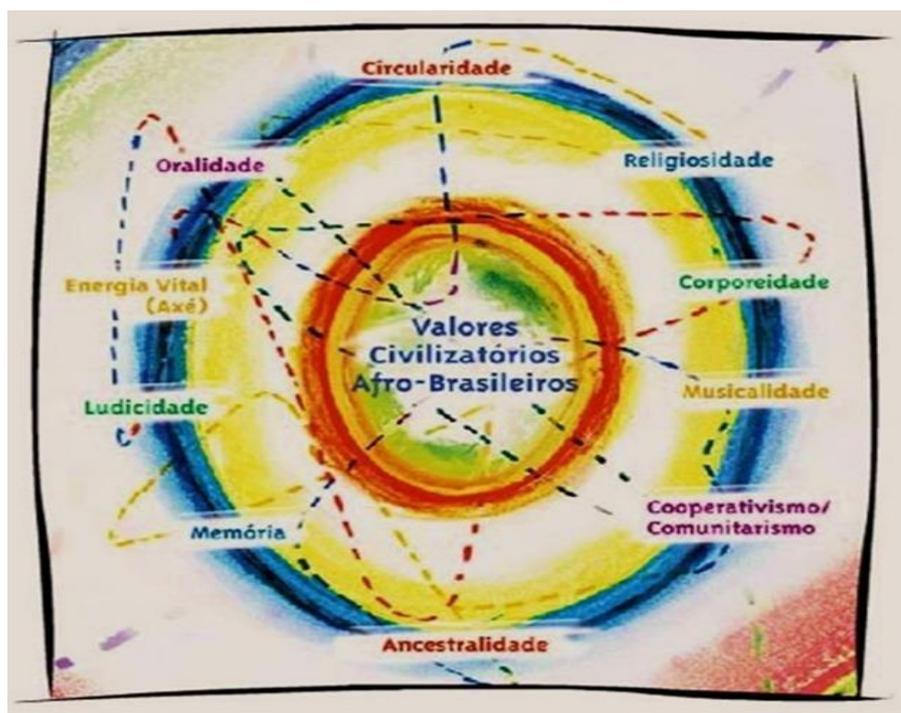
Esse combate ativo ao racismo, dentro e fora de sala de aula, implica na mudança na formação dos professores para que destronem o pacto com a branquitude em sua hegemonia, o diálogo com autores e tecnologias africana, afro-brasileira e indígena, o acionamento de outros modelos pedagógicos para questionar o conteúdo didático utilizado e fazer de sua prática uma ação política, comprometida com a autonomia do pensar e existir de seus alunos, de todo o corpo escolar em pluralidade, circulando conhecimentos que fortaleçam a coletividade ao invés da individualidade e concorrência.

Não se faz uma prática antirracista e contracolonial sem ser afetado pelas forças contrárias de interesse de manutenção do status quo, não se faz escrevivência sem afeto ou valores que sustentem a sua prática e sua relação com os alunos e com a infância.

Reconhecer a existência do outro também nos provoca olhar as relações e saberes através do afeto e dos valores tecidos na coletividade e sendo assim, pensar e trabalhar com os valores civilizatórios afro-brasileiros de Azoilda Trindade (2013) nos guia em práticas antirracistas na escola. Ao descrever os valores civilizatórios afro-brasileiros, Trindade (2013) tem como objetivo destacar os africanos e africanas que para cá foram trazidos, assim como seus descendentes que aqui nasceram e sua herança inscrita em nossa memória, literatura, hábitos, ciência, religião, assim como a importância de compreendermos que, portanto, em uma perspectiva civilizatória somos afrodescendentes. Trindade afirma ainda que apesar do racismo e da desigualdade social, "essa população afrodescendente sempre afirmou a vida e, conseqüentemente, constitui o/s modo/os de sermos brasileiros e brasileiras" (TRINDADE, 2013, p. 132).

Assim sendo, é urgente construir um projeto político pedagógico que tenha uma dupla perspectiva - ameríndia e afrocentrada valorizando a cultura tradicional dos povos indígenas e afro-brasileiros, colaborando para a criação de uma escola pluriepistemológica. Para tanto, precisamos confluir saberes e princípios que se relacionem com corpo, memória e ancestralidade e temos como aliada nessa empreitada a produção da própria Azoilda Loretto da Trindade, mulher negra, educadora e militante que idealizou o projeto educativo intitulado A cor da Cultura com o qual viajou o país produzindo material audiovisual e ações educativas sobre a cultura afro-brasileira, através do qual sistematizou um conjunto de princípios e valores para a educação infantil, a saber: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital (Axé) e oralidade, enquanto princípios constituintes dos valores civilizatórios afro-brasileiros que colocam em diálogo tais saberes com a escola e a educação dita formal.

Figura 23 - Mandala dos valores civilizatórios afro-brasileiros



Fonte: TRINDADE, 2010.

Também é necessário inscrever nesse cotidiano práticas antirracistas que rompam com a ideia de um único caminho epistêmico possível, ou seja, descolonizando a sala de aula, abrindo caminhos de esperança, pluralidade, diversidade, criatividade e diálogo. É realmente

necessário promover e sustentar uma prática educativa de descolonização comprometida com o caráter político de existir de forma contra hegemônica.

Professores negros e indígenas, de alunos negros e indígenas, que se percebem numa relação por vezes de quase desistência em sala de aula. Nessa guerra que vivemos, quem desiste primeiro, o aluno ou a escola? Mas, e se a escola tem em seu berço um complexo processo educacional colonizador, ela desiste ou segue seu propósito de manutenção de um saber hegemônico? Quando um professor diz que não sabe como implementar as leis pois dá aulas de matemática, isso fala de uma escolha individual de não implicação ou em uma aposta de manter o status quo? E mais, “é possível educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo capitalismo, pelo machismo e pelo racismo?” (GOMES, 2017, p. 43).

No entanto, se está dado que a escola é um dos espaços onde o tensionamento entre saberes hegemônicos e saberes populares mais ocorre, em parte tal tensionamento se dá por ser este o espaço reconhecidamente responsável por formar e transmitir conhecimentos. Mas de quais conhecimentos estamos falando?

Para Gomes (2017), a escola reproduz o conhecimento científico (mas não qualquer ciência) e ainda hoje negligencia os saberes populares e dos movimentos sociais, apesar do discurso sobre diversidade e obrigatoriedade da implementação da lei 11.645/2008.

Estamos em guerra, de fato, e a colonialidade que nos assola se reconhece no pacto com a morte e a destruição (RUFINO, 2021). E para fazer frente a isso é preciso se nutrir de um arsenal de conhecimento e se posicionar tal qual um guerreiro da vida fugindo ao pacto da morte, dar alimento ao corpo e à memória, ouvir os ancestrais, o vento, as folhas, a fumaça e a terra. É preciso esperar para seguir um pouco mais adiante, reconhecendo como solo a educação enquanto campo de combate e disputas territoriais e de protagonismo.

Nesse solo fértil, junto às batalhas, vamos semeando, através das trocas que dialogam com a memória, o corpo e a ancestralidade e a relação com o tempo que é fora do tempo Cronos. Esse é o terreno onde a educação se amplia e onde a aprendizagem acontece enquanto a vida corre.

Vivemos em um mundo corrompido pela política de desencantamento necessária para que se possa justificar a soberania de uma existência em detrimento de outrem ao invés da coexistência entre elas. Tal política se expressa em ações contrárias aos ciclos vitais e favoráveis à dominação e exploração. Esse é o mundo no qual nos educamos, o mundo onde atravessados por essa colonialidade existimos e produzimos saberes (RUFINO, 2021).

Esse é o mundo onde construímos teorias e nos vemos como uma humanidade descolada da natureza que também somos. Nesse mundo, a tarefa da educação enquanto força de resistência e resposta à colonialidade me parece gigante e me provoca, por vezes, desencanto. É hora então de acender a fogueira e deixar que a fumaça toque o ar, pois é nesse ponto em que o desencanto nos encontra que precisamos cantar, dançar, despertar o corpo e seus saberes, lembrar, reverenciar para reencarnar. Desaprender para reaprender.

É possível o diálogo entre a educação dita formal, escolar e os saberes ancestrais/tradicionais? É possível escrever saberes ancestrais e educação? Eu me faço essa pergunta e às minhas entrevistadas educadoras-pesquisadoras. As respostas apontam caminhos diversos pois partem da história de vida, experiências e oralidade. Podemos escrever então os saberes ancestrais em educação ao desenvolver projetos pedagógicos para implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 através, por exemplo, da contação de histórias enquanto ferramenta de descolonização de saberes e subjetividades, além de afirmação identitária.

Assim, escrevemos também narrativas cheias de afeto, desejos e encantamentos na educação e para nos reeducar, pois para aprender precisamos desaprender o que incorporamos como verdades que anulam nosso existir. Educadores, pais, alunos, sociedade civil, é preciso desaprender para reaprender e ver a sala de aula como um espaço de possibilidades.

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2013, p.273).

Para que tais saberes continuem existindo não se pode ignorar a guerra nem fugir ao campo de batalha onde dia após dia, tais saberes ancestrais amparados em uma visão de mundo diversa são mutilados e ainda assim sobrevivem através da educação, da oralidade, do contar histórias, da memória ancestral e do registro nesse corpo episteme, território violado pela guerra colonial.

Como esse corpo-memória que também é ancestral é visto/tratado na educação ou enquanto saber? De que maneira as mulheres negras e indígenas educadoras circulam e atuam nesses espaços formais de educação? E como se estabelece sua relação em sala de aula com seus alunos? Suas práticas?

Para além do questionamento de como esse corpo é visto na educação tradicional e no processo de escolarização, é necessário pensar também na educação e na cultura popular enquanto convite para que o ensino tradicional se atualize com a construção de novas epistemologias. A potência desses saberes não existe para ser padronizada em ajustes formais, sendo assim, trocar a visão estrita de entrada de tais saberes na escola por uma provocação da escola sair dos bancos escolares e ultrapassar seus portões. Escola viva! Que se relaciona com o entorno, comunidade, raízes, ruas do bairro, escola viva que leva os alunos para o diálogo com a cidade, comunidade, territórios, mestres e guardiões de saberes populares.

Sair da escola e dialogar com a rua, com o território é certamente um convite-provocação, no entanto, se fechar as experiências e avanços possíveis dentro da escola e desconsiderar sua contribuição à educação não é uma alternativa. A escola existe, é real e deve ser plural, com tudo que podemos problematizar sobre sua origem e função, ela também existe enquanto campo de experimentação, espaço para sonhar e realizar projetos antirracistas e devemos atuar garantindo que todos que ali entrea vejam e percebam em seu sentido original, *scholé*, ócio, tempo livre. Tempo livre para que? para ser criança brincante, para se desenvolver em suas potencialidades - social, cognitiva, cultural através da coletividade. O brincar como uma possibilidade de existência. A escola como espaço para festejar a vida, que é plural, assim como os saberes das pessoas que neste espaço circulam.

Sendo assim, não nos retiramos deste espaço, mas o subvertemos nesse campo plural de epistemologias que vislumbramos. E como fazemos isso? Esticando e tocando o fio ancestral que nos une, trançando saberes ancestrais e educação formal em práticas antirracistas em sala de aula.

O fio que trançamos compondo passado, presente e futuro é a nossa relação com a ancestralidade. Resgatar os saberes dos seus antepassados permite ao estudante acessar habilidades, histórias, heranças e memórias fortalecedoras de sua identidade e autoestima através do pertencimento, o que é essencial para o processo de aprendizagem e formação cidadã. Tal princípio, obviamente, também faz toda a diferença na formação dos professores e em seu posicionamento em sala de aula diante de temas polêmicos e constituintes de nossa formação educacional/acadêmica.

Ancestralidade pra mim é tudo que vem antes de mim, então a natureza é a minha ancestralidade. Muita gente "Ah porque orixá é ancestral", ancestral na medida em que a essência dos nkisis, dos vodunsi, dos orixás está na natureza. E a natureza não foi o homem que fez, o homem veio depois da natureza criada né, pra dar uma intenção de vida pro homem, então a minha ancestralidade é toda natureza que foi criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo e eu acredito nisso. Minha ancestralidade é a natureza. (VALDINA<sup>15</sup>, 2021, online)

Assim, escrever saberes ancestrais e educação também passa pela compreensão de que a partir da experiência de vida, de nossa história e ancestralidade, daquilo que se inscreve em nosso corpo nos situamos no mundo, vivendo e inscrevendo saberes ancestrais, produzindo conhecimentos a partir do nosso referencial negro e indígena.

*O Nêgo Bispo fala sobre isso, né? A gente precisa mudar até essa questão do desenvolvimento, o quanto esse termo nos desconecta da ancestralidade que é a natureza. Ele vai falar que não é desenvolvimento é envolvimento, nós somos povos do envolvimento, a gente se envolve, a gente tá junto e quando se pensa na educação antirracista, antissexista, seja o que for, para combater todos esses preconceitos, a gente precisa ser um professor que se envolve com os nossos alunos e que nas práticas mais formais, essas que estão aí, não há esse envolvimento, é uma distância enorme, né? E aí o foco é reforçar "eu sou professor e você é o aluno", você marca o tempo todo essa dicotomia, essa dimensão sempre de separar ao invés de envolver. (Lady Almeida, 2022, entrevista online)*

Da mesma forma que Santos (2018) nos fala sobre os saberes que confluem no encontro, no diálogo e na experiência dos povos no território partilhado e nos recorda que somos o povo do envolvimento, também é possível olhar para a escola formal e seus valores e criar uma correspondência entre os saberes e valores ancestrais e a educação formal.

Trabalho com os conceitos de "confluência" e "transfluência". Confluência foi um conceito muito fácil de elaborar porque foi só observar o movimento das águas pelos rios, pela terra. Transfluência demorou um pouco mais porque tive que observar o movimento das águas pelo céu. Para entender como um rio que está no Brasil conflui com um rio que está na África eu demorei muito tempo. E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil.

É por isso que, mesmo tentando tirar nossa língua, nossos modos, não tiraram a nossa relação com o cosmo. Não tiraram a nossa sabedoria. É por isso que nós conseguimos nos reeditar de forma sábia, sem agredir os verdadeiros donos desse território que são os irmãos indígenas. Nós tivemos essa capacidade porque os nossos mais velhos que estavam em África, apesar de sermos proibidos de voltar para lá, vieram pela cosmologia. Isso é o que nós chamamos de transfluência (SANTOS, 2018, p. 47).

---

<sup>15</sup> Valdina Pinto, educadora, religiosa, militante negra e Makota do NzoOnimboya, em Salvador - BA, se ancestraliza em 2019 aos 75 anos.

E assim, confluindo saberes, verificamos que as categorias presentes nos projetos escolares para a formação cidadã dos alunos têm como marcadores o desenvolvimento do pensamento crítico e da comunicação enquanto uma habilidade a ser desenvolvida. Como seria, por exemplo, desenvolver tais habilidades coletivamente através da oralidade preservada pelos griôs<sup>16</sup>? Assim, quando a escola fala de cidadania, dialogamos sobre compartilhamento de experiências, quando um professor fala de sustentabilidade abrimos conversas sobre o bem viver<sup>17</sup>. Como seria se assim fosse?

Circulando a pergunta sobre o diálogo dos saberes ancestrais com a educação formal a professora-pesquisadora Amanda Goytacá nos apresenta uma resposta provocativa.

*Primeiro ponto que eu gostaria de mencionar é que os saberes dos povos originários, bem como dos povos africanos sequestrados e trazidos pra cá, foram - ao longo da história desse território que se convencionou chamar Brasil - criminalizados. A capoeira, o samba, as curandeiras, eles vieram pra cá, sequestraram a sabedoria dos povos originários, a medicina dos povos originários, levaram pra Europa, nas universidades lá, colocaram dentro de cápsulas e trouxeram um grupo de médicos de branco e aí falaram "tá proibido procurar curandeiro", entra no mesmo bolo do primeiro código civil com a capoeira, com a vadiagem, com o samba e aí "como é que a gente faz pra trazer esses saberes pra dentro da academia?" Eles já estão, a séculos eles estão dentro, a questão é como que a sociedade pode fazer um reparo histórico de reconhecer que aquela sabedoria é dos povos originários ou dos povos de matriz africana porque já está lá dentro. O que precisa é que o Estado e a academia reconheçam que aquela é uma sabedoria dos povos originários ou dos povos de matriz africana. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

*Eu não acho que seja impossível, se a resposta é essa, porque às vezes eu conto muito exemplo, não é que seja impossível, não é fácil, é um desafio, mas também é uma coisa importante que a gente precisa pensar. Eu vejo muita pessoa falando aí "ah, mas a educação antirracista..." e nossa educação nunca vai ser antirracista, a gente promove, a gente faz e realiza práticas, mas a educação é essa - formal, racista, hegemônica - ela é racista. Você pode então, eu com o meu trabalho, por exemplo, eles vão ter essa aula muito específica um dia na semana em dois tempos comigo, o restante das aulas (dos demais professores) pode desconstruir o que eu tô trabalhando, entende? (Lady Almeida, entrevista online, 2022)*

Uma escola que trabalha corpo, memória e ancestralidade, vai se relacionar com o corpo desse estudante a partir de um lugar de saber e autonomia e não de necessidade de contenção e disciplina. Assim, um projeto pedagógico que tenha essas categorias como eixos, vai reconhecer o seu aluno, sua história familiar, sua genealogia, e vai construir com ele uma

<sup>16</sup>Líderes comunitários na tradição da África Ocidental que contam histórias preservando a memória de seu povo.

<sup>17</sup>Bem viver é um conceito que tem sua origem entre os povos da cordilheira dos Andes, *Quechua* e *Aymara*, sobre viver em comunhão com todos os seres que habitam a Terra.

identidade enterreirada, aterrada, pautada na ancestralidade enquanto possibilidade pedagógica.

Embora todos nós tenhamos griôs em nossa família, culturalmente somos uma sociedade do distanciamento e pouco reconhecimento da sabedoria dos mais velhos, valorizando a busca individual pelo sucesso e juventude em detrimento do convívio familiar. Se esta é uma realidade na esfera privada de convívio familiar, também se reproduz com relação aos laços comunitários. Esse desenraizamento nos torna sujeitos pouco afetados ou envolvidos pelas causas coletivas.

Aquilo que se situa na memória dos afetos e na relação com a ancestralidade fica relativizado ou mesmo silenciado, fazendo de nós homens e mulheres excessivamente conectados e paradoxalmente desconectados de nossa identidade chegando ao adoecimento físico e psíquico, criando ausências que se provaram verdadeiros desertos existenciais. E nesse sentido, Krenak nos provoca à reflexão sobre o poder de contar mais uma história para lidar com essa ausência de vida em última instância, adiar o fim do mundo.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido de experiência de vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover (KRENAK, 2019a, p. 26,27).

Se a educação é um processo relacional, podemos afirmar que vai se desenvolver em todos os espaços sociais em que interagimos, e a escola se firma como um desses espaços de formação e relação, mas para tal, é necessário sustentar um projeto de descolonização pedagógica e de relativização do currículo escolar, ainda demasiadamente europeu e hegemônico.

Freire (1967, 1987, 1996), hooks (2013, 2020), Azoilda (2010, 2013), Santos (2018) e as pedagogias que surgem como uma proposta contracolonial - Pedagogia das Encruzilhadas, Pedagogia da Circularidade Pedagogia Griô, Pedagogia da Ancestralidade, apontam caminhos a serem percorridos para que os saberes ancestrais sejam vistos como formadores de coletivos e não de individualidades.

Então voltamos à escola, à educação, aos saberes ancestrais e sua possibilidade de transformar ausências em presença - em roda, em música, em dança, em poesia, em arte, em vida. Presença e experiência de vida, de corpo inteiro, acessando e produzindo memórias, contando e ouvindo histórias, escrevendo saberes ancestrais e educação.

#### 4.7 Em busca da Escola aldeia-terreiro - saberes ancestrais em circularidade

Olhar para os saberes ancestrais como experiências que formam para a vida é reconhecê-los enquanto uma educação contra hegemônica que aposta no coletivo, no livre pensar, na escola viva, na multiplicidade de saberes e formas de ser, conexão com ancestralidade, memória, descolonização dos corpos e das mentes das crianças e estudo do seu território.

A aldeia e o terreiro são espaços que educam à medida em que promovem experiências compartilhadas que favorecem a autonomia. Da mesma forma, a escola é uma aldeia-terreiro em potencial, não no sentido religioso, mas na aposta em valores que são da coletividade e da circularidade.

O Terreiro é escola, em seu sentido mais ampliado, que possibilita o pertencimento, a autonomia e protagonismo para as pessoas de axé. Eu convivi e convivo com mulheres que a partir do axé criaram sua independência financeira, seja costurando para santo, seja vendendo acarajé, seja fazendo paramentas para *Nkisi*, ou até mesmo sobrevivendo através de consultas espirituais, trabalhos limpezas, etc. O Terreiro antepara uma formação “não diplomizada”, que garante, do ponto de vista da sociedade geral, profissionalização, escolarização, produção de pesquisa e conhecimento que circula (FERREIRA, 2021, p. 57)

A educação indígena ocorre de forma vivencial e circular desde a infância na aldeia, assim o espaço da natureza, a relação com todos ao redor compõe uma teia que educa para a vida:

Saber escutar e respeitar os anciãos, ouvir por horas o canto dos pássaros para poder imitar seu assobio. Os povos indígenas criam, dessa forma, um vínculo forte com a natureza. No ordenamento da aldeia, na construção das casas, em tudo, há formas de aprendizado, uma estratégia pedagógica de ensino-aprendizagem; um aprender sem pressa, na solidariedade, que começa desde a primeira idade (KAMBEBA, 2020, p. 25)

Por outro lado, a escola se firma como esse espaço onde passamos grande parte de nossas vidas e construímos valores que irão pautar nossas escolhas futuras. No entanto, historicamente, além de reconhecidamente ser a instituição responsável pela formação cidadã, escolar e religiosa, também é “muitas vezes, ou quase sempre, castradora, ceifadora e deformadora dos indivíduos” (FERREIRA, 2021, p. 78). E por essa função de castração e controle podemos pensar que os saberes tradicionais presentes no Terreiro (e nas aldeias, nos quilombos, nas ruas) não cabem no currículo escolar (FERREIRA, 2021). Esse não caber é pela própria circularidade que atravessa e rompe com os limites entre as disciplinas em uma formatação convencional da escola tradicional.

O ensino bancário ainda nos assombra, mas apesar disso, toda a produção em sala de aula, assim como o próprio processo de aprendizado é coletivo. Nesse sentido, a oralidade, amparada na visão de coletividade, nos conecta às memórias de um saber-fazer na educação contrário à visão de disputa individual pela busca de resultados, muito valorizada pelo sistema educacional vigente. Assim, a escola é e não é coletiva, é e não é um espaço formativo para a coletividade, é e não é plural, mas podemos apostar no vir-a-ser lançando sementes no chão da escola assim como um chão de aldeia-terreiro. Semeando e cuidando, há de germinar práticas antirracistas e de descolonização de saberes.

A sala de aula pode ser muito mais diversa em sentidos do que a educação convencional nos faz crer. Assim, a oralidade enquanto saber registrado no corpo e que vai se assentando como um conhecimento orgânico através da transmissão cotidiana e coletiva é algo muito importante para estabelecer o diálogo com as crianças em sala de aula, uma vez que a criança vai sendo deseducada; nasce sabendo daquilo que é natural e vai sendo deseducada para caber no social. Enquanto contamos histórias podemos firmar o tempo da infância, o encantamento do brincar para descobrir e se expressar e não para o Enem. O tempo de menino e menina, base dos homens e mulheres que nos tornamos.

Aprendi com meu povo o verdadeiro significado da palavra educação quando via o pai ou a mãe do menino ou da menina conduzindo-os passo a passo no aprendizado cultural. Pescar, caçar, fazer arcos e flechas, limpar o peixe, cozê-lo, buscar água, subir na árvore, etc. Em especial, minha compreensão aumentou quando, em grupo, deitávamo-nos sob a luz das estrelas para contemplá-las, procurando imaginar o universo imenso à nossa frente, que nossos pajés tinham visitado em seus sonhos. Educação para nós se dava no silêncio. Nossos pais nos ensinavam a sonhar com aquilo que desejávamos (MUNDURUKU, 2009, p. 55)

O tempo de cronos do qual não escapamos enquanto tempo da racionalidade, mas que apesar disso, podemos nos lembrar de nossa sabedoria ancestral e da vida de nossos antepassados para nos questionar sobre o que estamos fazendo com a ciência que herdamos. Nos rendemos ou seguimos no movimento de destronar a monoepistemologia vigente? Qual está sendo a nossa resposta ao modelo educacional em curso? Quais histórias contamos?

O tempo do aprender indígena ensinado pelos mais velhos não é o do relógio, que marca a educação vinda da cidade, com hora para começar e terminar, conteúdo específico para cada série. O tempo da aldeia obedece às rodas de cantoria, de narrativas, da lua cheia, do maracá. Falo do tempo circular que fortalece a união porque cria campos energéticos de luz. Esse saber se traduz na psicologia e na pedagogia da aldeia (KAMBEBA, 2020, p. 25).

A produção de outras narrativas, de outras formas de se narrar histórias de vida das crianças em sala de aula, do seu universo, da sua família produz uma resposta à amarra colonial, esta mesma amarra que prende e enfileira crianças em bancos escolares e pátios de não brincar livremente, pode ser destronada, enfraquecida ao sentar-se em roda e dialogar com valores civilizatórios que reconhecem na infância uma sabedoria própria e não uma tábula rasa.

Sabemos que o processo de constituição da educação brasileira está fundamentado na colonização de nosso país, o que nos torna herdeiros de uma proposta pedagógica de manutenção de poder europeu e hegemônico e de invisibilidade dos saberes africanos, afrodiaspóricos e indígenas. Para quem era a educação formal já que desde a formação social do Brasil negros e indígenas tiveram suas histórias excluídas desse processo da história dita oficial? Durante o período colonial (1500-1822), a Companhia de Jesus desempenhava uma dupla função - catequizar e facilitar a escravização dos indígenas - e dessa forma, a educação escolar nasce nesse cenário de colonização, onde negros e indígenas são destituídos de sua humanidade e os filhos dos portugueses recebem uma educação formal e elitizada (MOURA e CLEMENTINO, 2021).

Esse contexto histórico nos auxilia na compreensão do cenário atual de desconexão de nossas raízes africanas e indígenas na educação. Na prática cotidiana essa desconexão está presente na fala da professora-pesquisadora Lady Almeida ao contar sobre as dificuldades em obter apoio dos demais professores para ações e atividades que dialogam com a lei 11.645/2008.

*O Nego Bispo fala que a gente adentra as nossas crianças e a escola não é para adentrar, né? A gente precisa deixar o aluno ser mais livre e orientar e ele fala que a escola precisa ser festa, festejar e isso é problemático no sentido de o que mais a gente escuta nas escolas, de outros professores, é que ele é contra os projetos culturais, é contra as festas, “vocês ficam criando festas, ficam criando isso para ficar dando ponto para aluno e ele tira só zero comigo e aí recebe ponto sem fazer nada” e eles não conseguem perceber que isso faz parte também do processo educacional pedagógico criativo, é ali que os alunos vão criar, então é a luta, eu sempre falo, é difícil e às vezes a gente se percebe muito sozinho, isolado e aí tenta conseguir parceria de um ou no máximo dois professores. (Lady Almeida, 2022, entrevista online)*

Parece que esquecemos a história e a cultura dos povos africanos indígenas e isso causa dificuldades na adesão aos projetos negro referenciados nas escolas (FERREIRA, 2021) e ao dizer sobre o nosso esquecimento acerca da história e cultura de nossos antepassados, isso dá a dimensão da complexidade do debate sobre as razões da invisibilidade

da história africana e indígena em sala de aula. Rememoro hooks (2013) e sua afirmação de que para o negro educar era um ato político com raízes nas lutas antirracistas. Portanto, se dedicar aos estudos, pensar com autonomia, se tornar uma acadêmica, intelectual era uma forma de resistência ao racismo e à colonização impostas.

A distinção que bellhooks faz de uma educação como prática de liberdade presente nas escolas segregadas para uma educação para a submissão e dominação das escolas brancas que recebiam os negros, me faz pensar nas escolas das aldeias indígenas e nas experiências das escolas quilombolas como espaços de fortalecimento de identidade no território. Podemos olhar para as aldeias e quilombos e aprender com a maneira pelas quais se firmam como espaços educativos.

Continuam vivas, nestes lugares, tradições de Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Terecô, Tambor de Crioula, Bumba meu Boi, Reisado, Festas do Divino, Festa de Caboclo, ladainhas para Santos e Encantados. Há um processo educativo que, no cotidiano, zela, transmite e celebra, a cada ano, na medida do possível, estas culturas e expressões religiosas de origem africana, reelaboradas na dinâmica concreta da vida das pessoas, que às vezes vão se transformando, de um lugar a outro, mas guardam sempre os fundamentos (SIQUEIRA, 2013, p. 154, 155).

O que acontece então com a criança negra ou indígena ao chegar na escola e não se reconhecer na proposta pedagógica desta? Ao sofrer este silenciamento, e o racismo, de que maneira é impactada emocionalmente e fisicamente? Quais são as feridas provocadas em sua subjetividade? “Desculturada, silenciada, o caminho possível é o da invisibilização”(FERREIRA, 2021, p.66).

O professor dessa criança já foi ele mesmo uma criança que na escola, assim como provavelmente na família e sociedade mais ampla, aprendeu que para “ser alguém” seria preciso abrir mão de sua herança ancestral e identidade e ceder à colonialidade. Os professores, moldados em uma educação que amarra o saber à hegemonia branca, reproduz, muitas vezes, sem questionar, aquilo que lhe foi imposto.

#### 4.7.1 Práticas escritivas antirracistas

Trago as atividades desenvolvidas pelas professoras-pesquisadoras em escola formal e em educação popular promovendo práticas antirracistas na educação. Confluindo saberes populares, ancestrais e tradicionais com a escola apresento em diálogo o trabalho dessas mulheres em sua oralidade e escritividade da qual partilhamos.

#### 4.7.2 Entre práticas, território e espiritualidade - Amanda Goytacá

Amanda conta que há uma clara correspondência entre suas práticas e a espiritualidade e “mais do que correspondência, tem uma necessidade, uma coisa não acontece e não existe sem a outra”. Suas práticas hoje, focadas nas medicinas da floresta, são um exemplo de educação contracolonial, ao problematizar a medicina convencional como exclusiva fonte de cuidados com a saúde.

##### **Tatiana - Sobre os atendimentos - Como são os atendimentos que realiza?**

**Amanda** - *Eu faço consultas individuais, como eu falei, sou terapeuta complementar integrativa e dentro disso, erva, cura prânica que é o que a gente pode colocar como benzimento, indicação de erva para ingestão como tintura, chá, banho, limpeza de objetos, de ambientes e aura, cromoterapia, tarô, que é a minha cigana que é dona do meu jogo, pachá! Então o meu trabalho é um trabalho espiritual, sem a minha egrégora de guias, mentores e protetores isso não seria possível. Essa sabedoria, dessa vivência, desses estudos, ela tá presente na minha mesa de atendimento, às pessoas que chegam até a mim pra uma consulta, a gente faz uma limpeza energética, a gente consulta um tarô, a gente faz um receituário de naturopatia ou fitoterapia, eu faço indicação de ervas para as questões específicas de cada um, então é por isso que eu chamo de integral, porque a gente trabalha o físico, o mental, o energético e o espiritual em um negócio só, porque nós somos tudo isso.*

##### **Tatiana - Quem são as pessoas que lhe procuram?**

**Amanda** - *A maioria são mulheres adultas, atendo homens também mas não se compara, são mulheres adultas com as mais diversas e variadas questões físicas, mentais e espirituais e elas buscam de fato uma alternativa a essa medicina medicamentosa e industrial e eu acho que esse é um movimento bastante global que tá rolando, que eu percebo no macro mesmo, as pessoas estão buscando mais esse retorno pra casa porque elas estão aos poucos percebendo na pele o adoecimento causado pela alimentação industrializada, pelo uso excessivo de comprimidos industrializados, então tem um movimento social de uma maior busca por esses tratamentos mais tradicionais, né? Eu acho que as pessoas estão tomando uma consciência maior dessa integralidade do seu próprio ser e buscando profissionais que possam ajudar nos tratamentos, né? Para as mais diversas questões, só que em sua maioria são questões emocionais - ansiedade, depressão, insônia e sobrecarga da mulher na sociedade machista, né?*

##### **Tatiana - Quais são as ervas e os tratamentos que você oferece ?**

**Amanda** - *Eu produzo tinturas, que são extratos hidroalcoólicos a base de álcool de cereais e água e aí eu faço uma combinação de ervas, e como eu falei que é tudo a partir da minha vivência, eu sou a minha primeira cobaia, né? Então eu e minha família aqui em casa que experimentamos primeiro os meus remédios e depois alguns amigos próximos e aí eu abro uma comercialização mais ampla, mas vai muito da minha experiência e eu costumo repetir muito isso nas palestras que eu dou, nas rodas que participo, que se eu tô aqui hoje como terapeuta é porque o meu processo pessoal passou por esse lugar e essas ferramentas mudaram a minha vida, então é por isso que eu tô aqui hoje, porque eu passei por ali e teve uma galera que depois passou e vamos passar mais. Tem um extrato que eu chamo de Acalmee como eu te falei no início da conversa eu tive ansiedade e pânico, né? A cidade também me adoce e nós mulheres, como pessoas cíclicas, a gente vai seguindo o*

*fluxo da lua e não somos loucas, somos cíclicas e depois que eu tive filho e as preocupações da vida aumentam, porque você sozinha é você sozinha, né? Você com uma criança é mais complexo, e aí essa coisa da ansiedade foi querendo tomar lugar e eu falei “pára”, aí fiz uma combinação de 3 ervas num extrato hidroalcoólico e eu chamo elede Acalme, é uma combinação de mulungu, passiflora e capim santo (capim limão) e todo mundo que usa me dá um retorno positivo e mulher e homem usou o Acalme. Eu fiz mais uma combinação, uma combinação específica para o tratamento de HPV no corpo da mulher, com ervas de energia Yin, então eu juntei ali dentro propriedades físicas e energéticas de plantas específicas para o tratamento do corpo feminino, específicas para as questões de inflamação e infecção uterina, ele tá em processo de maceração, mexi nele esses dias, tá lindo que ficou um vermelho, porque eu usei uma erva que chama pariri, que é uma erva muito usada pelas parentes da Amazônia pra tratar o câncer do colo do útero, e a partir desse conhecimento, quando a faculdade, a academia foi lá naquela aldeia, eles ficaram sabendo que ela usava aquela ervinha vermelha bonita, perguntaram pra que e elas disseram “pariri, que é pra ajudar a mulher no pós parto, pra ejeitar o útero e também trata câncer do colo do útero, eles levaram aquilo pro laboratório pra pesquisar e estão comprovando cientificamente uma sabedoria de anos e ele é uma das que compõem essa tintura que chama Gaia e é terra, né? Mãe terra. E aí tem uma outra tintura que também é específica pro corpo feminino, que é reguladora do ciclo menstrual, que eu chamo de Zarhi, que é lua em tupi guarani e aí nela vão ervas também de muita energia Yin, camomila, que o nome científico é matricaria, que vem de matriarca, e é cientificamente comprovado também que a camomila tem um efeito no corpo feminino que ela não tem no corpo masculino. Energeticamente é uma planta que libera medo e culpa, aquilo que enfiar na gente o tempo todo, né?*

**Tatiana - Amanda e quais são suas perspectivas sobre a transmissão desses saberes?**

**Amanda** - *Eu espero que o maior legado seja o cotidiano, as práticas cotidianas do autocuidado. Eu tenho várias primas, primos, conheço muitas pessoas que têm filhos, minha prima estava aqui esses dias com gripe e não “guentava” tomar um chá, vomitando. Meu filho, graças a Deus, ele toma. E aí várias clientes “minha filha não dorme, vou comprar um rivotril”, “pelo amor de Deus, essa garota tem 3 anos, dá um chá de camomila”, “ah, ela não bebe” eu “é hábito, é mudança de hábito”, a gente veio de uma criação onde os nossos pais também reproduziam mas se a gente tá vendo que aquilo ali não é legal, é nocivo, cabe a nós promovermos a mudança que a gente quer ver no mundo, então eu me coloco até numa obrigação dessa coisa cotidiana, de transformar isso na cabeça do meu filho como algo natural pra que ele possa passar isso também pros filhos e netos, pra gente naturalizar uma prática que é natural, ela só foi arrancada, afastada de nós. Eu me preocupo muito com a educação do meu filho, é uma criança inteligentíssima, não é porque é meu filho não, ele é muito inteligente, só que é aquilo que eu falei pra você, ele não cabe na escola, então eu tenho uma preocupação grande com relação ao espaço de formação escolar e eu procuro não criar, assim, eu já fui uma pessoa muito ansiosa, né? E ansiedade é excesso de futuro, é quando você se preocupa demais com o futuro, então eu não penso, eu procuro não pensar, porque sempre que eu me vejo pensando nele daqui a 10 anos eu dou uma pequena surtada, faço um chá de camomila e “não, a gente tá aqui, ele hoje tem 6 anos, e o que eu posso fazer por hoje?”, é só por hoje, a única coisa concreta que a gente tem é o hoje. O ontem já era e o amanhã eu não sei, então é um exercício que eu faço mesmo de autocura da ansiedade, que se eu der brecha, se eu baixar a guarda a ansiedade vai tomar conta de mim, eu vou ter uma crise, vou parar no hospital e aí quem fica com o menino? Então é uma coisa que eu venho como falei, o trabalho terapêutico, como eu falei, ele é de um lugar de vivência, de experiência e de estudo. E nessa minha vivência eu descobri que o caminho para a autocura é o autoconhecimento então eu busco, não é que eu não penso, eu penso, mas aí eu sou uma pessoa realista, antes eu não queria ter filho e falava “meu Deus, colocar filho nesse mundo? é até pecado, é uma violência com uma criança inocente trazer ela pra*

viver num mundo cão desse” e aí eu nunca quis ter um filho e me chega um filho, e agora? Eu vou tentar mostrar pra ele que para além desse mundo cão e dessa terra fria existe uma outra forma de vida possível, em harmonia com a natureza, em harmonia com todos os seres vivos que habitam essa terra junto com a gente porque todos são sagrados, as plantas têm alma, os animais, então é uma coisa que eu vou tentando cotidianamente semear ali e de verdade sem me preocupar muito com o futuro que eu ainda não sei.

**Tatiana - Conta um pouco sobre seus atendimentos e alguma vivência que tenha lhe marcado.**

**Amanda** - Toda vivência é uma vivência, né? As que eu tenho participado de forma coletiva com uma certa periodicidade são os ciclos do sagrado feminino na aldeia Maracanã e um grupo de constelação de uma amiga querida que tá na Bahia agora porque também tem uma cigana assim que nem eu. As rodas e os círculos do sagrado feminino são sempre únicos, né? Eles são sempre únicos e eles acontecem por si né? a gente pensa - eu e a Potira - a gente pensa uma dinâmica ali, “Ah, vamos fazer essa, vai ser a dinâmica de hoje” e aí a gente apresenta e ao longo do negócio a dinâmica vai se transformando de forma intuitiva, potente e no final é sempre assim, muito enriquecedor porque é troca e eu acredito que mulheres são como água elas crescem quando se juntam e é sempre muito potente e muito transformador todo círculo que eu participo ali na aldeia, é uma vivência de troca e de fortalecimento muito intenso. e uma que eu vou compartilhar aqui com você é uma recente de constelação familiar né? e essa foi ano passado eu participei de uma que ela fez sobre o sagrado masculino que se fala muito sobre o feminino e pouco do masculino e a gente, terapeuta, que entende que nós somos a dualidade, nós somos o masculino e feminino, porém em desequilíbrio e é por isso que a gente adoce então ela tinha feito uma do sagrado feminino que era para a gente olhar a constelação sistêmica, tem isso de você olhar para o seu sistema familiar, então ela onde nós olhamos para nossa ancestralidade feminina honramos e tal trabalhamos o campo e ela fez a masculina em outro dia, em outra reunião, e eu tive uma sensação de incorporação, eu sou de terreiro, né? sou médium de incorporação e eu sentada aqui na frente do computador, eu fui sentindo um negócio subindo por debaixo da minha perna, no meu pé, foi subindo, foi subindo e eu danei a chorar, um choro copioso e por mais que eu quisesse, eu não conseguia controlar e eu senti que era um ancestral meu que estava vindo pela terra, era um goytacá bem forte, bem pesado porque eu senti sabe um negócio (faz uma respiração forte de expirar) e depois que tive essa sensação de incorporar eu não perdi a consciência em momento nenhum, né? Mas eu não controlava os meus movimentos, chorei, chorei, chorei, chorei e aos poucos eu fui voltando e uma leveza, e eu falei “o que que foi isso?” porque nunca tinha acontecido um troço desse, foi um negócio doído demais e foi muito muito forte e é por isso que eu não posso abandonar a minha missão de educadora porque as pessoas precisam entender que nós temos o masculino e o feminino dentro de nós e enquanto ficamos brigando com outro em desequilíbrio a gente adoce e adoce tudo a nossa volta, né?

Figura 24 - Repelente natural e artesanal



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022b.

Figura 25 - Hidratante labial, manteiga de cacau e urucum



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022c.

Figura 26 - Sinergia aromaterapêutica



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022d.

Figura 27 - Perfume Botânico



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022e.

Figura 28 - Spray energético, óleo de massagem, tintura medicinal



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022f.

Figura 29 - Tintura medicinal - extrato hidroalcoólico de plantas medicinais



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022g.

Figura 30 – Unguento / pomada artesanal e natural



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ

Fonte: GOYTACÁ, 2022h.

Figura 31 - Sinergias aromaterapêuticas



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022d.

Figura 32 - Sinergias aromaterapêuticas



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022d

Figura 33 - Fotografia: kumbaya/fumo



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022i.

Figura 34 - Ervas secas – Macela do Campo



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022j.

Figura 35 - Ervas secas – Erva de São João



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022k.

Figura 36 - Breu branco - resina para a defumação



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2021.

Figura 37 - Argila branca da Amazônia



Legenda: Fotografia tirada em São Gonçalo/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022m.

Figura 38 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022n.

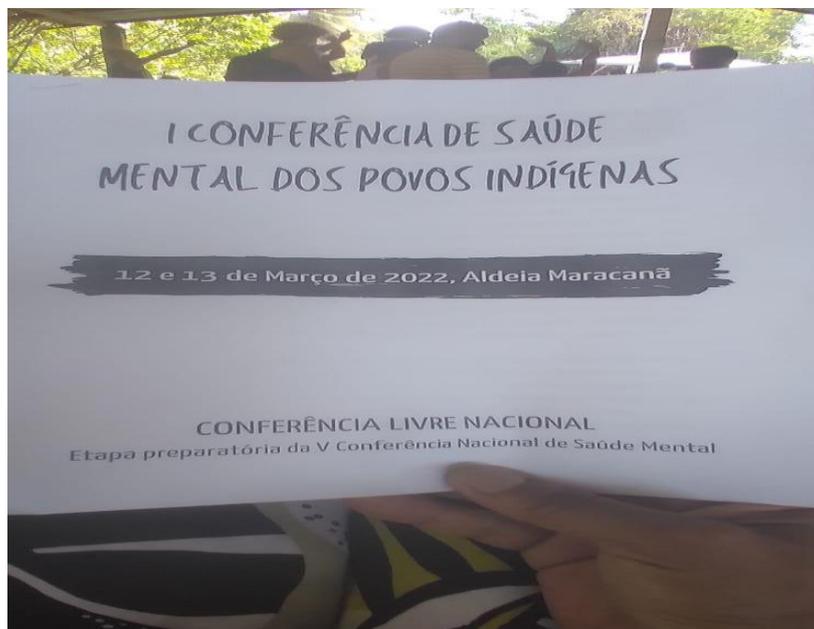
Figura 39 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022n.

Figura 40 - Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022n.

Figura 41 - Ciclo sagrado feminino TekohawMaraka'nã



Fonte: GOYTACÁ, 2022o.

Figura 42 - Ciclo sagrado feminino TekohawMaraka'nã



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022p.

Figura 43 - Círculo Sagrado Feminino TekohawMaraka'nã



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022p.

Figura 44 - Círculo Sagrado Feminino TekohawMaraka'nâ



Legenda: Fotografia tirada em Aldeia Maracanã/RJ.

Fonte: GOYTACÁ, 2022p.

#### 4.8 Práticas antirracistas em sala de aula- Lady Almeida

**Tatiana** - Lady eu gostaria de lhe pedir que compartilhasse as suas práticas na escola que tenham esse olhar de práticas antirracistas.

**Lady** - *Eu acho importante mencionar um projeto da escola de 2018 que conseguiu ficar tão coeso e foi a única vez que a gente conseguiu, foi encabeçado por três professoras, eu puxei e elas toparam, Luciane Corrêa (professora de artes), Talita Fonseca (professora de matemática) e eu. E em uma reunião de final de ano a gente falou em fazer o projeto para o próximo ano, começar no início do ano e ser um projeto durante o ano inteiro e não simplesmente aquele de bimestre que você corre um mês, dois meses pra fazer. E aí definimos, eu citei e elas embarcaram na ideia do Projeto África Berço da Humanidade e da Civilização. Então foi um projeto que deu muito certo, os alunos fizeram mesmo, colocaram a mão na massa mas teve, claro, orientação nossa enquanto professores e elas conseguiram trabalhar isso nas suas disciplinas, então até na matemática a questão das pirâmides, na geometria. A professora de artes é responsável em fazer esses painéis temáticos na escola, então esse grande painel da África com os símbolos ela faz muita coisa e vai orientando os alunos pra que façam sobre a orientação dela, mas pra deixar claro que esse projeto se tornou da escola e não foi de fato um projeto pontual, aquela iniciativa de fazer um projeto rápido. E foi o projeto que mais deu certo, que foi trabalhado durante o ano inteiro até chegar o dia da culminância que foi a feira para apresentar tudo que os alunos fizeram, seja a exposição das heroínas negras, a exposição das bonecas abayomi, as esculturas de pirâmide, a escultura de Imhotep, a preparação da dança pois teve apresentação de dança e depois o desfile. Então vimos a importância desse trabalho ser pensado em não ser*

*pontual, precisa ser um projeto que envolva a escola toda e que seja um projeto durante o ano todo e não só ser o ano todo como precisa fazer parte do PPP (projeto político-pedagógico) da escola, então as práticas antirracistas, antissexistas pra trabalhar conta qualquer tipo de discriminação, pensando em equidade, em uma escola democrática tem que estar no PPP da escola. Mas isso já é uma outra discussão.*

Figura 45 - Projeto África - Berço da Civilização e da Humanidade



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022b.

Figura 46 - Projeto África - Berço da Civilização e da Humanidade



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022b.

Figura 47 - Exposição bonecas Abayomi



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022c.

Figura 48 - Pirâmide e esfinge



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022d.

Figura 49 - A escultura de pirâmide



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022e.

Figura 50 - Dança – Carimbó



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022f.

**Tatiana - Fale um pouco sobre o PPP.**

**Lady** - *O PPP é o projeto político-pedagógico que todas as escolas têm ou deveriam ter. No PPP tem que constar projetos, metas sobre o que a escola faz pra combater, por exemplo, a evasão. Na verdade, o PPP tem que ter a cara da escola, tem que ser a cara dos alunos, e pra aprovar o PPP tem que ser uma decisão de toda a comunidade escolar, os pais da escola que fazem parte do conselho escolar, os professores, os funcionários, a direção, a coordenação, os alunos, têm que envolver toda a escola, só que muitas vezes na escola ninguém sabe onde foi parar esse documento que deve representar e ser a cara da escola e ali deve conter por exemplo todas as diretrizes que a escola pretende realizar ao longo do ano, pra melhorar o ensino aprendizagem, pra ela ser mais democrática, combater o bullying, combater o racismo, combater a evasão, é algo sério que toda escola precisa realmente ter e tentar colocar em prática esse projeto político pedagógico, mas infelizmente muitas escolas não fazem isso.*

**Tatiana** - *Conforme você foi buscando ampliar o seu olhar e entender mais desses outros saberes isso foi mudando também a sua prática em sala de aula ? Como essa busca foi impactando o ser professora?*

**Lady**- *Eu sempre falo que uma das coisas fundamentais é de novo se você como professor não sabe das suas origens, das suas raízes, não tem isso positivado, dificilmente você vai realizar isso com seus alunos, então é um processo meu e que eu trabalho com os meus alunos, mas eu tô nesse processo com eles, então eu busco conhecer cada vez mais a minha história, minhas raízes, se eu for pensar no meu país, do meu continente-mãe, eu vou buscar esses saberes, esses conhecimentos, então eu dou aula de filosofia e eu estudo, eu pesquiso e trabalho com eles a filosofia africana, que a gente não tem no livro e aí hoje em dia a coisa que eu não debatia antigamente, que eu só trabalhava mesmo a filosofia grega, hoje em dia não, eu trabalho e apresento o que tá no livro “a filosofia nasceu na Grécia” e eu vou fazendo com que eles questionem isso, “como assim nasceu se a gente tem, por exemplo, sociedades mais antigas que a grega e a filosofia nasce onde tem seres humanos, pessoas que pensam?” e aí eu trabalho o conceito de epistemicídio com eles para eles entenderem “por que que eu não conheço então esse filósofo que é mais antigo?” Por exemplo, eu trabalhei esse semestre para os meus alunos pesquisarem sobre Imhotep, que é o primeiro gênio da humanidade e ele é considerado um grande filósofo, pai da medicina, da arquitetura, da matemática, ele é multifacetado e ele é tanta coisa que é igual a gente olhar para a pirâmide e falar “não, não existe” e aí meus alunos falavam “Professora, ele é tanta coisa”, no sentido de que não era verdade, mas ninguém questiona um Einstein e aí eu falo para eles, por exemplo, o pai da medicina que a gente aprende é Hipócrates e eu falo para eles “Hipócrates pode até ser o pai da medicina grega mas, por exemplo, o Hipócrates nasceu 2500 anos depois do Imhotep”. E tem fãlas do próprio Hipócrates falando do desenvolvimento da medicina em África, ditas por ele, mas ainda assim é o que eles vão aprender na faculdade de medicina hoje, entende? Então eu começo a falar isso com eles e eles vão pensando “Então agora eu tô entendendo, mas porque a gente não conhece então?” Eu trabalho com eles logo no primeiro ano, logo no início e eles ficam “Mas, o que é isso de filosofia? Filosofia pra quê, professora?” E então eu trabalho com eles o conceito de epistemicídio.*

Figura 51 - Imhotep - O primeiro gênio da humanidade



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022g.

**Tatiana** - Isso é uma construção que você faz, de forma autônoma, dentro de uma escolha de vida e pedagógica, mas você tem, por exemplo, o apoio da escola em um planejamento pedagógico?

**Lady** - *Formalmente não, mas eu acho que trazer isso é importante, eu trabalhei bastante a questão indígena, por exemplo, até para quando chegar em abril, no início para não ter essa coisa a gente questionou muito o 19 de Abril e aí eles precisam perceber que o seu lugar, o seu território, é um lugar ancestral indígena, de tudo ao nosso redor eu fui pegando os nomes na baixada - Saracuruna, o significado de Saracuruna, Magé, o pessoal daqui do Museu Vivo de São Bento fez o Mapa da Baixada, com os nomes indígenas dos lugares, eu trabalhei isso com eles e eles “Caraca, é tudo nome de índio?”. Discuti essa questão do termo índio e eles ficam assim deslumbrados, espantados no primeiro momento, mas eles gostam de saber, então a gente precisa conhecer o nosso lugar, o tempo todo eu sempre falo que se eu conseguir nessa aula, nesses dois meses, nesse primeiro bimestre, fazer com que ele pense duas vezes quando ouvir uma frase preconceituosa “Eu lembro que a professora falou que isso a gente não deve falar” que eles percebam que a gente que é da favela ou da periferia, Baixada Fluminense é o que? É periferia. E falo pra eles “vocês acham que nós, independentemente de ser preto ou branco, até para os brancos se perceberem, vocês acham que vocês são herdeiros de quê, do colonizador? Não são gente, nós somos herdeiros daqueles que deixaram de ser escravizados.” Por exemplo, eu fiz um trabalho esse ano, no 13 de maio, então antes de chegar maio sempre faço isso, porque por mais que às vezes passe batido, eu não trabalho datas, mas quando chega eles tiveram que fazer*

*um texto criativo crítico em relação ao 13 de Maio, então eu fui trabalhar o período quando acabou a escravidão, o que que aconteceu? Para eles entenderem que o que tá no livro que a princesa Isabel assinou a lei Áurea, mas por que ela assinou? Porque ela era boazinha? é a nossa Bebel? E eles morrem de rir e aí uma aluna falou “Professora, eu tô revoltada, porque eu fui enganada esses anos todos” E eu “e foi, se revolta porque eu também fui” risos.*

**Tatiana - Então a sua aposta que é possível esse diálogo entre os saberes ancestrais e a escola?**

**Lady -** *É possível, mas não é fácil, não tem uma receita de bolo, têm turmas que vai ser mais resistentes que outras, têm turmas que você planeja, dá muito certo numa turma e na outra não. Eu tô com uma turma com a dificuldade das meninas se perceberem pretas, meninas pretas que se acham brancas e elas têm a cor da pele do como se fosse do tom da sua pele ou um pouco mais claro e alisam muito cabelo, ela nunca vai ser lida como branca, vai ser qualquer coisa, é a morena, é uma morena aos olhos do Brasil e aí por exemplo numa questão de prova que elas tinham que questionar o epistemicídio, o que que a gente poderia fazer para mudar e uma falou “Ai professora, eu só vejo uma razão e eu acho que vou botar isso na prova, só se matasse todos os brancos” e continuou “Mas aí eu ia ser morta, né porque eu sou branca”. E aí eu acho que é aquilo me assustou tanto e eu pensando “Senhor, eu tenho que trabalhar muita coisa aqui, eu não tinha percebido que ela se via dessa forma e eu também não queria falar, tem coisas que eu não vou falar “você é isso”, mas eu fiquei olhando e acho que arregalei um olho e uma amiga dela falou assim “Desde quando tu é branca?” E aí ela disse “É, eu não sou assim tão branca, mas eu sou dessa cor porque eu pego muito sol” e aí eu fiquei pensando que aquela turma precisa trabalhar muito a questão de identidade e passei muitos vídeos de jovens que passam pelo processo de transição capilar e foi legal porque tinha muitas jovens de pele clara que elas foram falando que se perceberam negras depois que aconteceu isso. E aí teve uma vez que essa menina ficou assim abaixada durante o vídeo, não quis ver e elas não gostavam de mim, agora estão mais amigas minhas, mas antes elas tinham um horror e eu percebia era um desconforto muito grande ter essas discussões. Isso mudou a gente tá em maio/junho, a nossa relação já é outra, mas provocou, por exemplo, uma delas me disse “Professora, depois daqueles vídeos deixa eu falar uma coisa para senhora aqui sozinha, o que que eu sou? Nesse negócio de classificação de raça, o que que eu sou? Eu falei “Mas não sou eu que vou dizer” e aí eu expliquei “Aqui no Brasil você trabalha com autodeclaração, que é um processo em que você vai ter que se reconhecer, sempre com esse olhar para si e para sua história, suas origens e daqui um tempo você vai perceber o que você é, entendeu? E ela balançou a cabeça e aí depois eu conheci a mãe dela, ela foi na escola e a mãe é preta, provavelmente o pai é branco e tem esse conflito, principalmente se você vem de uma família interracial, de você se identificar porque o tempo todo as famílias chamam de morena, mas você é mais claro, “você não é preta não, preta é sua mãe, você já não é”, então causa incômodo isso de não se enxergar. Aí vamos ver até o final do ano, eu vou trabalhar com eles por três anos, até eles chegarem no terceiro ano e ver como é que vai ser, mas é assim, a história de começar a querer deixar o cabelo natural, parar de alisar, deixar uma trança para ver como é, é um processo.*

Figura 52 - Roda de Conversa



Legenda: Fotografia da Exposição Heroínas negras, tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022h.

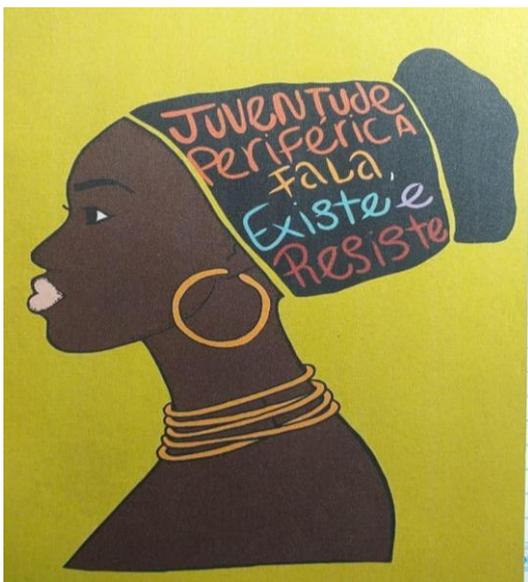
Figura 53 - Painel do Projeto África: Berço da humanidade e da civilização. Com Imhotep, símbolos ADINKRAS



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022i.

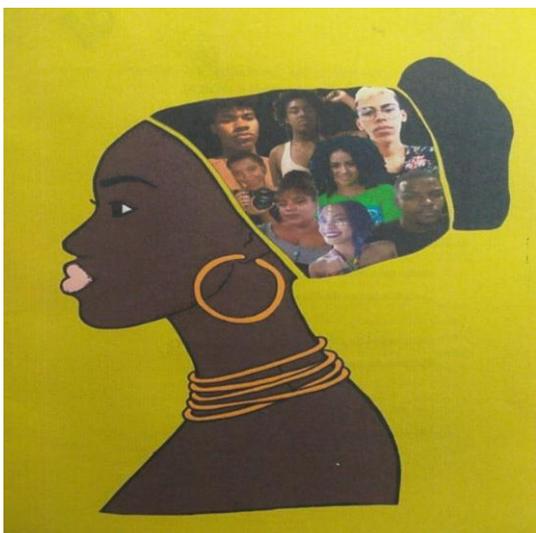
Figura 54 - Livro escrito pelos alunos



Legenda: Fotografia do material de divulgação (livro) feito pelos alunos da Lady Almeida tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022j.

Figura 55 - Livro escrito pelos alunos



Legenda: Fotografia do material de divulgação (livro) feito pelos alunos da Lady Almeida tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: ALMEIDA, 2022j.

A professora-pesquisadora Lady Almeida também me enviou as fotos da Roda de Conversa saberes ancestrais - Masculino e Feminino que eu facilitei em sua escola, em 2019, como parte de suas práticas antirracistas em sala de aula. Registro aqui em imagens minhas escrevivências ao dialogar com a escola a partir dos saberes ancestrais, com a proposta de realizar rodas de conversa para adolescentes/ jovens no CIEP 370 – Sylvio Gnecco de Carvalho, situado em Chácara Arcampo - Duque de Caxias, apresentando temas pertinentes à sua faixa etária para a promoção da saúde coletiva a partir dos saberes tradicionais e da cultura popular.

Figura 56 - Centro da Roda de Conversa



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: A autora, 2019.

Figura 57 - Roda de Conversa



Legenda: Fotografia tirada em Duque de Caxias/RJ.

Fonte: A autora, 2019.

As nossas escolas podem educar para a liberdade, mas regularmente reforçam estereótipos, segregam, reproduzem um sistema hierárquico em benefício dos saberes da branquitude.

A desigualdade epistemológica faz com que estudantes negros e indígenas pensem, porque assim aprendem, que não existe uma produção científica africana, afrodiaspórica e mesmo indígena. Sabemos que não é como se essas produções não existissem e sim que o epistemicídio produzido pelo racismo é sobre múltiplas violências, dentre elas a invisibilidade ocasionada pela usurpação de tais saberes e vozes. Daí a importância de uma produção negra referenciada e indígena referenciada. Não se trata de dar voz a quem sempre falou (assim como bem nos lembrou a educadora Amanda Goytacá sobre os saberes ancestrais já estarem na academia) e foi usurpado em seu direito de expressão, violentado, silenciado. Trata-se de silenciar para ouvir outras bases epistemológicas, outros saberes, outra relação com o tempo, com o ser e aprender, com o conhecimento compartilhado na vivência. Avançar da desigualdade para justiça epistemológica.

Por ora, as ações mais recorrentes e enraizadas que temos nas escolas são as comemorações de datas comemorativas, seguindo um calendário que conta a história de quem a escreve e não são os negros ou indígenas. “Para não parecer racista, a saída encontrada pela Escola gira em torno da necessidade de folclorizar o/a negro/a e calendarizar ações em que seja possível algum reconhecimento instantâneo da negritude” (FERREIRA, 2021, p. 67).

Nada mais racista do que uma ação pontual em um dia determinado produzindo e fortalecendo anualmente estereótipos sobre pessoas às quais não se tem o genuíno interesse de se conhecer. Tais eventos em festas com celebrações de calendário escolar são realizados com a suposta proposta de protagonismo e, no entanto, trata-se de espetacularização, folclorização (FERREIRA, 2021) e racismo com data marcada para celebração e expiação da culpa cristã. Mais do que isso, é um distanciamento da proposta pedagógica das leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008) e uma comprovação de que, apesar de sua maioria, está longe de ser algo que efetivamente colabore com a apresentação da diversidade cultural de nosso país em sala de aula.

*Eu tenho um filho que tá no jardim, ele é uma criança indígena, a escola sabe que ele é uma criança indígena, eu não mandei ele no dia 19 de abril pra evitar maiores problemas, porque se manda ele pintado com aquele cocar de cartolina eu nem sei, porque como eu falei eu era uma pessoa movida pela raiva e depois que eu me tornei mãe eu tô conseguindo respirar e contar até três antes de explodir e isso já é um grande avanço. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

*Mas essa coisa das datas comemorativas ela reforça um estereótipo e mantém o indígena isolado numa figura caricata, presa em 1500 que não existe mais. E as pessoas dizem "hum, indígena de iphone" , sim, de iphone, carro, apartamento, diploma, a gente não tá parado no tempo, nós somos indígenas que resistem a 522 anos e tamo aqui, e temos os mesmos direitos que todo mundo tem. Então a própria má vontade das instituições em promover de fato uma mudança estrutural tá ligada a manutenção do status, a reprodução do racismo estrutural inconsciente nas camadas mais populares, né? Porque a criança cresce sem saber do seu lugar e aí ela já cresce no não lugar que tem como consequência o adoecimento. Eu sou indígena, se eu sou indígena os meus pais são, mas eles não se veem como. Então você acaba alimentando um sistema e cumprindo as expectativas que ele criou pra você. Não questiona, não vê. (Amanda Goytacá, entrevista online, 2022).*

A lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais (BRASIL, 2003). Mais tarde, em 2008, a partir da organização e luta dos povos indígenas para o reconhecimento de sua história e contribuição à formação pluriétnica de nosso país, fez-se a inclusão da obrigatoriedade da Cultura e História indígena

brasileira, substituindo-a pela Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008). Apesar disso, na prática cotidiana, os desafios são diversos e vão desde a formação dos professores que não os qualifica para essa inclusão em suas aulas, à resistência na busca por esses outros saberes, racismo e à intolerância religiosa.

Além do mais, vivemos em nosso cenário político atual uma polaridade que acirrou os ânimos e se antes disso já existia preconceito com a cultura afro-brasileira e indígena, agora temos o aumento da violência com a expressão de grupos religiosos e seus espaços de práticas, tornando ainda mais complexo o debate, o diálogo e a saída da monocultura epistemológica que nos adocece.

Concluindo, trago alguns questionamentos enquanto contribuição para essas reflexões, o primeiro se refere a como podemos pensar em um diálogo entre saberes tradicionais e a escola formal dentro da escola? Afirmo que o caminho passa por desconstruir o colonialismo interno que nos assola, trabalhar para implementar a Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008) nas escolas, levando os saberes científicos para as aldeias e quilombos para um diálogo nesses espaços também, questionar o material didático e modelos tradicionais de ensino/aprendizagem, considerar que a responsabilidade dos professores é imensa e precisam desenvolver em si suas identidades - branca ou indígena - sabendo o seu lugar de fala e atuação crítica, pensar a educação para além da escolarização.

O segundo questionamento é sobre as razões pelas quais os professores não ensinam a cultura africana e indígena em sala de aula e os rastros para as respostas estão na clareza de que também foram ensinados assim - etnocentrismo, epistemicídio. Foram educados para reproduzirem o saber europeu, lendo autores europeus e replicando seu conhecimento sem um questionamento sobre outros autores e ciências existentes.

Como ensinar sobre o indígena e o africano/afro-diaspórico na escola? É preciso contar a história real considerando que invasão é diferente de descobrimento, é preciso conhecer criticamente sobre aquilo que se quer ensinar pois a escola pode ser um lugar de encontro, mas seu corpo, sua comunidade precisa se transformar em uma escola viva, do bem viver e para isso é preciso dialogar com os saberes e se abrir verdadeiramente, também é importante nomear de racismo as práticas colonizadoras para que seja possível ensinar os alunos a transgredir e se relacionar com a história, saberes e memória, não apenas com as carteiras de sala de aula. Todos nós, podemos ter posturas colonizadoras sem nos dar conta e é preciso estar sempre atento pois também somos crias desse pensamento colonial. É preciso, portanto, desaprender para reaprender continuamente.

O desejo de ensinar para a liberdade de pensamento (FREIRE, 1967, 1987, 1996), de ensinar para transgredir (hooks, 2013, 2020), a encruzilhada e os desafios de vencer demandas (RUFINO, 2021), a circularidade (FERREIRA, 2021), a pretagogia (PETIT e SILVA, 2011) e tantas outras propostas de descolonização do conhecimento são tão urgentes quanto combatidas por visões que teimam em estreitar a função da educação. Afinal, resistem às ensinagens os que temem perder o domínio da história única.

## 5 ESCRIVIVÊNCIAS CIRCULARES

INÍCIO - MEIO - INÍCIO

Escrevivendo um contexto

(...) Chamei todo mundo para discutir o contracolonialismo - e eles não vêm porque não dão conta, porque trazem a palavra embalada no papel, porque é assim que se faz na academia, em uma fala linear. Isso não quer dizer que o que eu faço é melhor do que o acadêmico: é preciso ter os dois jeitos, pois nós não somos mono. Quando as pessoas me perguntam o que acho dos pretos que estão na academia, digo que, por não sermos mono, temos que ter uma parte dentro da academia e outra parte lá fora. Uma parte dentro, preparando o terreno para explodir e outra parte lá fora para implodir o colonialismo.

Nessa mesa, eu disse que as universidades são as chocadeiras dos ovos do colonialismo, e a função das pretas e pretos que estão lá dentro é fazer esses ovos gorarem. Já a função de quem está fora é trazer novos ovos fecundados e mudar quem nascerá dentro da academia. E que da academia saiam doutores em humanidades, em vida e não em sinteticidade.

*SANTOS, 2019, p.27*

Essa pesquisa se iniciou com o objetivo de investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres negras e indígenas, rezadeiras, erveiras e educadoras-pesquisadoras, em um diálogo com a educação e com a relação destas mulheres com tais saberes orgânicos. A partir daí, nada aconteceu como eu planejei ou idealizei e no entanto, tudo que eu precisei, recebi.

Considero que tais objetivos foram alcançados ao longo da pesquisa onde a partir das categorias descritas no roteiro da entrevista pude investigar a história de vida das mulheres guardiãs e as formas pelas quais aprenderam o que hoje compartilham em seus atendimentos e atividades. Além disso, registrei, a partir de suas histórias, vários saberes e medicinas que compõem suas práticas, alguns dos quais pude fotografar pessoalmente, como por exemplo o feitiço do xarope milagroso de dona Graça na Paróquia São Simão - Lote XV (Duque de Caxias) e uma roda de conversa para alunos adolescentes da professora-pesquisadora Lady Almeida no CIEP 370 – Sylvio Gnecco de Carvalho, situado em Chácara Arcampo - Duque de Caxias.

Convidei quatro mulheres para que contassem suas histórias de vida e atuação no território e dialogar com cada uma delas foi um privilégio e uma estratégia de visibilidade de seus saberes orgânicos, indo de encontro à relevância de um trabalho que se propõe investigar os saberes ancestrais enquanto formador de nossas subjetividades, colaborando assim para sua visibilidade e pluralidade acadêmica.

Um fator que chamou a atenção desde o início foi a disponibilidade de todas elas em serem identificadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Apêndice A, B, C e D -, inclusive com uma delas, Amanda Goytacá, dizendo claramente, antes que eu perguntasse, sobre a importância de colocar o seu nome verdadeiro para que pudesse contar a sua história em primeira pessoa. Junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, levei também uma ficha de registro visando anotar dados mais objetivos que eu poderia esquecer ao longo da entrevista, tais como data de nascimento e um documento de identidade.

O trabalho desenvolvido até aqui e com a pretensão de um maior aprofundamento posterior nos revela a importância de colaborar para a produção acadêmica pluri epistemológica, privilegiando os saberes tradicionais, a tradição oral e as experiências escritivas de mulheres negras e indígenas em suas práticas cotidianas. Devo dizer também da minha alegria de encontrar na escriturização de Conceição Evaristo não só uma ferramenta metodológica, mas uma forma de escrever aquilo que é da experiência assentada, referenciada e circulada por minha origem negra e indígena. Este também é um ponto a ser aprofundado em trabalhos futuros.

O caminho percorrido com as mulheres guardiãs entrevistadas foi de registrar suas vivências através de suas memórias de nascimento, infância e adolescência, relação com a família e ancestralidade; memórias ligadas a transmissão de tais saberes; assim como suas experiências e práticas desenvolvidas. Para as duas professoras-pesquisadoras, acrescentei perguntas sobre como seus saberes ancestrais estão presentes em suas práticas de ensino ou atendimentos terapêuticos, como o caso da Amanda Goytacá, que além de professora também atua como terapeuta de práticas integrativas. Trouxemos aqui narrativas de mulheres que atuam na educação formal, rodas de conversas, atendimentos terapêuticos e serviços comunitários de saúde como marcadores da extensão dos saberes orgânicos em nosso cotidiano.

Através do contato com as entrevistadas e da pesquisa bibliográfica realizada para a escrita desta dissertação pude verificar que é possível, embora não seja simples, estabelecer o diálogo entre a educação formal e os saberes herdados por nossos ancestrais, assim como é imprescindível reconhecer a importância de tais saberes em uma luta antirracista e de descolonização da educação dentro e fora da sala de aula. Ao falar das guardiãs anciãs em seus trabalhos comunitários e também das guardiãs professoras-pesquisadoras, deixo claro que foi preciso nomear para citar, mas ficou claro que as guardiãs anciãs são as professoras de todas nós, fonte de nossas memórias vivas, aprendizados e aposta na manutenção dos saberes através da oralidade e também da escrita escriturizada dessas narrativas. Esse é o

ponto onde essas mulheres se encontram e eu me encontro com os seus saberes. Reverencio as que vieram antes. Salve as guardiãs anciãs, seguimos seus passos e aqui estamos ocupando espaços de produção de conhecimento. A universidade também é nossa.

Encontrei respostas também para quem são as guardiãs de saberes contemporâneas, as trouxe aqui e as apresentei abrindo passagem para as histórias de alunos e alunas em rodas de conversa, danças e oficinas da professora-pesquisadora Lady Almeida. Suas práticas antirracistas em sala de aula se conectam ao fio de sua ancestralidade como ouvi e aprendi com sua fala.

Ouvi as histórias que os corpos contam, através da mãe do corpo na narrativa da Amanda Goytacá ou dos gestos de dona Graça tocando uma roça imaginária, ao lembrar de sua infância. Suas memórias que também são ancestrais estão presentes em suas práticas, assim aprendi com dona Luiza e suas lembranças sobre as garrafadas feitas por suas irmãs e enterradas por 21 dias. Outro ponto que ficou claro foi que Independente da religião ou área de atuação, se mantém preservada a relação dessas mulheres com o corpo, memória e ancestralidade. Corpo enquanto território primeiro de registro de memórias, histórias e saberes. Na repetição dos gestos cotidianos, na lida na roça, no cuidado com os mais velhos ou os mais novos. Memória como algo vivo, narrado e circular, dançando no tempo de forma espiralar e escreviente. E ancestralidade, como a linha mestra, a guia que segura as pontas dessa história e as interliga promovendo o diálogo entre os ensinamentos do tempo de criança, na roça ou em casa e o registro contado, rezado e repetido pelos mais velhos, em memória de quem se foi, mas deixa seu legado.

A pesquisa também nos mostrou, a partir das narrativas das entrevistadas, como suas experiências de vida conectam subjetividades individuais à memória familiar e também a um contexto sócio-histórico mais amplo que se refere a construção do país em bases racistas, classistas, violentas e desiguais. Tal formação nos afeta a todos até os dias atuais através do racismo epistêmico, intolerância religiosa e invisibilidade dos saberes ancestrais presentes e por vezes sequestrados em nossa sociedade em nome de uma pseudo igualdade racial, sabemos, inexistente. A aposta na educação escolar e nos saberes ancestrais em diálogo são também uma manobra contracolonial. Não nos deixamos pelo caminho. Nem nossos ancestrais.

Verificamos também que os saberes e as práticas dessas mulheres descritos aqui compõem um importante legado material e imaterial de cultura popular e como tal, colaboraram para a promoção dos valores e cultura negra e indígena, além de situar os registros de

tais saberes no corpo/gestual e memória dessas mulheres, o que trás o caráter de organicidade de um conhecimento que é vivo e transmitido oralmente.

Dentre tantos contextos que escrevi, chego a esse, enquanto escrevia a pesquisa, o rio Muriaé mandavam mensagens - “suas sobrinhas, novas crianças, brincam por aqui”. E enquanto vivia e escrevia, muitas mortes aconteceram. Perdi um grande amigo e professor - Renato Muiraquitã - que se encantou e trago vivo nesse trabalho. O beija-flor me contou que ele não teria tempo em vida para ver a pesquisa pronta, mas era preciso seguir. Não canso de me espantar com a vida. Um dia, quem sabe, deixo de teimar.

De tanto teimar, escrevi, vivi e escrevi. De tanto querer, cheguei ao fim, início, meio e início outra vez. Não chego sozinha, isso eu sempre soube. Eu chego amparada no vôo do beija-flor, na pergunta do pajé, na onça pintada guardiã e na urso parda dos olhos negros.

E assim foi preciso circular a minha história ao tocar a narrativa das entrevistadas. Esperar o tempo das coisas e a escrita que não vinha no tempo que eu precisava. Sabedoria de vó está em receber aquilo que a gente precisa e não o que a gente quer. Iniciei essa narrativa no primeiro capítulo com o rio da minha história, o rio Muriaé, teimei com o rio por respostas e ele secou, transbordou, vivo em seus movimentos e lições, mas em seu tempo. O tempo sempre foi dele, não meu. Eu ainda sou a menina com o rio, ele não me pertence. Nós confluímos.

Figura 58 - Rio Muriaé.



Legenda: Fotografia tirada em Cardoso Moreira/RJ.

Fonte: A autora, 2019.

Fui buscar o fio que segurei desde o início, a ponta da linha nessa costura de vivências escritas e o primeiro arquivo da dissertação se chama “o vôo do beija-flor”. Sei agora, ao final que não é fim e sim princípio de uma jornada de volta pra casa, que não há nesse trabalho um capítulo, sequer uma seção com esse título, o beija-flor voa, circula e guarda o trabalho por inteiro. Hoje eu sei que essa era a minha resposta ao pajé que veio em meu auxílio quando estava adoecida, “ela não se lembra né, minha filha? mas ela vai se lembrar”. Sim, eu me lembro agora. Gracias meu irmão beija-flor pela guiança entre mundos, hoje sei como ir e voltar, aprendi a circular.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. **A escultura de pirâmide**. 2022e. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Dança - Carimbó**. 2022f. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Exposição bonecas Abayomi**. 2022c. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Imhotep - O primeiro gênio da humanidade**. 2022g. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Lady Almeida**. 2022a. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Livro escrito pelos alunos**. 2022j. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Painel do Projeto África: berço da humanidade e da civilização**. Com Imhotep, símbolos ADINKRAS, 2022i. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Pirâmide e esfinge**, 2022d. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Projeto África: Berço da Civilização e da Humanidade**, 2020b. 1 fotografia.
- ALMEIDA, L. **Roda de Conversa**, 2022h. 1 fotografia.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 145, 11 mar. 2008.
- BRASILEIRO, J. **As guardiãs de memórias e saberes ancestrais**. Uberlândia, MG: Subsolo, 2021. 120p.
- CARVALHO, J. J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N. ;GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. 368p.

CASTRO, D. T. de; OLIVEIRA, I. A. de. Descolonização do Saber: Paulo Freire e o pensamento indígena brasileiro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.47, e.116268, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rLBpZJxyRLbvY3wZc5KTbbs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 set. 2022.

CHIZIANE, P. “Não haverá filosofia africana a partir de um livro da Europa”. **Portal Geledés**, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-havera-filosofia-africana-partir-de-um-livro-da-europa/> Acesso em 03 jun 2023.

COZZA, F. Módulo Corpo e Oralidade. In: CARNEIRO, N. (Org.). **Insumos para ancoragem de memória negra**. São Paulo: Oralituras, Casa Sueli Carneiro, Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. 176p.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org). **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-47.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: “O que nós conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem”. [Entrevista cedida a] Kamille Viola. **Revista Marie Claire**, [S.l.], 25 maio de 2018a. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passage.html> . Acesso em 12 de ago. de 2022.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p.48-57.

EVARISTO, C. DEZ PERGUNTAS PARA CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. [Entrevista cedida a] SANTANA, T.; ZAPPAROLI, A. **Itaú Social**, São Paulo, nov. 2020c. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 140p.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 121p.

EVARISTO, C. **PonciáVicêncio**. [S.l.]: Pallas, 2013. 120p.

EVARISTO, N. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: NASCIMENTO, B. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018b.

FERREIRA, T. **Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro**. Rio de Janeiro: Telha, 2021. 158p.

- FLEISCHER, S. R. **Parteiras, buchudas e aperreios uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10246/000591725.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 03 jun 2023.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 192 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 256 p.
- GOMES, N. L. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017. 160 p.
- GONÇALVES, J. O bem-viver e a radicalidade de sonhar outros mundos. **Usina de valores**, 31 de outubro de 2018. Disponível em: <https://usinadevalores.org.br/o-bem-viver-e-a-radicalidade-de-sonhar-outros-mundos>. Acesso em 30 set. 2022.
- GOYTACÁ, A. **Abril indígena na @tekohawmarakana**. [S.l.], 28 de abril de 2022o. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cc5ZnIgrWDg/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>. Acesso em 05 jun 2023.
- GOYTACÁ, A. **Amanda Goytacá**, 2022a. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Argila branca da Amazônia**, 2022m. Fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Breu branco**, 2022l. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Ciclo sagrado feminino TekohawMaraka'nã**, 2020p. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Conferência nacional de saúde mental e bem viver dos povos indígenas na TekohawMarakà'nã**, 2020n. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Ervas secas – Erva de São João**, 2022k. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Ervas secas – Macela do Campo**, 2022j. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Fotografia kumbaya/fumo**, 2022i. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Hidratante labial, manteiga de cacau e urucum**, 2022c. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Perfume Botânico**, 2022e. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Repelente natural e artesanal**, 2022b. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Sinergia aromaterapêutica**, 2022d. 1 fotografia.
- GOYTACÁ, A. **Spray energético, óleo de massagem, tintura medicinal**, 2022f. 1 fotografia.

GOYTACÁ, A. **Tintura medicinal – extrato hidroalcoólico de plantas medicinais**, 2022g. 1 fotografia.

GOYTACÁ, A. **Unguento / pomada artesanal e natural**, 2022h. 1 fotografia.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 23-47, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 03 jun 2023.

GUSMAN, C.R.; VIANA, A. P. de A.L., MIRANDA, M. A. B., PEDROSA, M. V., VILLELA, W. V. Inclusão de parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde no Brasil: reflexão sobre desafios. **Rev Panam Salud Publica**, v.37, n.4-5, p.365 – 370. 2015. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/7709/v37n4-5a26.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 03 jun 2023.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v.22, n.48, p.75-90, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532/144946>. Acesso em 1 mar 2022.

HINOJOSA, V. T. C. Parteras Tradicionales Ancestrales em Bolivia dentro de la Política Nacional de Salud SAFCI. In SCHWEICKARDT, J. C. (Org.) **Parteiras Tradicionais: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde**. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. p.172-186.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 288p.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. 294p.

KAMBEBA, M. W. **O lugar do saber ancestral**. 2ª ed. São Paulo: UK'A, 2021. 140p.

KAMBEBA, M. W. **Saberes da Floresta**. - São Paulo: Jandaíra, 2020. 266p.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 246p.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. 758p.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a. 128p.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a. 104p.

KRENAK, Ailton, **Caminhos para a cultura do bem viver**. [S. l.]: Cultura do Bem Viver, 2020b. 36p.

LEITE, V. C. de O.; NOLASCO, E. C. Conceição Evaristo: escrevivências do corpo. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1566>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MACHADO, A. F. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 31, jan./fev., p. 27-47, 2020. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia\\_freire\\_machado\\_-\\_filosofia\\_africana\\_desde\\_saberes\\_ancestrais\\_femininos\\_-\\_o\\_ser-t%C3%A3o\\_que\\_h%C3%A1\\_em\\_n%C3%B3s.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia_freire_machado_-_filosofia_africana_desde_saberes_ancestrais_femininos_-_o_ser-t%C3%A3o_que_h%C3%A1_em_n%C3%B3s.pdf). Acesso em 03 jun. 2023.

MACHADO, V. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013. 151 p.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 120p.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S.l.], n.26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MOURA, E. A. F. Apresentação. In: SCHWEICKARDT, J. C. (org.) **Parteiras tradicionais**: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. p.8-11.

MOURA, M. M. de; CLEMENTINO; M. G. **Perspectivas pedagógicas afro-indígenas**. Parintins: João XXIII, 2021. 48p.

MUNDURUKU, D. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem e a cultura brasileira, São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, B. **Quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias de destruição. São Paulo: Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, K. R. de. Pedagogia da ancestralidade. **Eonline**, São Paulo, 18 jul. de 2019. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13431\\_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE) Acesso em 03 jun. 2023.

ÔRI. Produção de Raquel Gerber. São Paulo: Canal Curta, 1989. (93 min) Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori> Acesso em 03 jun 2023.

PENZANI, R. Krenak: "O que as crianças aprendem ficando presas? A fugir". **Lunetas**, Cultura, 02 maio 2019. Disponível em: <https://lunetas.com.br/ailton-krenak/#menu> Acesso 30 set. 2022.

PETIT, S. H.; SILVA, G. Pret@gogia: referencial teórico metodológico para o ensino de história e cultura africana e dos afrodescendentes. In: CUNHA JÚNIOR, H.; SILVA, J. da; NUNES, C. (org.). **Artefatos da Cultura Negra no Ceará**. Fortaleza: UFC, 2011.

PINTO, A. F. M. Temporalidades, história e memória. *In*: SANTANA, B.; CARNEIRO, N. (org.). **Insumos para ancoragem de memória negra**. São Paulo: Oralituras, Casa Sueli Carneiro, Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. p.10-26.

REIS, D. dos S. Corpo-documento: um ensaio para descolonizar memórias. **Revista Interterritórios**, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, v.8, n.16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/253338/40925> Acesso 03 jun 2023.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: educação e descolonização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021. 84p.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In*: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (SESPesq), 11, 2015, Porto Alegre. **Anais da XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação**. Porto Alegre: UniRitter, 2015. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/cecnudcen/wp-content/uploads/2018/03/PESQUISA-NARRATIVA-UMA-METODOLOGIA.pdf>. Acesso em: 08 jul 2022.

SANTOS, A. B. dos. **Porque ao invés de nos estudar, não nos contra para dar aula para vocês?** [S.l.], 06 de janeiro de 2022. Instagram: rocadequilombo. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CYaFPcwhQT9/>. Acesso em 03 jun 2023

SANTOS, A. B. dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. *In*: OLIVA, A. R.; MARONA, M. C.; FILICE, R. C. G.; NASCIMENTO, W. F. do (Org.) **Tecendo Redes Antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, DF:

SANTOS, A. B. dos. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/> Acesso 03 jun 2023.

SAUMA, J. F. Ser Coletivo, Escolher Individual: Território, medo e família nos Rios Erepecurú e Cuminã. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 33, 2009, Caxambu, MG. **Anais do 33º Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**. Caxambu, MG: ANPOCS, 2009. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-33-encontro/gt-28/gt26-9/2057-juliasauma-ser-coletivo/file>. Acesso 03 jun 2023.

SILVA, P. B. G. e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, [S.l.], v.30, n.3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso em 21 set. 2022.

SIQUEIRA, M. de L. Os quilombos e a educação. *In*: TRINDADE, A. L. **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro**. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013. p.153-157. Disponível em: [https://adab1e55-a3b4-419d-bca3-9eaa713ba1e5.filesusr.com/ugd/a00390\\_0485590dc1b04aeca4033cf664c94f6f.pdf](https://adab1e55-a3b4-419d-bca3-9eaa713ba1e5.filesusr.com/ugd/a00390_0485590dc1b04aeca4033cf664c94f6f.pdf) Acesso em 03 jun 2023.

SOARES, L. V.; MACHADO, P. S. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 21 jul. 2022.

TASSINARI, A. A “mãe do corpo”: conhecimentos das mulheres Karipuna e Galibi-Marworno sobre gestação, parto e puerpério. **Horizontes antropológicos**, v. 27, n. 60, maio/ago., 2021, p. 95-126. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200004>. Acesso 23 out. 2022

TORRES, M. C. L. **Circulando nas narrativas dos círculos de mulheres**: violência de gênero e memórias sociais. 2018. 235 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades y Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2018.

TRINDADE, A. L. **Africanidades brasileiras e educação**: salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013. Disponível em: [https://adab1e55-a3b4-419d-bca3-9eaa713ba1e5.filesusr.com/ugd/a00390\\_0485590dc1b04aeca4033cf664c94f6f.pdf](https://adab1e55-a3b4-419d-bca3-9eaa713ba1e5.filesusr.com/ugd/a00390_0485590dc1b04aeca4033cf664c94f6f.pdf). Acesso em 03 jun 2023.

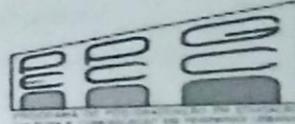
TRINDADE, A. L. Valores Civilizatórios e a educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (org.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.11-16. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2019/07/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em 03 jun. 2023.

VALDINA, M. **Ancestralidade**. [S.l], 2021. 1 vídeo (1min 19s). Publicado pelo canal Agô – Música e Ancestralidade. Disponível em: <https://youtu.be/N914diwjRbU>. Acesso em 21 set. 2022.

XACRIABÁ, Célia. Só sabe ser humano quem sabe ser natureza. In: LIMA, M. B. de (org.). **Oboré**: quando a terra fala. São Paulo: Instituto Arapoty, 2022.

XAVIER, G. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão. **Saúde Debate**, | Rio de Janeiro, v. 45, n. especial 1, p. 51-59, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hWkNRp7rp3BxNJJbyywkVXG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 03 jun. 2023.

## APÊNDICE A- Termo de Consentimento Maria das Graças C. Gomes



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO EM  
PERIFERIAS URBANAS - PPGCEC

**TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos maria das Graças Rocha Gomes para participar da pesquisa intitulada provisoriamente como “Corpo, Memória e Ancestralidade - Saberes e práticas de Mulheres Guardiãs”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda **Tatiana Vasconcelos Cordeiro**, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, tendo como orientadora a professora doutora **Sônia Beatriz dos Santos**.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres parteiras, rezadeiras, benzedeiras e erveiras dialogando com as categorias corpo, memória e ancestralidade.

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência dessas mulheres produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos relacionados à saúde.

A partir desse cenário, é possível dialogar com tais saberes enquanto tecnologia desenvolvida por nossos ancestrais e sua importância em uma luta antirracista e de descolonização da educação ao questionar - quem são as mulheres guardiãs de saberes contemporâneas? Que histórias seus **corpos** contam? Suas **memórias** que também são **ancestrais** estão presentes em suas práticas? Rezadeiras, erveiras, benzedeiras, parteiras - quais saberes ancestrais e práticas de autocuidado/cuidado carregam hoje em seu cotidiano?

Convidar a um alargamento da visão hegemônica da educação discutindo como esse **corpo-memória** que também é **ancestral** é visto e significado na educação ou enquanto saber, reconhecendo a escola em seu sentido originário da palavra, scholé - ócio, tempo livre para o

diálogo é apostar no cruzamento entre os saberes, corpos, memória e ancestralidade enquanto constituintes da escola viva, brincante e transgressora como o chão de um terreiro/aldeia.

Os resultados da pesquisa serão analisados, apresentados, podendo ser publicados; observando os princípios éticos da pesquisa científica. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua participação nesta pesquisa consistirá, apenas, em responder as perguntas do formulário e/ou da entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Para quaisquer outras informações, será possível entrar em contato com a pesquisadora através do telefone 21 99821-9460 ou pelo e-mail [tatiana.vasconcelos@id.ufl.br](mailto:tatiana.vasconcelos@id.ufl.br)

Eu Maria das Graças Lenice Gomes RG: 06.465.822 ; 2  
CPF: 070.329.497.03; (contato: 97373.9429) declaro  
para os devidos fins que fui informado/a/e sobre o trabalho que a pesquisadora pretende realizar e o  
motivo de minha colaboração, entendendo perfeitamente todo conteúdo aqui descrito. Sendo assim,  
concordo em participar da pesquisa, ciente de que não receberei qualquer remuneração para tal.  
Sobre a minha identificação: ( ) anônima ( ) nominal

Este documento será emitido em duas vias de igual teor que serão assinadas por mim pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma das partes.

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 2022

Maria das Graças Lenice Gomes  
PARTICIPANTE

Tatiana Vasconcelos Cordeiro

PESQUISADORA

## APÊNDICE B-Termo de Consentimento Luiza M. da Silva



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO EM  
PERIFERIAS URBANAS - PPGECC

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Luiza Maria da Silva para participar da pesquisa intitulada provisoriamente como “Corpo, Memória e Ancestralidade - Saberes e práticas de Mulheres Guardiãs”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda Tatiana Vasconcelos Cordeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, tendo como orientadora a professora doutora Sônia Beatriz dos Santos.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres parteiras, rezadeiras, benzedeiras e erveiras dialogando com as categorias corpo, memória e ancestralidade.

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência dessas mulheres produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos relacionados à saúde.

A partir desse cenário, é possível dialogar com tais saberes enquanto tecnologia desenvolvida por nossos ancestrais e sua importância em uma luta antirracista e de descolonização da educação ao questionar - quem são as mulheres guardiãs de saberes contemporâneas? Que histórias seus **corpos** contam? Suas **memórias** que também são **ancestrais** estão presentes em suas práticas? Rezadeiras, erveiras, benzedeiras, parteiras - quais saberes ancestrais e práticas de autocuidado/cuidado carregam hoje em seu cotidiano?

Convidar a um alargamento da visão hegemônica da educação discutindo como esse **corpo-memória** que também é **ancestral** é visto e significado na educação ou enquanto saber, reconhecendo a escola em seu sentido originário da palavra, scholé - ócio, tempo livre para o

diálogo é apostar no cruzamento entre os saberes, corpos, memória e ancestralidade enquanto constituintes da escola viva, brincante e transgressora como o chão de um terreiro/aldeia.

Os resultados da pesquisa serão analisados, apresentados, podendo ser publicados, observando os princípios éticos da pesquisa científica. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua participação nesta pesquisa consistirá, apenas, em responder as perguntas do formulário e/ou da entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Para quaisquer outras informações, será possível entrar em contato com a pesquisadora através do telefone 21 99821-9460 ou pelo e-mail [tatianasasconcelos@id.uff.br](mailto:tatianasasconcelos@id.uff.br)

Eu Luiza Maria da Silva RG: 21730-0649  
CPF: 569716792-82; (contato: \_\_\_\_\_) declaro  
para os devidos fins que fui informado/a/e sobre o trabalho que a pesquisadora pretende realizar e o motivo de minha colaboração, entendendo perfeitamente todo conteúdo aqui descrito. Sendo assim, concordo em participar da pesquisa, ciente de que não receberei qualquer remuneração para tal. Sobre a minha identificação: ( ) anônima ( ) nominal

Este documento será emitido em duas vias de igual teor que serão assinadas por mim pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma das partes.

Rio de Janeiro, 22 de Julho de 2022

Luiza Maria da Silva

PARTICIPANTE

Tatiana Asconcelos Cordão

PESQUISADORA

## APÊNDICE C - Termo de Consentimento Lady C. de Almeida



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO EM  
PERIFÉRIAS URBANAS - PPGCEC

**TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos Lady Christina de Almeida para participar da pesquisa intitulada provisoriamente como “Corpo, Memória e Ancestralidade - Saberes e práticas de Mulheres Guardiãs”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda **Tatiana Vasconcelos Cordeiro**, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, tendo como orientadora a professora doutora **Sônia Beatriz dos Santos**.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres parteiras, rezadeiras, benzedeiros e erveiras dialogando com as categorias corpo, memória e ancestralidade.

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência dessas mulheres produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos relacionados à saúde.

Os resultados da pesquisa serão analisados, apresentados, podendo ser publicados; observando os princípios éticos da pesquisa científica. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua participação nesta pesquisa consistirá, apenas, em responder as perguntas do formulário e/ou da entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Para quaisquer outras informações, será possível entrar em contato com a pesquisadora através do telefone 21 99821-9460 ou pelo e-mail [tatianavasconcelos@id.uff.br](mailto:tatianavasconcelos@id.uff.br)

Eu Lady Christina de Almeida RG: 10505332-6  
CPF: 033337657-99 (contato: (21) 99423-9507) declaro  
para os devidos fins que fui informado/a/c sobre o trabalho que a pesquisadora pretende realizar e o motivo de minha colaboração, entendendo perfeitamente todo conteúdo aqui descrito. Sendo assim, concordo em participar da pesquisa, ciente de que não receberei qualquer remuneração para tal, autorizando, portanto, o uso da gravação da entrevista, assim como das fotografias que compartilhei sobre as atividades que desenvolvo.

Sobre a minha identificação:

( ) anônima (X) nominal

Este documento será emitido em duas vias de igual teor que serão assinadas por mim pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma das partes.

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2012

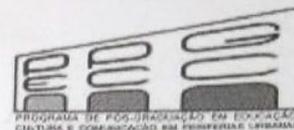
Lady C de Almeida

PARTICIPANTE

tatiana vasconcelos cordão

PESQUISADORA

## APÊNDICE D - Termo de Consentimento Amanda M. L. Oliveira



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO EM  
PERIFERIAS URBANAS - PPGECC

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Amanda Maria Lopes de Oliveira para participar da pesquisa intitulada provisoriamente como “Corpo, Memória e Ancestralidade - Saberes e práticas de Mulheres Guardiãs”, sob responsabilidade da pesquisadora mestranda **Tatiana Vasconcelos Cordeiro**, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, tendo como orientadora a professora doutora **Sônia Beatriz dos Santos**.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e registrar os saberes e práticas ancestrais de cuidado que compõem o ofício de mulheres parteiras, rezadeiras, benzedadeiras e erveiras dialogando com as categorias corpo, memória e ancestralidade.

A relevância deste tema de pesquisa está evidenciada numa visão de contribuição para a retomada do protagonismo e para a manutenção da memória viva de tais saberes ao colaborar com a produção acadêmica que tem como proposta sistematizar a vivência dessas mulheres produzindo um estudo bibliográfico, de um saber que tem a sua origem numa tradição oral, surgida através da experiência de mulheres negras e indígenas, denominadas guardiãs de saberes ancestrais, que absorveram e transmitiram conhecimentos relacionados à saúde.

Os resultados da pesquisa serão analisados, apresentados, podendo ser publicados; observando os princípios éticos da pesquisa científica. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua participação nesta pesquisa consistirá, apenas, em responder as perguntas do formulário e/ou da entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Para quaisquer outras informações, será possível entrar em contato com a pesquisadora através do telefone 21 99821-9460 ou pelo e-mail [tatianavasconcelos@id.uff.br](mailto:tatianavasconcelos@id.uff.br)

Eu Amanda Mara Lopes de Oliveira RG: 215343476  
CPF: \_\_\_\_\_; (contato: 21.98253.2290) declaro  
para os devidos fins que fui informado/a/e sobre o trabalho que a pesquisadora pretende realizar e o motivo de minha colaboração, entendendo perfeitamente todo conteúdo aqui descrito. Sendo assim, concordo em participar da pesquisa, ciente de que não receberei qualquer remuneração para tal, autorizando, portanto, o uso da gravação da entrevista, assim como das fotografias que compartilhei sobre as atividades que desenvolvo.

Sobre a minha identificação:

( ) anônima (x) nominal

Este documento será emitido em duas vias de igual teor que serão assinadas por mim pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma das partes.

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 2022.

Amanda Mara Lopes de Oliveira

PARTICIPANTE

Tatiana Vasconcelos Leardini

PESQUISADORA